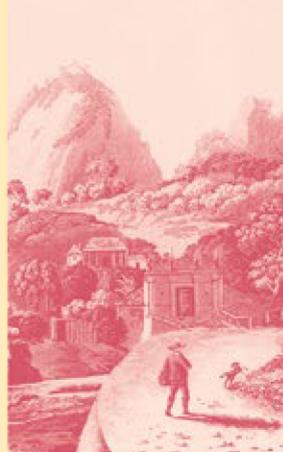


Laranjeiras e Cosme Velho

História e memórias afetivas



Beatriz Novaes


SOMO EDITORA



Beatriz Novaes

Laranjeiras e Cosme Velho

História e memórias afetivas

Laranjeiras e Cosme Velho: História e memórias afetivas
Copyright © 2024 Beatriz Novaes
1ª edição 2024

Beatriz Novaes

Somos Editora
Av. Dr. Adhemar de Barros, 1817 – Jardim Maringá
12245-010 São José dos Campos, SP
Tel.: +55 12 98191-5888
neide@somoseditora.com.br | www.somoseditora.com.br

Coordenação Editorial: Neide Pereira Pinto

Preparação: Edvaldo Pereira Lima

Revisão: Simone Zac

Direção de Arte: Sergio Alencar

Projeto Gráfico e Desktop: Dsign/SA

Ilustrações: Renny Pereira, Bruna Marie

Fotografias: Custódio Coimbra e Eduardo Ribas

Pesquisa iconográfica: Beatriz Novaes e Hugo Hamann

Edição de imagens: Somos Editora

Laranjeiras e Cosme Velho

História e memórias afetivas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novaes, Beatriz

Laranjeiras e Cosme Velho : história e memórias afetivas /
Beatriz Novaes. – São José dos Campos, SP: Somos Editora, 2024.

Bibliografia.

ISBN 978-65-993227-9-2

1. Bairros – Descrição 2. Rio de Janeiro (Estado)
– História I. Título.

24-224844

CDD-981.53181

Índices para catálogo sistemático:

1. Rio de Janeiro : Cidade : História 981.53181

Tábata Alves da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9253

Impresso no Brasil, 2024.

1ª EDIÇÃO
RIO DE JANEIRO, 2024





Agradecimentos

Gostaria de iniciar agradecendo aos meus amigos, moradores da Travessa Pinto da Rocha, local de destaque deste livro, que me enviaram com muito carinho e interesse seus relatos afetivos sobre suas vivências de infância, adolescência e do valor emocional que a Travessa deixou em suas vidas. Foi uma delícia e uma viagem no tempo por gerações saborear cada texto.

Em especial minha amada mãe, Lourdes, a Verinha, Kakaia Pucheu e a Claudia Antonaccio, amigas de uma vida, que foram as grandes motivadoras e articuladoras para os contatos e relatos dos moradores. Vocês estiveram sempre próximas e prontas para tirar dúvidas e me animar com este projeto. Sem vocês este livro não aconteceria.

Especiais agradecimentos a Letícia Freitas, Regina e Roberto Gomes de Oliveira, que me ajudaram com os encontros e me fizeram reviver os momentos deliciosos que passamos na Travessa. Vocês me receberam com o maior carinho, papos ótimos e o saboroso suco de acerola feito pelo Roberto.

Minha enorme gratidão aos amigos de longa data Lúcio Beleza e Alceu Amoroso Lima Neto, que me alimentaram com textos, livros e documentos importantes para a composição do histórico do bairro. Lúcio, morador apaixonado do Largo do Boticário no Cosme Velho e de um enorme conhecimento histórico do bairro, sempre disposto a trocar informações preciosas.

Alceu, amigo especial, obrigada por todas as fotos e textos que me enviou sobre seu avô, escritor maravilhoso que fascinou gerações e que foi não só amigo como grande mentor do meu pai, também escritor.

Gratidão especial a José Pougy, Alice, Martha Pougy e Sérgio Henrique, que me receberam com enorme carinho para um café delicioso e conversas sem fim sobre as histórias de Laranjeiras. José Pougy já escreveu dois livros sobre o bairro e, além de morador por mais de 80 anos, é um profundo conhecedor e pesquisador apaixonado pela região. Foi um enorme prazer estar com vocês.

Todos foram essenciais neste projeto!

Sou igualmente grata aos diretores e funcionários do Arquivo Geral da Cidade, Museu Histórico Nacional e Instituto Moreira Salles, que me ajudaram com os arquivos de fotos antigas para recheiar o livro com belas imagens.

Ao fotógrafo e amigo por quem tenho grande afeição Eduardo Ribas, que fez lindos registros da arquitetura dos bairros de Laranjeiras e Cosme Velho. Sempre em busca da melhor luz e do melhor ângulo para fazer o registro das preciosidades arquitetônicas que ainda resistem.

Ao querido amigo Sérgio Magalhães, pessoa e profissional que admiro imenso e me deu a honra de escrever o prefácio. Obrigada por sua leitura tão atenta e criteriosa, captando a essência do trabalho.

Não poderia esquecer de agradecer a toda equipe da Editora Somos, em especial aos amigos Neide Pereira Pinto, Sérgio Alencar, Edvaldo Pereira Lima e Simone Zac, sempre dispostos a me orientar e ajudar com esmero a transformar muitas ideias em Projeto.



Dedicatória

Dedico este livro inicialmente aos meus avós Crimilde e Antônio Rego e minha bisa, a adorável Yayá, grandes inspiradores, que me proporcionaram a oportunidade de viver momentos lindos e memórias mágicas nesta pequena Travessa de Laranjeiras, deixando marcas na pessoa que sou hoje.

Ao meu grande amor, Paulo, que me incentiva sempre e alimenta meus sonhos. Obrigada por estar sempre do meu lado dando asas a minha imaginação! Dedico igualmente aos meus filhos tão amados, Renny, Deco e Paulinha, sempre dispostos a escutar minhas histórias e vivências de infância, trocar ideias e ajudar nas inspirações e criatividade. Adoro vocês!



Prefácio

“A forma da cidade muda mais rápido, hélas, do que o coração de um mortal.”

Quando o poeta da modernidade francesa Charles Baudelaire assim se expressou ante as grandes obras de Paris, em 1857, apenas começavam as transformações urbanas globais que se estendem até hoje. A apreensão das cidades tornou-se algo muito complexo, cada vez mais afastado da percepção dos cidadãos.

A cidade que o século XIX inaugurou e que o século XX amplificou é a cidade da multidão e da velocidade. A transformação dos espaços é o elemento visível que nos alcança e que nos afasta de nosso ambiente conhecido, de nosso ambiente de afeto, como diz Beatriz Novaes. Mas os espaços correspondem às alterações nas relações sociais, na tecnologia, nos equipamentos urbanos, na economia, na política, na vida, enfim.

A sensação de desterritorialização, e a efetiva desterritorialização, é corolário desse cenário. A quebra de vínculo, pessoal ou do grupo, com o território não é destituída de consequências importantes para a sociedade, pois é reconhecida a construção da identidade coletiva e da coesão social a partir do lugar.

O sociólogo norte-americano Richard Sennett¹ estudou grupos de profissionais com curso superior nos Estados

Unidos e avaliou que, segundo as condições de mudanças de trabalho e de cidade, e sua consequente desterritorialização, as pessoas de meia idade já não tinham quem as acompanhasse ao longo de sua história de vida.

Ao nos apresentar suas memórias de afeto tendo como cenário o bairro das Laranjeiras e a Travessa Pinto da Rocha, Beatriz Novaes nos conduz, justamente, à valorização das nossas referências espaciais como alicerce de nossa cidadania. Arquiteta, sabe o valor do espaço – tão subestimado tantas vezes.

O conhecimento de nossos lugares de vida se entrelaça com a nossa própria cidadania. Trazer a história das nossas ruas, de suas arquiteturas, de suas gentes para o conhecimento das gerações presentes e futuras é, além de tarefa meritória, um sinal de amor para com a cidade e sua população. Sobretudo, pode ser percebido como um instrumento para a paz quando se aguçam os conflitos, a desigualdade e a intolerância.

Neste livro as ruas de Laranjeiras são protagonistas que se nos apresentam ao longo da história e no acolhimento de seus moradores, tantos deles destacados pela autora como valorização dos seus vínculos com o lugar.

As arquiteturas selecionadas nos ajudam a compreender o significado do espaço no tempo.

Não obstante a importância das ruas, suas histórias, das arquiteturas, de seus espaços, contudo, destaque destas memórias de afeto o reconhecimento de quão rica é a ci-

¹ Sennett, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

dade, tão complexa, que, em uma pequena travessa de pouco mais de cem metros de comprimento, e com casas apenas de um lado da rua, se apresenta com uma diversidade tão expressiva. Nela vivem e viveram universos familiares de origens variadas, do Piauí ao Rio Grande do Sul, de portugueses, alemães, austríacos, franceses, ingleses, italianos.

Como nos diz Beatriz Novaes, “esta Travessa é um exemplo vivo de famílias que conviveram e guardaram recordações de um tempo que não volta mais, porém são registros sociais e urbanos interessantes para se entender redes e relações com o território da cidade”.

Cada momento histórico tem suas peculiaridades, suas idiossincrasias. Este nosso, porém, exacerbou. As transformações vividas em todos os campos, de que o urbano é uma síntese, e as transformações que se estão anunciando, não deixam dúvidas: este tempo muda mais rápido que o coração de Baudelaire.

Como uma vacina à intolerância e ao individualismo, à segregação e à desigualdade, categorias que se associam firmemente a este nosso tempo, convém ouvir nossas memórias de afeto e reconhecer o valor da convivência amistosa e fraterna, como nos demonstra este livro com a Travessa Pinto da Rocha.

Boa leitura.

Sérgio Magalhães

Arquiteto e doutor em urbanismo (UFRJ/FAU-Prourb)





Panorama, trecho da Rua das Laranjeiras com vila operária da fábrica de tecidos Aliança (atual Rua General Glicério) e ao fundo Morro de Santa Marta e pico do Corcovado. Foto de Juan Gurtierrez – Arquivo Museu Histórico Nacional.

Sumário

Prefácio	10
Arquitetura, memórias e afetos	20

1 Histórico do bairro de Laranjeiras e Cosme Velho

Séculos XVII e XVIII	27
A criação dos bairros	29
A importância do Rio Carioca	36
Bica da Rainha	39
Caminho Férreo	43
Grandes transformações urbanas	47
Pessoas, usos e fábricas: mudanças no século do progresso	53
Herança cultural	55
Relatos de ilustres	58

2 Prédios históricos de importância arquitetônica e cultural

Palácio das Laranjeiras	67
Parque Guinle	70
Palácio Guanabara	72
Fluminense Futebol Clube	76
Casas Casadas	78
Solar dos Abacaxis	79
Largo do Boticário	81
Instituto Surdos e Mudos	84
Instituto João Alves Afonso	87
Escola Estadual Amaro Cavalcanti	88
Escola Municipal Anne Frank	90
Cenáculo	90
Santuário São Judas Tadeu	92
Museu de Pediatria Brasileira	94
Estrada e Estação do Trem do Corcovado	95
Fundação Roberto Marinho	98

3 Ruas e praças relevantes

Rua Alice	103
Rua das Laranjeiras	104
Rua Pinheiro Machado	105
Rua Coelho Neto	107
Rua Gago Coutinho	108
Rua Pereira da Silva	109
Rua e Praça General Glicério	109
Rua Paissandu	110
Rua Ipiranga	112
Rua Pires de Almeida	113
Rua Soares Cabral	114
Largo do Machado	115
Praça São Salvador	117
Praça Ben-Gurion	119

4 Travessa Pinto da Rocha

Histórico da ocupação das casas	122	
Relatos afetivos	124	
Casa 12	Família Dias Fernandes	127
	Família Souza Leite	
Casa 18	Família Gomes de Oliveira	151
Casa 28	Família Pucheu	157
Casa 32	Família Freitas	179
Casa 36	Família Bockel	189
	Família Lucano	
Casa 40	Família Rego	195
Casa 50	Família Antonaccio	229
Emoções do passado costurando o presente e o futuro	232	
Sobre a autora	235	
Créditos e referências bibliográficas	236	

Arquitetura, memórias e afetos



A ideia inicial deste livro surgiu da intenção de registrar minhas memórias afetivas desse bairro da cidade do Rio de Janeiro que frequentei muito na infância e adolescência. Um bairro que foi muito relevante no meu desenvolvimento, na minha relação com a cidade, nas minhas relações sociais e afetivas. Na Travessa Pinto da Rocha tive uma infância muito feliz de livre brincar na rua. Fiz muitos amigos com as famílias que ali moravam e com as quais mantenho contato até os dias de hoje.

Gostaria de explorar também as impressões de outras pessoas que frequentaram a mesma Travessa e de como foi este significado em suas vidas. O que foi a experiência delas, que sentido trouxe para a vivência com essa mesma área do maravilhoso e encantador Rio de Janeiro? Que memória afetiva trazem, quais pontos em comum e em que diferem das minhas?

O querido bairro de Laranjeiras e Cosme Velho tem uma importância para a cidade do Rio de Janeiro, tanto do ponto de vista histórico quanto cultural e arquitetônico. O bairro nasceu no tempo das sesmarias, quando os portugueses chegaram e começaram a distribuir terras para



os nobres, com a intenção de ocupar o território e mantê-lo sob controle.

Inicialmente, a região era composta por chácaras e grandes áreas rurais. Ao longo do tempo, com o aparecimento do transporte e o desmembramento dessas chácaras, passou por grandes transformações urbanas, tornando-se um bairro de passagem. É conhecido por sua arquitetura diversificada que inclui casas, palacetes e edifícios de diferentes épocas e estilos. Entre eles, o Palácio Laranjeiras, o Palácio Guanabara, a sede do Fluminense Futebol Clube, as Casas Casadas, o Solar dos Abacaxis. E mais conjuntos arquitetônicos como o Largo do Boticário, o Parque Guinle e muitas outras edificações relevantes.

Além do valor arquitetônico, o bairro se destaca por abrigar o ponto de nascimento do Rio Carioca, outrora muito conhecido e de importância crucial para a história e o desenvolvimento da cidade, como fonte de abastecimento de água. Além disso, ali passa o Caminho Férreo para

Vista de Laranjeiras e ao fundo, à esquerda, enseada de Botafogo. Foto de Marc Ferrez.

Página seguinte: Ponto de chegada da Estrada de Ferro do Corcovado, poucos metros abaixo do mirante conhecido como “Chapéu do Sol”. Foto de Juan Gutierrez – Arquivo Museu Histórico Nacional

acesso ao Corcovado, cruzando parte da Floresta e outras riquezas naturais, parques e praças.

A região também foi palco de muitos acontecimentos históricos, com destaque para a Revolução de 1964, quando houve a ocupação do Palácio do governo federal pelas tropas militares.

Os bairros da região também sempre foram conhecidos pela sua vida cultural e por abrigar importantes espaços culturais, como o Museu Internacional de Arte Naïf do Rio de Janeiro, a Fundação Roberto Marinho, o Museu da Pediatria Brasileira, o Museu do Trem do Corcovado e outros centros culturais.

Houve muitos intelectuais e artistas, sobretudo escritores, que lá escolheram para viver. Entre os mais famosos, estão Lima Barreto, Villa-Lobos, Machado de Assis, Coelho Neto, Olavo Bilac, Max Fleiuss, João Manuel Pereira da Silva, José Antônio Lisboa, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Augusto Rodrigues, Cecília Meireles, Eugênio Gudín, Osvaldo Aranha, Clarice Lispector, Oscar Niemeyer, Raul e Mery Pedrosa, Edgar e Ivana Duvivier e muitos outros.

Além de escritores e artistas, Laranjeiras e Cosme Velho também abrigaram muitos outros personagens ilustres, políticos, empresários e intelectuais, contribuindo para uma rica história e diversidade cultural do local.

Minha intenção é trazer ao leitor um pouco dessa história, riqueza e diversidade.





1



Histórico do Bairro de Laranjeiras e Cosme Velho

Capítulo I



O bairro de Laranjeiras, juntamente com os da Glória, Catete, Flamengo e Cosme Velho, faz parte da bacia hidrográfica do Rio Carioca, antiga e importante região da cidade do Rio de Janeiro conhecida como “terras da Carioca”. A sua história confunde-se com a da própria cidade, pois de tão importante deu o nome às pessoas que nela nascem.

Carioca, casa dos acarís, é como o chamavam os nativos que nele se banhavam, por atribuírem às suas águas qualidades extraordinárias. Foi a qualidade dessas águas que fez com que Gonçalo Coelho, na expedição de 1503, usasse a foz desse rio para abastecer seus barcos, estabelecendo ali uma feitoria, a primeira construção portuguesa no Rio de Janeiro, conhecida como a “Casa de Pedra”. Carioca em Tupi significa também “morada do branco” e teria sido esse o nome dado pelos índios à casa.

A região da Carioca foi dividida em sesmarias, distribuídas entre aqueles que haviam lutado para a expulsão dos franceses e que dispunham de recursos humanos e materiais para desenvolver suas propriedades. Coube à família do fidalgo da Coroa Portuguesa Cristóvão Monteiro, com seus três filhos e o genro José Adorno – dono do maior engenho de São Vicente –, a maior sesmaria. Nela construíram uma casa com torre e moinho. Juntamente com vários benfeitores e sesmeiros como: Padre Cosmo, Domingos Francisco de Araújo Rozo (Chácara do Rozo), Domingos Carvalho de Sá (Chácara de Sá),

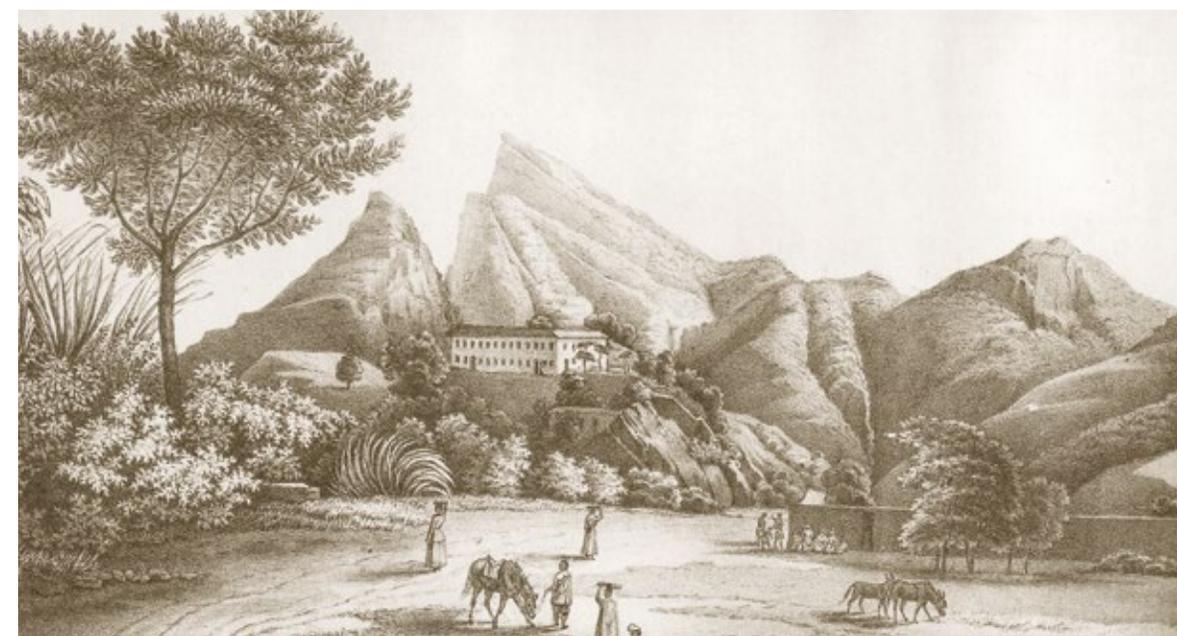
Manuel Guedes Pinto e Machado Coelho (Chácara das mangueiras), Antônio Joaquim Pereira Velasco (Chácara do Velasco), Úrsula Maria de Bonsucesso e Venâncio Lisboa (Chácara do Lisboa), esses primeiros moradores iniciaram a transformação da área, derrubando matas, abrindo roças, desenvolvendo a indústria cerâmica, sobretudo na área do Catete.

“Uma várzea de terras planas, que se estreita ao se aproximar da serra coberta de exuberante vegetação, margeando um rio de águas límpidas”, foi a visão dos portugueses que primeiro exploraram a região, como Cristóvão Monteiro e outros. A primeira obra pública foi uma estrada unindo a Cidade Velha com a Cidade Nova, que resultou nas atuais ruas do Catete e Senador Vergueiro.

Séculos XVII e XVIII

Realizada a ocupação da Carioca pelos primeiros sesmeiros, os sucessores, ao longo do século XVII, transformaram suas chácaras em produtoras de hortaliças, legumes, frutas,

Caminho das Laranjeiras e, ao fundo, Mansão da família Rozo, no Morro da Graça. Gravura de Thomaz Endler.



cereais – principalmente arroz – e farinha de mandioca. Uns preferiram explorar a indústria cerâmica, outros a extração de pedras. Os monges de São Bento foram os primeiros a abrir uma pedreira, no atual Morro da Viúva, e de lá retiraram pedras para a construção do seu convento. Da pedreira situada no final da atual Rua Pedro Américo saiu o material destinado à construção da Igreja da Glória – por isso a rua era conhecida antes como Pedreira da Glória –, e da pedreira da Rua Bento Lisboa saiu a pedra para a Igreja da Candelária. Além da exploração agrícola e industrial das terras da Carioca, os proprietários abasteciam a cidade com lenha e carvão produzidos pela derrubada de suas matas.

Também vendiam a água do Rio aos moradores do centro da cidade. Esse rendoso comércio dos “aguadeiros da Carioca” só veio a diminuir com a construção do aqueduto que levou as águas do Carioca diretamente para o centro, em 1736.

Imagem da Rua Carvalho de Sá (atual Gago Coutinho).
Foto de George Leuzinger,
séc. XIX.



A criação dos bairros

Os ricos proprietários, que em sua maioria dedicavam-se ao comércio ou eram militares graduados, transformaram suas chácaras com belas casas senhoriais. Com isso, essa região da cidade foi gradativamente adquirindo um ar de bairro urbano “chique”.

Os proprietários que tinham casa de moradia no centro da cidade, embora continuassem explorando comercialmente as chácaras, deram-lhes outra conotação, usando-as como espaço de lazer de suas famílias. Eram pessoas importantes, como o comerciante Cosme Velho Pereira – que mais tarde veio a dar nome ao atual bairro do Cosme Velho (antes conhecido como Águas Férreas) – ou André Nogueira Machado, que também deu nome ao Largo que ficava em frente à sua propriedade.

No século XVIII essas terras começam a ser identificadas em três zonas distintas: a da Glória, a do Catete – que ia até o Morro da Viúva – e o interior do Vale nomeado Laranjeiras, abrangendo desde o Largo do Machado, antigo Campo das Pitangueiras, inclusive, até a caixa d’água do Rio Carioca, na Rua Almirante Alexandrino. O nome “Laranjeiras” aparece nos documentos desse século, e o mais antigo que encontramos data de 1780. Seu nome foi atribuído pela grande quantidade dessas árvores frutíferas na região.

O aspecto bucólico da Várzea do Carioca, com o entorno da Bica da Rainha e a fonte das Águas Férreas, atraía pes-



Palacete Abrantes.
Coleção Arquivo Geral
da Cidade, RJ.

soas notáveis da sociedade que ali foram se estabelecendo. O inglês George Brittain tinha um grande sobrado no alto do vale conhecido como Chácara do Inglês – alto da atual Ladeira do Ascurra. Também se pode citar a Quinta de Cosme Velho Pereira e a Chácara de Antônio Peixoto do Vale, próximo à Mãe D'Água. Peixoto empreendeu, desmembrou terras, construiu a Vila do Peixoto e abriu vias públicas.

Outro grande proprietário, apelidado de “Boticário”, erigiu na mesma época, em parte de suas terras, o ainda pitoresco Largo do Boticário, conjunto de suas casas frontando um largo. Outro nobre, o português Antônio José Leite Guimarães, Barão da Glória, viu no vale a oportunidade de aumentar a sua fortuna. Comprou em 1838 grande chácara que ia da margem direita do Carioca até a confluência do Ribeirão das Caboclas, e daí até o início da atual Ladeira dos Guararapes, de fundos até o “Caminho do Inglês”. Em 1863, de volta a Portugal, vendeu a chácara para o amigo e procurador Comendador José Borges da Costa. Este chegou a possuir ali mais de 30 propriedades e morou em uma linda mansão conhecida como Solar dos Abacaxis, construída em 1843 pelo arquiteto José Maria Jacinto Ribeiro, discípulo de Grandjean de Montigny.

As regiões da Glória e do Catete foram as primeiras a se adensarem urbanisticamente, resultado da subdivisão das antigas chácaras em lotes de pequenas larguras de frente, neles sendo construídas casas modestas, acessíveis a uma população menos abastada. Iniciava-se a mudança de enfoque pelo proprietário da terra, passando do uso agrícola para a construção de edificações.



Vista do bairro de Laranjeiras. Foto de Marc Ferrez – Arquivo Instituto Moreira Salles.

O mesmo não ocorreu simultaneamente com as chácaras de Laranjeiras, que mantiveram suas dimensões primitivas. Embora muitas casas tenham sido construídas nessas chácaras, os proprietários as tinham para aluguel, sem delas desvincular o terreno.

Com a transferência do governo português para o Brasil e o estabelecimento da Corte no Rio de Janeiro, a região da Carioca foi beneficiada em decorrência de alguns nobres terem-na escolhido para residirem. A mudança do centro do poder estimulou um fluxo migratório. Desembarcaram na cidade muitos nobres e homens de negócios descontentes com a desordem reinante em Portugal, que não quiseram abandonar seu monarca para continuar a usufruir dos privilégios da corte. Também chegaram aqui ingleses e franceses antes estabelecidos em Lisboa, atraí-

dos pela perspectiva de lucros comerciais. Também aportou um grupo de artistas franceses e cientistas alemães e austríacos em 1816, aumentando o número de estrangeiros de bom nível social e financeiro.

A própria rainha Carlota Joaquina, em 1818, adquiriu uma chácara no Largo do Machado, parte da que pertencera ao tenente Antônio José da Silva. Imediatamente foram realizadas obras na chácara, sob a orientação do Arquitecto Real Manoel da Costa, para adaptá-la ao gosto de uma nobre europeia. A capela foi restaurada, e construído um mirante junto à casa principal, para que a rainha apreciasse a bela paisagem da baía da Guanabara. Por três anos, a rainha utilizou sua chácara de recreio das Laranjeiras. Mas, para saldar suas dívidas, os bens da rainha foram leiloados, entre eles essa chácara, que foi dividida em lotes. Os novos donos construíram suas casas, ganhando o Largo do Machado um aspecto de zona urbana.

Rua das Laranjeiras cerca de 1885. Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ.



O rápido aumento das construções nos terrenos da antiga chácara da rainha, a demanda da população da cidade por terrenos para edificações e por casas para aluguel, além das qualidades ambientais da região da Carioca, indicavam essa área como ideal para a expansão da cidade. Por isso, o comerciante Domingos Carvalho de Sá adquiriu a chácara que pertencera a Joaquim J. X. da Silva e, em 1837, abriu em parte dela a segunda rua do bairro. Até então só existia a rua das Laranjeiras. Essa rua, que tinha o seu nome: Carvalho de Sá, hoje chama-se Gago Coutinho. A venda dos lotes foi um sucesso. Três anos após, o filho do capitão Antônio Velasco abriu uma rua na propriedade que herdara e vendeu vários lotes, nascendo assim a terceira rua de Laranjeiras, atual Pereira da Silva.

Foi nessa rua que, em 1834, os moradores de Laranjeiras, Cosme Velho, Glória e Catete se reuniram na casa de Velasco para solicitarem ao poder público a criação da Freguesia de São José. Neste local funciona hoje o Convento Cenáculo. A capelinha de Nossa Senhora dos Prazeres, que se encontrava junto à casa dos Velascos, ainda existe e está integrada ao convento. O pedido foi aprovado, o que demonstra estar a região bastante desenvolvida, na época.

No segundo reinado (1840 a 1889), com a Proclamação da República e fim da monarquia, a ocupação do vale esteve ligada à forma de viver da corte, que buscava copiar o estilo de vida das cortes europeias. Estar próximo do Imperador, “ver e ser visto”, pertencer à “elite da Rua do Ouvidor” e participar das festas da nobreza foram os motivos que fizeram grandes fazendeiros e senhores de engenho construírem casa na cidade.

No final do século XVIII, o território das Laranjeiras, que abrangia também o bairro do Cosme Velho, encontrava-se dividido em 17 chácaras, cujos proprietários eram pessoas importantes e notáveis da sociedade carioca. Entre eles, o tenente-coronel Manuel Ribeiro Guimarães, o comerciante e capitão Antônio José da Silva, o cônego José de Souza Azevedo Pizarro, o capitão José Antônio da Fonseca Lima, João Pinto Gonçalves, o padre José Pires dos Santos (no alto do Cosme Velho), todos com chácaras do lado esquerdo do rio. Do lado oposto, a primeira propriedade – no atual Largo do Machado – era dos herdeiros do comerciante Caetano da Costa Coelho. Em seguida, Joaquim José Xavier da Silva (também proprietário da chacara do outro lado e em frente), capitão Antônio Pereira de Lima Velasco, André Simões de Lima, José da Silveira Goulart, Manoel da Cunha Neves (na chacara que foi de Cosme Velho Pereira) e, por fim, João da Costa Freitas.

Com o falecimento dos velhos proprietários, seus herdeiros foram loteando cada quinhão da herança e, ao findar o século XIX, já estavam abertas, além daquelas



Baía de Botafogo com pico do Corcovado ao fundo. Pintura de Willian Gore séc. XIX – Coleção Brasileira Fotográfica.



três primeiras ruas, mais 23 logradouros: Ipiranga, Píneiro Machado, Álvaro Chaves, Soares Cabral, Ribeiro de Almeida, Leite Leal, Sebastião de Lacerda, Alice, Mário Portela, Cardoso Junior, General Glicério (apenas a parte inicial), Eugênio Hussak, São Salvador, Praça São Salvador, Conde de Baependi, Senador Corrêa, Esteves Júnior, Paissandu, Coelho Neto, Marquesa de Santos, Moura Brasil, Paulo César de Andrade e Martins Ribeiro.

Palacete da Rainha Carlota Joaquina. Pintura de Willian Gore, séc. XIX – Coleção Brasileira Fotográfica.

A cidade cresceu, e a onda de negócios agitou a capital, que ganhou arborização, iluminação, além de calçamento com paralelepípedos. Surgiram livrarias, teatros, casas de banho, confeitarias e cafés luxuosos, pontos de encontro da elite da cidade.

A importância do Rio Carioca

O Rio Carioca está localizado no município do Rio de Janeiro. Nasce nas grotas das Paineiras, na Floresta da Tijuca, percorre os bairros de Cosme Velho, Laranjeiras, Catete e Flamengo e deságua na Baía da Guanabara, na altura da Praia do Flamengo. A maior parte de seu curso atualmente é subterrâneo. Em apenas três trechos suas águas correm a céu aberto. O primeiro, na sua nascente, na Floresta da Tijuca; o segundo, junto ao Largo do Boticário no Cosme Velho, e o terceiro na sua foz na Praia do Flamengo, junto à estação de tratamento de efluentes.

O Rio Carioca está intimamente vinculado ao desenvolvimento urbano da cidade, tendo sido usado como fonte de água doce desde os inícios da época colonial. Em 1503, na sua foz, onde hoje é a Praia do Flamengo, foi construída, a mando de Gonçalo Coelho, uma casa que ficaria para sempre marcada na memória do Rio de Janeiro. Os índios Tamoios que viviam na região passaram a chamá-la de *akari oka*, que possui alguns significados: Casa de Branco, “Casa de Cascudo”, sendo “Cascudo” o apelido dado pelos índios aos portugueses, por causa da semelhança entre as armaduras dos portugueses e as placas características do corpo desse peixe, Acari. Segundo alguns, o termo teria dado origem não só ao nome do rio, mas também ao nome da pessoa natural da cidade do Rio de Janeiro.

Outra interpretação, considerada a correta e mais natural, remete o nome do rio a uma aldeia Tupinambá que



Acima: Rio Carioca, conhecido também como Rio das Caboclas, atrás da Rua Ipiranga, 1906. Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ.



Ao lado: Canalização do Rio das Caboclas. Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ.

existia no sopé do outeiro da Glória, numa das duas fozes do rio. A outra era na Praia do Flamengo. Essa aldeia foi mencionada pelo francês Jean de Léry (1536-1613) em seu relato sobre a França Antártica. O nome da aldeia – *Kariôka, Kariók ou Karióg* – significava “casa de carijó”.

As águas do rio foram canalizadas e desviadas já nos séculos XVII e XVIII, durante a construção do Aqueduto da Carioca. Construído em 1723, captava água do alto de Santa Teresa, passando pelo atual caminamento da Rua Almirante Alexandrino e chegando ao local hoje conhecido como Arcos da Lapa, onde havia um chafariz do qual os escravos recolhiam água e transportavam para as casas de seus senhores. Terminado em 1750, o aqueduto alimentava várias fontes e chafarizes do Rio de Janeiro colonial. Uma das principais fontes localizava-se num largo no centro da cidade, o que deu origem à denominação do Largo da Carioca, antigo Campo das Pitangueiras. O rio foi, durante toda a época colonial, a principal fonte de água doce para a população. Na altura do atual Largo do Machado, formava a lagoa do Suruí, termo proveniente do tupi *siri y* que significa “rio dos siris”, da Carioca ou de Sacopiranha.

A Caixa da Mãe d’Água de 1774 e o reservatório da Carioca (1865), na Rua Almirante Alexandrino, atual número 5440, eram amostras de equipamentos muito importantes para a cidade no processo de evolução da captação, tratamento, armazenamento e distribuição de água.

Da lagoa da Carioca, uma parte das águas seguia até a foz do rio na Praia do Flamengo, e outra parte se desviava

para a esquerda, formando o Rio Catete, que desaguava na Praia do Russell, atualmente a Rua do Russell, no bairro da Glória. Mais tarde, tanto a Lagoa da Carioca quanto o Rio Catete foram aterrados. Desde 1905, após obras do prefeito Pereira Passos, o rio corre subterraneamente na maior parte de seu curso, visando prevenir inundações, em 2003, começou a entrar em operação uma estação de tratamento de efluentes na foz do rio, na Praia do Flamengo. O tratamento da água é necessário devido aos esgotos clandestinos jogados no rio ao longo de seu curso, através da rede pluvial.



Bica da Rainha

A primeira fonte de águas ferruginosas utilizada no Brasil ganhou o nome de Águas Férreas e estava situada no bairro das Laranjeiras, acima da mais conhecida Bica da Rainha. A fonte das Águas Férreas era conhecida pelos índios locais, que lhe atribuíam poderes curativos e qualidades fantásticas.



Situada no atual bairro do Cosme Velho, a fonte localiza-se na Rua Cosme Velho, próximo à estação de trem que leva ao Trem do Corcovado.

A Bica da Rainha foi construída no século XIX a fim de canalizar as águas de uma nascente próxima. Recebeu esse nome por homenagear as visitas que a rainha de Portugal, Dona Maria I, fazia ao local.

Desde o século XVIII, o local era procurado por pessoas que acreditavam que as águas dali provenientes tinham o poder de curar males, como a anemia. Tal crença despertou a curiosidade de Dona Carlota Joaquina, que passou a frequentar a bica. Carlota teria recomendado o local à sogra, Dona Maria I, que também passou a visitar a região. Em suas idas à bica, a rainha e sua nora eram seguidas por damas da corte e escravas, dando origem, assim, à expressão popular “Maria vai com as outras”, usada para criticar pessoas que não sabem se governar e seguem os passos de outrem. Diz-se que Dona Maria costumava praticar inúmeras loucuras na fonte, o que escandalizava a corte e atraía muitos curiosos.

Por esse motivo, a população apelidou o local de Bica da Rainha. O monumento não tinha o aspecto atual, pois, em 1845, foram-lhe feitas adaptações, deixando-a com uma aparência nitidamente neoclássica, por conta das estruturas de alvenaria que recebeu. Conforme a estética do período, a edificação contava com quatro colunas com capitel. Nas laterais havia óculos. No centro ficava a bica e na platibanda havia quatro delicadas pirâmides, coincidentes com as colunas. A feição original da construção foi



alterada em meados do século passado. Hoje, tem uma fachada clássica com duas pilastras, ligadas superiormente por uma cimalha que suporta uma platibanda, onde se lê a data de 1845. De cada lado, há uma rosácea.

Vista do Vale das Laranjeiras e Bica da Rainha em 1821. Gravura de Maria Graham.

A Bica da Rainha está em nível inferior à rua, de onde se desce por uma escada de nove degraus em blocos de pedra originais, que leva a uma área livre, hoje de piso de cantaria de granito. Ao abrir o gradil, verifica-se que no interior existe um reservatório que acumula a água,

direcionada para a bica externa. É uma construção sólida, de paredes de pedra emboçada.

O monumento foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938.

Um dos registros mais antigos é uma pintura de Maria Graham, que esteve no Rio de Janeiro entre 1821 e 1823. Ao retratar o Vale das Laranjeiras, ela mostrou essa fonte.



Bica da Rainha, construída no séc. XIX e localizada na Rua Cosme Velho. Fachada frontal clássica, já modificada da original. Foto Coleção Juan Gutierrez, Museu Histórico Nacional.

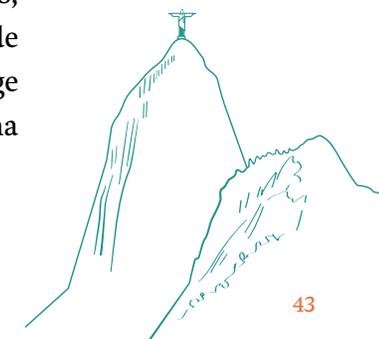


Caminho Férreo

Cosme Velho é um bairro da Zona Sul do município do Rio de Janeiro, situado no sopé do morro do Corcovado e do morro de Dona Marta, ocupando a parte mais alta do vale do Rio Carioca. Antes conhecido como Águas Férreas, tem como via principal a Rua Cosme Velho, continuação da Rua das Laranjeiras.

Ponto de chegada da Estrada de Ferro do Corcovado com Mirante Chapéu do Sol ao fundo. Foto de Juan Gutierrez – Arquivo do Museu Histórico Nacional.

O Cosme Velho é um bairro marcado pelo passado, tanto pelos monumentos históricos como pela memória dos seus moradores ilustres. Foi endereço de artistas, escritores e compositores como Machado de Assis, Manuel Bandeira, Euclides da Cunha, Austregésilo de Athayde, Alceu Amoroso Lima, Cecília Meireles, Jorge Mautner, Portinari, escultores Edgar Duvivier e Ivana



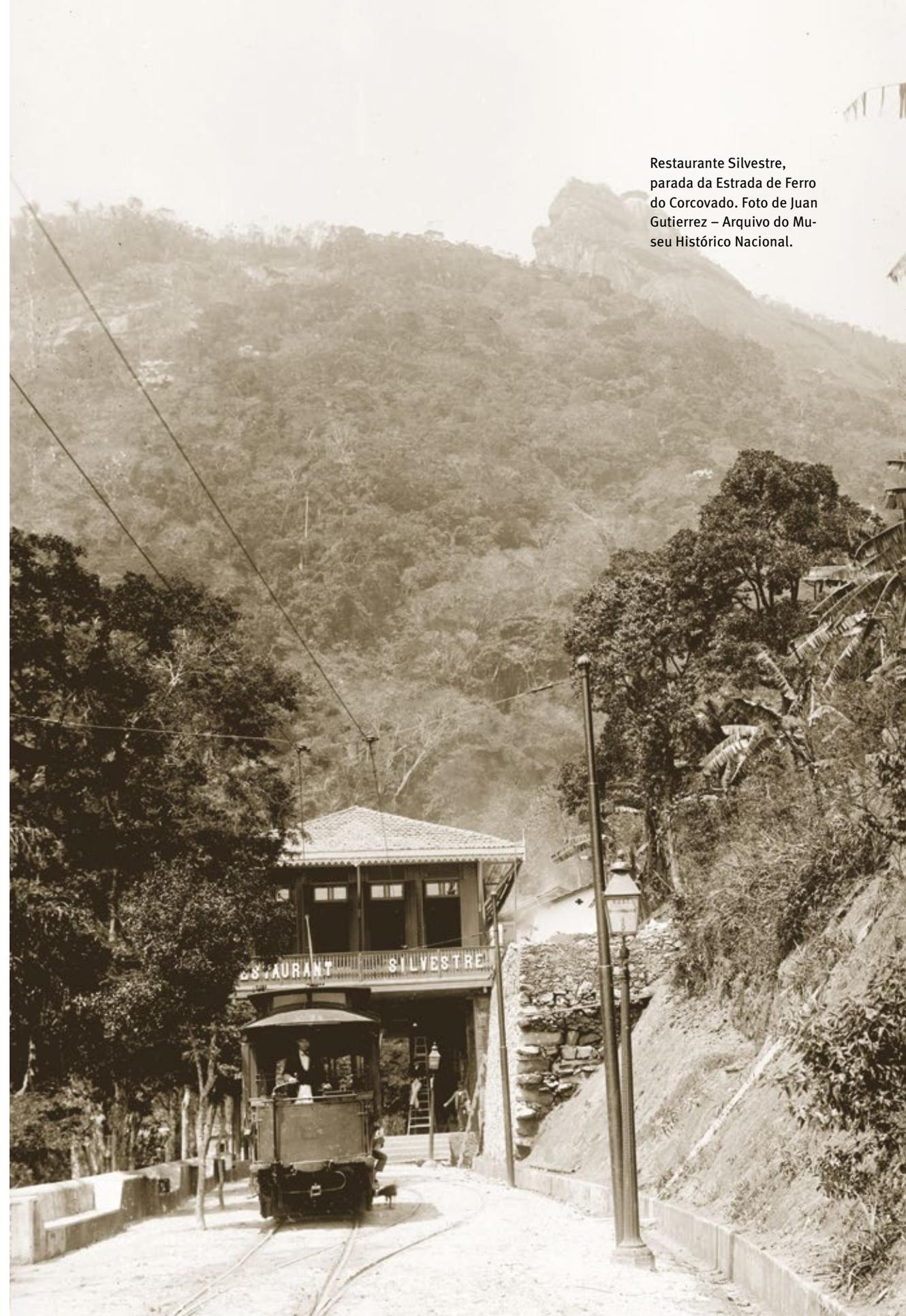
Duvivier, Raul Pedrosa e Mary Pedrosa e muitos outros. Também é um ponto turístico importante, pois nele se localiza a primeira estação do Trem do Corcovado, que leva hoje em dia os turistas a visitar o Cristo Redentor.

O Caminho Férreo do Cosme Velho teve grande importância histórica e social para a região. Inaugurado em 1884, o ramal ferroviário ligava o bairro de Botafogo ao Cosme Velho.

Sua construção foi uma grande obra de engenharia para a época e teve um importante papel no desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro e do turismo. A ferrovia tornou mais fácil o acesso ao Corcovado e ao bairro de Santa Teresa, na época considerados importantes. O Caminho Férreo também foi importante para o transporte de cargas e passageiros na região. Durante muitos anos, a ferrovia foi utilizada como transporte público e para o



Ponte da Estrada de Ferro do Corcovado, inaugurada em 1884. Nota-se sistema de cremalheira e comboio. Foi a primeira estrada de ferro do Brasil eletrificada em 1912. Foto de Juan Gutierrez – Arquivo do Museu Histórico Nacional.



Restaurante Silvestre, parada da Estrada de Ferro do Corcovado. Foto de Juan Gutierrez – Arquivo do Museu Histórico Nacional.

transporte de materiais de construção e outros produtos para o bairro do Cosme Velho e de Santa Teresa, que na época se desenvolvia rapidamente.

Nos dias de hoje, apenas o trecho do Caminho Férreo que leva ao Morro do Corcovado é utilizado como atração turística. Ainda assim, a história da ferrovia e sua importância para a região do Cosme Velho e do Rio de Janeiro é lembrada e valorizada tanto por moradores quanto por visitantes da cidade.

A linha foi inaugurada pelo imperador Dom Pedro II em 9 de outubro de 1884. É, portanto, bem mais antiga que o monumento do Cristo Redentor, aberto à visitação em 1931. De fato, as peças para a montagem da estátua do Cristo foram transportadas pelo próprio trem ao longo de quatro anos. Inicialmente a linha utilizava tração a vapor. Um sistema de tração elétrica foi instalado em 1910. Em 1980 a linha foi modernizada com a compra de novos trens.

O trecho do Caminho Férreo que começa no bairro do Cosme Velho e segue até o cume do morro do Corcovado tem uma altitude de 710 metros e 3.824 metros de extensão. O cume é famoso pela estátua do Cristo Redentor e pela vista aérea do Rio de Janeiro.



Grandes transformações urbanas

No final do século XIX e início do século XX, o Rio de Janeiro passou por grandes transformações urbanas para que a cidade se adequasse aos tempos modernos. O sonho de todos era sanear a cidade, equipá-la, embelezá-la segundo a estética soprada dos centros cosmopolitas da Europa. O prefeito Pereira Passos, o que mais contribuiu

Praça José de Alencar, cruzamento central. Ao fundo, Igreja da Glória no Largo do Machado.
Foto de Augusto Malta – Arquivo do Instituto Moreira Salles.



construção dos edifícios de vários andares, símbolo da cidade moderna.

Embora situada entre o centro da cidade e a zona sul, por causa das montanhas que cercam a sua área, Laranjeiras era protegida do tráfego de passagem que se fazia entre as duas partes. Essa peculiaridade, que lhe garantia ter apenas o pequeno tráfego interno, começou a ser alterada com a abertura do primeiro túnel da cidade, em 1887, no alto da Rua Alice. Essa mudança teve sequência com a realização do corte do Morro Novo Mundo ligando a Rua Pinheiro Machado à Rua Farani. O bairro começou a perder sua característica de “fim de linha”, atributo que a Urca ainda conserva.

Rua da Guanabara, atual Pinheiro Machado com a pedreira. Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ.



Praça José de Alencar, esquina com Rua Marques de Abrantes. Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ.

para isso acontecer, era morador de Laranjeiras. Fez no bairro grandes obras, como a canalização do Rio Carioca em galerias subterrâneas, a urbanização da Praça São Salvador, a arborização dos logradouros e a pavimentação a asfalto de várias ruas. Com essas obras, o ar bucólico da Rua das Laranjeiras – com o rio correndo, embora canalizado, mas a céu aberto, interceptado por pitorescas pontes – foi eliminado, restando apenas a beleza individual das casas particulares circundadas por seus jardins. Isso até que se iniciasse a derrubada dessas casas para



Rua Conde Borependy Rio-25-7-06
Adm. do Dr. P. P. P. P.

Rua Conde de Bae-
pendi, 1906.
Foto de Augusto
Malta – Arquivo Geral
da Cidade, RJ.

A Companhia Sul América realizou no bairro o primeiro empreendimento imobiliário de grande porte, abrindo uma rua – a Pires de Almeida – e construindo 23 edifícios. O projeto é de 1927, e as obras foram concluídas três anos depois. O empreendimento recebeu o nome de Jardim Sul América e foi compensador para a empresa, pois todos os apartamentos foram alugados.

Em 1939, a Fábrica Alliança começou a ser desativada. Seus proprietários transformaram o terreno em um grande loteamento, cujo projeto teve autoria do arquiteto paulista Washington de Azevedo. O empreendimento

chamou-se Jardim Laranjeiras, com prédios elevados em relação ao plano da rua e cercados de jardins bem cuidados e muitas árvores. Relançado em 1945, o loteamento apresentou alteração do projeto na parte da atual General Glicério, e proposta de edifícios e de um túnel ligando essa rua à Bambina, em Botafogo. Foi um grande impacto urbanístico sobre o bairro, já que 10 novas ruas se abriram, com cerca de 360 lotes e 12 terrenos para edifícios de 12 andares.

O terceiro grande empreendimento imobiliário foi realizado pela família Guinle, grande proprietária de imóveis, entre os quais o Palácio Laranjeiras, hoje propriedade pública, com imenso terreno circundante. Em parte desse terreno foi aberto um loteamento projetado pelo arquiteto Lúcio Costa, autor do Plano de Brasília. Desse arquiteto são também os três primeiros prédios do conjunto, os demais foram projetados pelo escritório de arquitetura MM Roberto. Trata-se de importante conjunto arquitetônico, reconhecido internacionalmente como expressivo exemplar da arquitetura e do urbanismo modernos.



Vista da Fábrica Alliança em Laranjeiras, com vilas operárias. Foto de Augusto Malta – Arquivo do Instituto Moreira Salles.

Foto panorâmica, ao lado esquerdo vila operária da fábrica Aliança de tecidos, com a pedreira à direita e ao fundo o morro do Corcovado. Coleção Juan Gutierrez, Museu Histórico Nacional.

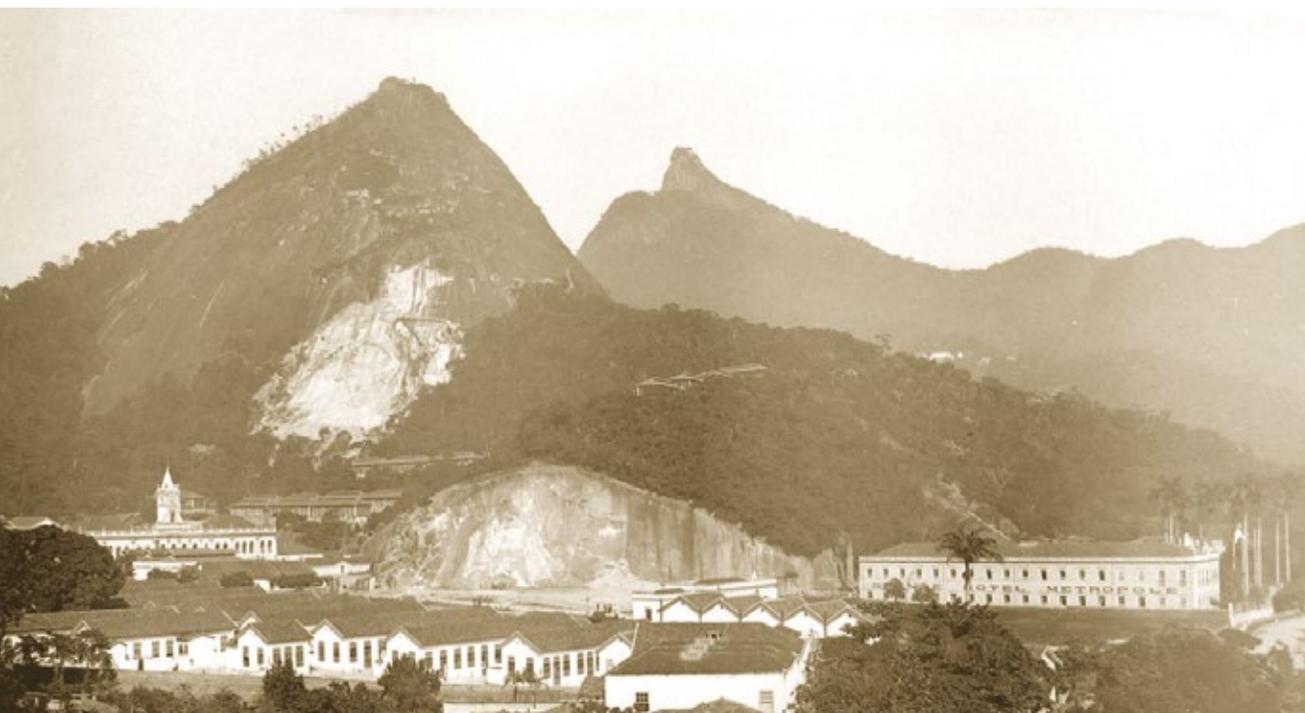
São três exemplos de intervenções modernas em Laranjeiras que, embora tenham alterado sua ambiência, não provocaram a sua degradação. A qualidade arquitetônica e urbanística desses três empreendimentos assegurou-lhes posteriormente o seu tombamento. O mesmo não se pode dizer das obras realizadas pelo poder público, como o túnel Santa Bárbara (1963), o viaduto Noronha Santos (1965), o túnel Rebouças (1965) e a obra da “via paralela”, que destruiu parte da Rua Moura Brasil, derrubou vilas e acresceu mais um viaduto ao bairro. São obras rodoviárias que descaracterizaram os bairros de Laranjeiras e Cosme Velho, tornando-os de passagem, barulhentos e poluídos. Não menos danosas foram as sucessivas legislações urbanísticas que, desrespeitando as características ambientais e o patrimônio arquitetônico de ambos, incentivaram a verticalização das edificações e a ganância dos especuladores imobiliários.

As casas foram derrubadas e seus jardins destruídos para, em seu lugar, se erguerem altos edifícios sem qualidade arquitetônica.

Pessoas, usos e fábricas: mudanças no século do progresso

No aristocrático e pitoresco bairro das Laranjeiras conviviam os belos palacetes ajardinados, o comércio e a indústria. No início, o comércio se restringia ao Largo do Machado e ao começo da rua das Laranjeiras. Em seguida, foi adentrando por essa rua principal, concentrando-se basicamente no trecho do lado par, onde atualmente encontra-se a Hebraica, até perto da Rua Almirante Salgado. A indústria se iniciou no bairro com uma fábrica de fogos de artifício na altura da Rua Soares Cabral, que assim ficou conhecida como Beco do Fogueteiro. Seu proprietário, o industrial Antônio José Martins de Moura, era português e especializado nesse ramo de atividade, requerendo licença para instalar sua fábrica em fevereiro de 1854. Os moradores da vizinhança solicitaram, no ano de 1860, o fechamento da fábrica, cujo proprietário era então José Moreira da Cunha Rego. A Câmara Municipal acatou o pedido dos moradores e fechou-a no ano seguinte.

Em 1872, na área da atual Rua General Glicério e adjacências, Francisco de Sá Nogueira, José Duarte da Fonseca Silva e Miguel Couto dos Santos, sócios na Companhia Econômica de Lavanderia a Vapor, instalaram uma lavanderia de grande porte. Oito anos depois, a firma mudou de mãos e de ramo, passando a ser uma indústria de “fiação, tecidos e tinturaria” chamada Aliança. Seus proprietários eram os portugueses José Augusto Laranja Joaquim Carvalho de Oliveira e Silva e o inglês Henrique Whitaker. Este último, dois anos depois, retirou-se da so-



cidade. Assim começou a famosa Fábrica Aliança, que veio a ser uma das mais importantes do ramo no Rio de Janeiro. Essa fábrica mudou a composição sociocultural da população do bairro e, conseqüentemente, sua arquitetura e seu urbanismo. Muitas casas pequenas, de porta e janela, foram edificadas. As vilas se espalharam pelo bairro, além daquelas construídas pela própria fábrica. O comércio cresceu e se diversificou. Os operários – portugueses, italianos e brasileiros – construíram um viver mais coletivo e popular. A fábrica oferecia atividades culturais e de lazer através do clube, do cinema e do teatro, além de escolas para os filhos de seus empregados. O aristocrático bairro de Laranjeiras passou a ser também operário e de classe média, sem existência de conflitos entre as diversas classes sociais que ali viviam, segundo depoimento de antigos trabalhadores e pessoas da elite do bairro, hoje ainda vivos. A fábrica, por causa de sua localização, não perturbava a filosofia residencial de Laranjeiras.

Havia também outra fábrica, na rua Pereira da Silva, que produzia cerveja, e cujo dono era Luiz Bayer.

A abundância de água pura nas diversas fontes foi o motivo para que essas fábricas se instalassem no bairro.



Herança cultural

O bairro começou a ser ocupado pela importante e rica família “paulista” do Ouvidor Cristóvão Monteiro. A ela se sucederam, ao longo dos séculos, outras famílias importantes, como a dos Lisboa, Velasco, Rozo, Torre, Frontin, Pereira Passos, Teixeira de Freitas, Moura Brasil, e tantas outras de nobres – aqui viveram a Princesa Isabel e o Conde d’Eu, no atual Palácio Guanabara, e a filha de Pedro I e da Marquesa de Santos, a Condessa de Iguazu –, comerciantes, profissionais liberais, militares

Palácio Guanabara.
Foto de Augusto Malta –
Arquivo Geral da Cidade, RJ.

graduados – General Andréa, Beaurepaire Rohan, Almirante Delamare etc. – e políticos, que deram ao bairro a fama de ser um recanto de aristocratas da cidade. Ficaram famosos os saraus da Condessa de Wilson (Palacete dos Leões), do casal Haritoff e mais tarde os concertos e bailes da própria Princesa Isabel e Conde d’Eu. Em 1860, surgem os clubes e sociedades dançantes.

Dos antigos palacetes, alguns sobreviveram à fúria da especulação imobiliária, como o Palácio Guanabara, residência da Princesa Isabel; o Asilo João Alves Affonso, residência do Barão de Macaúbas; a casa da família Modesto Leal, residência de Raimundo Rozo; e também o belo conjunto arquitetônico construído para fins de aluguel pelo rico comerciante Antônio de Oliveira Leite Leal, chamado hoje Casas Casadas, hoje preservado.

Em Laranjeiras e Cosme Velho também nasceram ou viveram intelectuais, escritores e artistas importantes da cultura brasileira como Lima Barreto e Villa-Lobos, que nasceram na Rua Ipiranga, Machado de Assis, Coelho Neto, Max Fleiuss, Marco Carneiro de Mendonça, Marcos Rebelo, João Manuel Pereira da Silva, José Antônio Lisboa, Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção, Sobral Pinto, Múcio Leão, Lúcio Albuquerque, Lysia e Nilo Bernardes, Paulina D’Ambrósio, Augusto Rodrigues, Noel Netels, Silva Melo, Barão Homem de Melo, Cecília Meireles, Eugênio Gudín, Andrade Murici, Henrique Nienberg, Osvaldo Aranha, Dr. Fernando Magalhães e muitos outros.

Porém, foi sobretudo a chegada da Fábrica Alliança ao bairro que atraiu muitos operários, portugueses, italia-

nos e brasileiros, para nela trabalharem. Vieram também outros trabalhadores, em busca de habitações modestas, cujo aluguel era baixo, nas vilas e cortiços existentes. Foram esses novos moradores que enriqueceram o bairro com novas expressões culturais, populares e de vida social mais coletiva e diversificada. Surgiram os Ranchos “Arrepiados” e “União da Alliança”; o primeiro, dos mais pobres, mas ambos ligados à Fábrica Alliança. Além do futebol do aristocrático Fluminense, foram muitos os times populares, como a Estudantina, que tinha até sede na Rua das Laranjeiras e depois mudou-se para o centro e virou uma “gafeira” famosa. Surgiram também os blocos carnavalescos como o Rasga, os Periquitos e os Canarinhos de Laranjeiras. O aristocrático bairro de Laranjeiras passou a ser cada vez mais de trabalhadores e profissionais liberais. A fábrica não prejudicava a vocação residencial do bairro, e o seu fechamento foi um duro golpe não só para a economia local, mas principalmente para a vida de seus operários, obrigando muitos deles a sair, a contragosto, de Laranjeiras.



Vista aérea de Laranjeiras com o campo do Fluminense Futebol Clube, 1935. Arquivo Geral da Cidade, RJ.

Relatos de ilustres

Nos bairros de Laranjeiras e Cosme Velho, viveram moradores ilustres, muitos deles se destacaram na Literatura.



Alceu de Amoroso Lima nasceu e passou a infância na Casa Azul, que ficava na Rua Cosme Velho número 2 e já foi demolida. Escreveu uma crônica intitulada “Adeus à Casa Azul”, da qual alguns trechos merecem destaque pois mostram o amor e as lembranças afetivas do escritor em relação ao local:

Fui encontrar o Tempo, assistindo como eu à demolição da Casa Azul. Tomou-me pela mão, como ao poeta. Veio passear comigo entre as árvores de nossa velha chácara. Passamos juntos as mãos pelas conchas dos velhos tanques, onde a água em que fazíamos outrora vogarem folhas côncavas de arbustos, como pirogas de índios, ceder o rosto líquido à terra das enxurradas, hoje recobertas de vegetação, juntos percorremos um a um, os quartos da velha casa condenada... e lá de cima debruçados num gradil, olhamos melancólicos para baixo, para o que restava ali da Casa Azul, entre as bananeiras floridas de vermelho e um ipê de ouro. E o Tempo, chegando os leves lábios ao meu ouvido, segredou em surdina: “Olha o que resta do que foi teu mundo”. [...]

Desci sem ele. E uma paz sem nome desceu comigo. Estendeu-se por todo o Vale das Laranjeiras.

Cobriu de manso meu coração. E como que encheu a tarde toda, quando lancei de longe o último olhar à velha Casa Azul de minha infância.
(Alceu Amoroso Lima)



Casario da Família de Alceu de Amoroso Lima, onde ele nasceu. Conhecida como a Casa Azul na Rua Cosme Velho antigo nº 2. Arquivo de família.

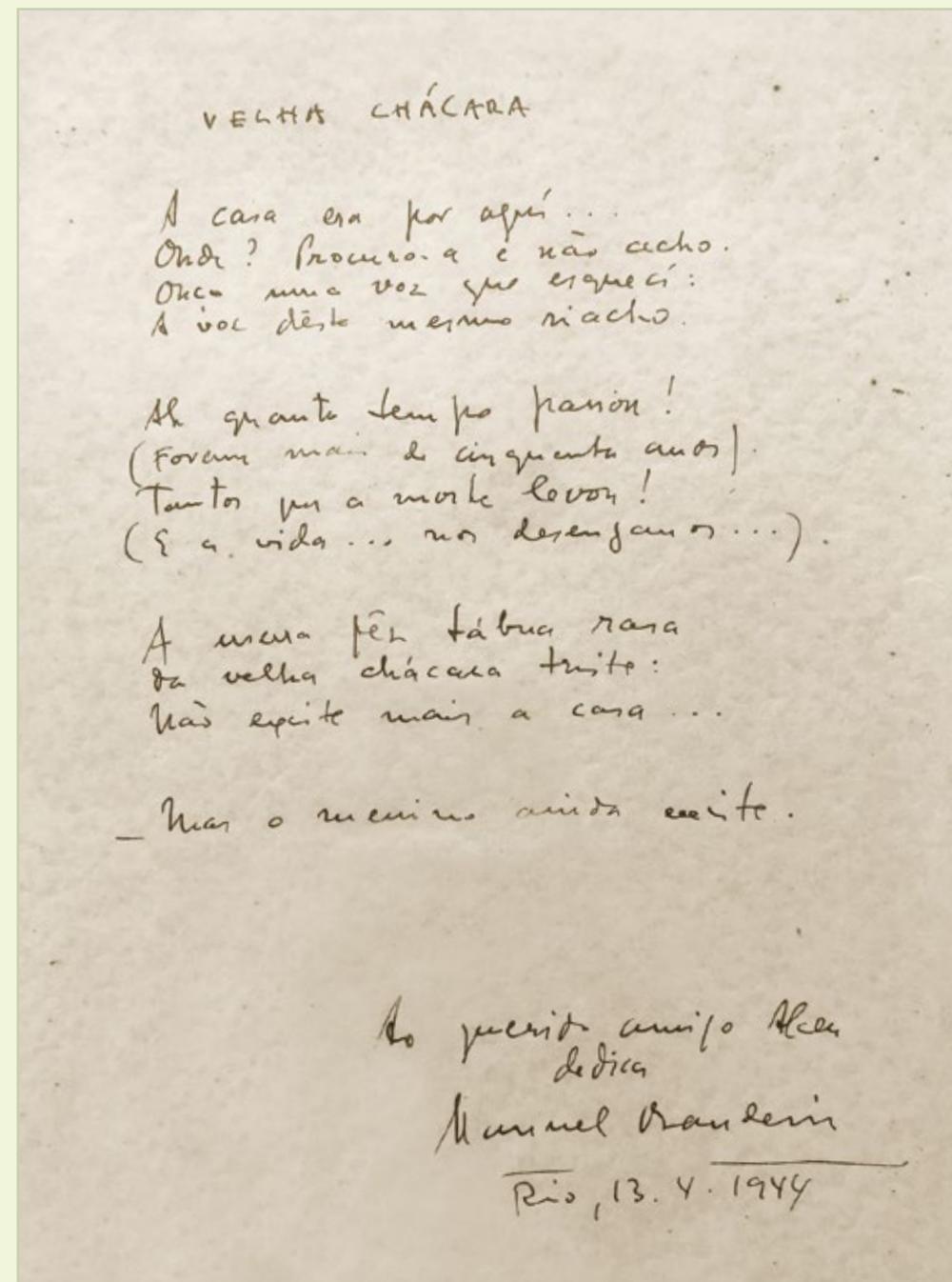
A poeta Cecília Meireles, que morou lá de 1944 até 1964, escreveu uma crônica em que descreve o bucolismo da região e o cotidiano noturno de muitos bairros da cidade.

Às dez e meia, o guarda noturno entra de serviço... Passo a passo o guarda vai subindo a rua. Já não apita, vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa, sob árvores em flor. Assim vai andando o guarda noturno. (Cecília Meireles)

Machado de Assis também morou na Rua Cosme Velho, no chalé número 18. Mudou-se em 1884, faleceu em 1908. Ali produziu grandes obras e ficou conhecido como o Bruxo do Cosme Velho por sua capacidade de investigar e desvendar a alma humana. Provavelmente se inspirou em muitos cenários do bairro para seus romances.

Casa onde morou
Machado de Assis no
Cosme Velho.
Foto de Augusto
Malta – Arquivo Geral
da Cidade, RJ.

Muitos outros escritores, cronistas e jornalistas de renome moraram no bairro, destacando essa vocação literária, e não deixaram de relatar suas impressões sobre ele.



Manuel Bandeira

Alceu, radiante espelho

Lá se vai Alceu, voltado para o futuro,
 para um sol de infinita duração.
 Lá se vai Alceu, sem as melancolias do passado
 que para ele tinha o forma de um casarão azul,
 e sem as ilusões adolescentes do progresso.
 Julga-se ouvir no seu trânsito
 os acordes da smata para piano e violino de César Franck
 que ele tanto amava.
 Seu riso claro e humana compreensão e universal doçura
 revelam que pensar não é triste.
 Pensar é exercício de alegria
 entre veredas de erro, cordilheiras de dúvida,
 oceanos de perplexidade.
 Pensar, ele o provou, abraça todos os contrastes
 como blocos de vida que é preciso polir e facetar
 para a criação de pura imagem:
 o ser restituído a si mesmo,
 contingência em busca de transcendência.

 Lá se vai Alceu: as letras não o limitam
 no paraiso da sensualidade das palavras
 que substituem coisas e sentimentos,
 diluindo o sangue de existir.
 Para além das letras restam indícios mais luminosos

desorientados, furtos, malferidos
 no horror da vida escrava do azeitonar
 de moedas viciadas no Poder da Terra
 Alceu tão frágil no seu grande corpo
 que não comanda os rumos da aventura
 mas adverte, ensina, faz o gesto
 que anima a prosseguir e a procurar
 a mais exata explicação do homem
 E lá se vai Alceu, servo de Deus,
 servo do amor, que é cúmplice de Deus.

Carlos Drummond de Andrade

15 de agosto, 1983

Carlos Drummond de Andrade



2



Prédios históricos de importância arquitetônica e cultural

Palácio das Laranjeiras

O terreno onde hoje se ergue o edifício era, no final do século XIX, propriedade do Conde de Sebastião de Pinho, aristocrata português estabelecido no Rio de Janeiro, considerado o maior de todos os especuladores da Crise do Encilhamento. Na propriedade situava-se um palacete pertencente ao conde, demolido para dar lugar ao atual palácio.

O palácio foi construído entre 1909 e 1914, projeto do arquiteto Armando Carlos da Silva Telles em parceria com o arquiteto francês Joseph Gire, para ser residência do empreiteiro e industrial Eduardo Guinle. Para erguer o palácio, Eduardo Guinle (1878-1941) contratou o arquiteto, artistas de renome e materiais importados. Com seus detalhes rebuscados, o imóvel é um monumento ao requinte e ao esbanjamento, combinação do que havia de mais caro e prestigioso na época, mármore italiano, granito húngaro, tacos belgas e mobiliário revestido com folhas de ouro vindas da França.

Na entrada, dois leões de pedra, em tamanho natural, esculpidos por Georges Gardet, cujas obras decoram o Jardim de Luxemburgo, em Paris. A fortuna colossal dos Guinle teve como origem um armazém de produtos importados fundado pelo patriarca Eduardo Palassin Guinle (1846-1912) no centro do Rio, em 1870. Do comércio batizado como Aux Tuileries, administrado por Eduardo em parceria com seu sócio, Cândido Gaffrée (1844-1919), os negócios se ramificaram na construção de estradas e ferrovias e no setor imobiliário. Em 1888, a dupla de

Página anterior: Parque Guinle com o Palácio das Laranjeiras no primeiro plano e os prédios modernistas do condomínio ao fundo.





Palácio das Laranjeiras,
Parque Guinle.

empresários deu o passo que os tornaria fabulosamente ricos: conseguiu a concessão para reformar e administrar o Porto de Santos, a caminho de se transformar no escoadouro de toda a produção de café do país. Durante 92 anos, a família fez dinheiro com a exploração comercial do porto. Os Guinle legaram à cidade monumentos como o Palácio das Laranjeiras, a sede do Parque da Cidade, na Gávea, o casarão da Ilha de Brocoió, na Baía de Guanabara, o Hospital Gaffrée e Guinle, na Tijuca, e o mais emblemático de todos, o Copacabana Palace.

Embora se beneficiassem da proximidade do poder, os Guinle sofreram um revés em seus negócios na década

de 1940, e a viúva de Eduardo, Branca Guinle, aceitou uma proposta irrecusável do governo federal, vendendo a propriedade. Em 1947, passou à administração federal, tendo sido utilizado como residência oficial da presidência por Juscelino Kubitschek (1956-1961), que não quis permanecer no Palácio do Catete após o suicídio de Getúlio Vargas (1954). Com a conclusão do Palácio do Alvorada, inaugurado em 1960 em Brasília, Kubitschek deixou o palácio, doado pela União ao Estado do Rio de Janeiro em 1974. Desde então, foi utilizado como residência do presidente da República durante suas visitas ao Rio de Janeiro e para recepções diplomáticas. Entretanto, nesse meio tempo, diversos governadores fluminenses preferiram utilizar outra residência. Dentre os seus visitantes ilustres, destacam-se os ex-presidentes Charles de Gaulle, da França, Harry Truman, dos Estados Unidos, e o Papa João Paulo II.

Em 2001, o palácio foi objeto de ampla campanha de restauração envolvendo restauradores, historiadores, museólogos e pesquisadores, que lhe procederam a recuperação de pinturas, pisos e móveis. Ao final dessa intervenção, o governo do Estado do Rio de Janeiro abriu as portas do palácio para visitas guiadas por estudantes de história.

O acervo do palácio compreende pinturas de Frans Post, uma réplica do piano que pertenceu à rainha Maria Antonieta da França, mosaicos de mármore e de cerâmica, esculturas e mobiliário fino.



Parque Guinle



Popularmente conhecido como Parque Guinle, essa área de 24.750 m² originalmente correspondia aos jardins da chácara comprada por Eduardo Guinle para construir sua residência na década de 1920. Hoje, a mansão dos Guinle é conhecida como Palácio das Laranjeiras, residência oficial do governador do Rio de Janeiro. Projetado pelo paisagista francês Gérard Cochet, mais tarde recebeu intervenções de Roberto Burle Marx.



Portão de entrada do Parque Guinle, antiga propriedade de Eduardo Guinle.



A entrada do Parque está localizada no fim da Rua Gago Coutinho, através de um imponente portão de ferro fundido ladeado por estátuas de leão alado, que dá acesso a uma vasta área verde com lago, escadarias, alamedas, gramados, árvores, plantas e patinhos. Nas dependências está o Conjunto Residencial do Parque Guinle, que consiste em três edifícios residenciais projetados pelo arquiteto Lúcio Costa e erguidos entre 1948 e 1954. Esses prédios possuem arquitetura modernista repleta de

Jardins do Parque Guinle, projeto do paisagista Roberto Burle Marx, e prédios ao fundo.

brasilidade, integrando a edificação ao meio ambiente. Os jardins foram refeitos por Burle Marx. Tanto Burle Marx quanto Lúcio Costa receberam forte influência do Modernismo, o que pode ser observado nos detalhes construtivos e composições do Parque. Verde e arquitetura convivem em total harmonia.

Atualmente, a mansão dos Guinle, conhecida como Palácio Laranjeiras, é a residência do governador do Estado do Rio de Janeiro, e seus frequentadores podem desfrutar de uma belíssima área verde. Situado no sopé do Morro Nova Cintra, apresenta-se sob a forma de um anfiteatro, tendo ao fundo um córrego e lagos artificiais, cercado por encostas suaves.



Palácio Guanabara

Construído para servir de residência do comerciante português José Machado Coelho, o Palácio Guanabara foi posteriormente vendido, em 1864, para o Imperador D. Pedro II, que o ofereceu como presente de casamento para a Princesa Isabel e o Conde d'Eu.

De estilo neoclássico, o Palácio Guanabara começou a ser edificado em 1853. Nessa época, a Rua Pinheiro Machado se chamava Rua da Guanabara. O Palácio, depois de pronto, foi residência particular até 1860.

Cinco anos mais tarde, o Palácio Guanabara passou a ser uma construção ligada ao poder político do Rio de Janeiro e do Brasil. Originalmente de características neoclássicas, em 1865 o prédio foi reformado pelo arquiteto José Maria Jacinto Rebelo, tornando-se residência da Princesa Isabel e seu esposo, o Conde d'Eu, e passou a ser chamado de Paço Isabel ou Palácio Isabel. Na época, o acesso ao Palácio era feito pela Rua Paissandu, que, por essa razão, foi ornada com uma centena de palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*).

“Segundo uma lenda, o Palácio Guanabara é amaldiçoado. Um dos escravos que trabalhou na primeira reforma da casa durante a monarquia teria sido torturado por um feitor e, antes de morrer, lançou uma maldição: ‘Nenhum morador da mansão da Rua Guanabara terá tranquilidade enquanto lá viver’.”, segundo relata o historiador Sebastião Aroldo Kastrup no livro *O Rio Pitoresco*.

Para os supersticiosos, diversos fatos históricos comprovam a lenda. A Princesa Isabel, primeira governante a ocupar o Palácio, foi expulsa do lugar após a Proclamação da República em 1889. Orsina da Fonseca, esposa do Marechal Hermes da Fonseca, depois de o marido tomar posse e se mudar para a mansão, morreu. Em 1920, o rei Alberto da Bélgica acidentou-se e morreu após ter-se hospedado um mês no Palácio. O presidente Washington Luiz foi deposto, em 1930. Na década de 1950, o Guanabara tornou-se sede da prefeitura. Oito prefeitos não concluíram o seu mandato. Em 1960, o Palácio virou sede do governo estadual.

O Palácio Guanabara continuou sendo posse de príncipes até a Proclamação da República, em 1889. A partir desse

momento, passou a ser patrimônio da União, mediante decreto de 1891, o que gerou incômodo na família real.

A família imperial tentou recuperar a posse da edificação por 125 anos, no que foi um dos processos judiciais mais longos do país, até perder a ação em 2020, quando o Supremo Tribunal Federal decidiu que o palácio pertencia à União e não à família imperial, que nunca sequer recebeu uma indenização pela desapropriação. Em dezembro de 2018, a justiça do Rio de Janeiro já havia decidido que o Palácio Guanabara não pertence à família imperial do Brasil e que nenhuma indenização cabe à família pela ocupação do palácio pelo governo republicano.

Em 1908, uma nova reforma, conduzida por Francisco Marcelino de Souza Aguiar, deu à fachada do palácio características ecléticas. O prédio anexo, com seis pavimentos, onde funcionam o gabinete do vice-governador, as subsecretarias da Casa Civil e de Governo, só seria inaugurado em 1968.

O palácio foi utilizado pelo presidente Getúlio Vargas como residência oficial durante o Estado Novo, entre 1937 e 1945. Foi atacado durante uma revolta da Ação Integralista Brasileira em 1938, repellido pela Polícia Especial da Polícia Civil do Rio de Janeiro, reação reforçada posteriormente pelo Exército.

Em 1946 passou a sediar a Prefeitura do Distrito Federal, até 1960 (ano da criação do Estado da Guanabara), quando se tornou a sede do Governo do Estado do Rio de Janeiro, função que manteria após fusão do Estado



da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro em 1975, durante o governo do presidente Ernesto Geisel, até os dias atuais.

Palácio Guanabara, hoje sede do Governo estadual.



Fluminense Futebol Clube

O Fluminense Futebol Clube foi fundado em 1902 por um grupo de jovens da sociedade carioca. Um dos jovens da família Guinle, Arnaldo, apreciador do “football”, se tornou sócio do clube e posteriormente presidente da agremiação. Somente em 1920 foi inaugurado o prédio da sede de Laranjeiras, conhecido como principal marco histórico da torcida tricolor.

O edifício e o campo começaram a ser construídos em 1919, após a indicação do Brasil como país-sede do Sul-Americano de Seleções. A princípio, como responsabilidade do governo, as obras acabaram sendo financiadas pelo próprio Fluminense, à época presidido por Arnaldo Guinle. Curiosamente, o palacete de três andares custou aos cofres tricolores o dobro do próprio campo. O prédio de Laranjeiras já recebeu eventos importantes desde a reunião que iniciou a profissionalização do futebol carioca, foi palco de histórias do clube memoráveis e festejos de títulos. Além disso, especialmente no Salão Nobre Arnaldo Guinle, com belos vitrais franceses, sediou diversos acontecimentos culturais e políticos.

Projeto do arquiteto Hypólito Gustavo Pujol, o prédio da sede foi inaugurado um ano e meio depois do Estádio de Laranjeiras. Já naquela época, ele começou a ser um ambiente de grandes eventos no ramo cultural, artístico e musical do país. O Rio de Janeiro era o Distrito Federal, e o eixo do Poder Federal ficava muito próximo dali. “Vários presidentes da época costumavam fre-



quentar as Laranjeiras”, conta Dhaniel Cohen, gerente do Flu-Memória.

Sede social do Fluminense Futebol Clube, projeto de Hypólito Gustavo Pujol.

Em 1952, o Fluminense venceu a Taça Rio e se sagrou “campeão dos campeões”, comemorando com festa na sede tricolor. Outras grandes comemorações entraram na história do clube e do torcedor. Em 7 de julho de 2007, um dia após o time ser campeão da Copa do Brasil, Laranjeiras foi invadida por uma multidão. Em maior proporção, em 11 de novembro de 2012, o tetracampeonato brasileiro trouxe ainda mais gente para a sede.

Tombada como patrimônio cultural do Rio de Janeiro desde 1998, a sede do Fluminense, com fachada estilo Luís XVI, voltada para a Rua Álvaro Chaves, possui grande importância no desenvolvimento do esporte e da sociedade brasileira, o que atraiu diversos nomes como Rodrigues

Alves, Juscelino Kubitschek e Getúlio Vargas. Importantes personalidades internacionais, como Alberto I e Elizabeth, rei e rainha da Bélgica, assim como Akihito e Michiko, herdeiros do trono do Japão, também participaram de eventos e conheceram as instalações do clube. Jules Rimet, presidente da Fifa, conheceu a sede em 1949.



Casas Casadas

Conjunto residencial Casas Casadas, hoje imóvel tombado, abriga a sede da Rio Filmes.

Essa construção histórica recebe esse nome por se constituir de casas coladas umas às outras. Juntas, formam seis residências multifamiliares autônomas com arquitetura em estilo neoclássico. Foram construídas por etapas, entre os anos de 1874 e 1875 e posteriormente em 1885,



sob responsabilidade do comerciante português Antônio Oliveira Leal. Após a morte de Antônio, em 1888, as casas foram passadas pelas gerações da família Leal.

O endereço é Rua das Laranjeiras, mas as entradas são pela Rua Leite Leal. Trata-se de um dos raros tipos de residência multifamiliar desta data, que restou na cidade e antecedeu os modernos edifícios residenciais. Em 1970 cogitaram demolir as casas, que se encontravam muito deterioradas, para explorar a área, pois o bairro estava em expansão imobiliária. A demolição não aconteceu graças à Associação dos Moradores de Laranjeiras (AMAL), que criou um movimento contra. Em 1979, a construção foi tombada pelo INEPAC. Em 1988, as Casas Casadas foram doadas para a Beneficência Portuguesa.

Em 1994, as residências foram atingidas por um incêndio, e posteriormente o imóvel foi adquirido pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Finalmente em 1997 começou a restauração das Casas, que hoje abrigam a sede da Riofilme, braço municipal na distribuição de filmes na cidade.



Solar dos Abacaxis

A casa foi construída em 1843 pelo comendador Borges da Costa, com projeto atribuído a José Maria Jacinto Rebelo, antigo aluno de Grandjean de Montigny e um dos principais arquitetos acadêmicos do Rio de Janeiro de então.





Solar dos Abacaxis,
localizado na Rua
Cosme Velho.

É um raro exemplar híbrido de Chale Neoclássico. Da arquitetura acadêmica deriva o desenho do frontão triangular, os cunhais com capitéis estilizados e as estátuas sobre o telhado. Do romantismo arquitetônico deriva o friso decorado e a habitação no ático da casa, sob o telhado de duas águas. Esse ático é ventilado e iluminado por dois grandes janelões e duas pequenas janelas em forma de óculo. Outro aspecto pitoresco da decoração são os abacaxis de ferro forjado sobre as grades das sacadas das janelas do primeiro andar, que deram nome ao edifício, infelizmente não mais existentes.

A partir de 1944, o solar foi habitado por Anna Amélia Carneiro de Mendonça, poeta e bisneta do comendador Borges da Costa, e seu marido Marcos Carneiro de Mendonça. O casal transformou o solar num ponto de encontro de artistas e intelectuais da época. Dentre os intelectuais frequentadores da residência estavam personalidades como Assis Chateaubriand, Gilberto Freyre, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Autran, Fernanda Montenegro, Tônia Carreiro e Ítalo Rossi. O casarão foi tombado.

Após invasão e depredação da casa e mais de uma década fechada, um grupo de agentes culturais fundou o Instituto Solar dos Abacaxis, que começou a abrir o casarão ao público com exposições de arte contemporânea.

Com a saída do Instituto de lá, hoje o casarão se encontra novamente abandonado, negligenciado e degradado pelo tempo.



Largo do Boticário

Aos pés do Corcovado, cercado pela Mata Atlântica e pelo Rio Carioca, o Largo do Boticário começou a ser habitado em 1831. Em 1879, o Largo foi batizado em homenagem ao farmacêutico Joaquim da Silva Souto, ilustre morador que era frequentemente visitado por D. Pedro II, quando o imperador passeava a cavalo pelas florestas do Corcovado.



Largo do Boticário, situado no Bairro do Cosme Velho.

O Largo está hoje situado no bairro do Cosme Velho, tradicional endereço de artistas e intelectuais, onde centenas de construções nos fazem recordar o seu passado aristocrático, quando era habitado por ricos comerciantes e famílias que ostentavam títulos de nobreza. No início do século XX, as oito casas originais do Largo já haviam sido substituídas por outras sem estilo definido, desconfigurando sua antiga arquitetura colonial.

Em 1930, Rodolfo da Siqueira e Paulo Bittencout, dono do Jornal Correio da Manhã, os únicos proprietários do lugar, reformaram suas casas aproveitando materiais ob-

tidos em demolições e criaram o atual cenário neocolonial que hoje temos no Largo. O Largo viveu seus anos dourados nas décadas de 1950 e 1960. Eram frequentes as festas oferecidas pelos moradores. Além das festas, eram promovidas muitas atividades culturais ao ar livre. Um dos mais bucólicos e pitorescos endereços da cidade do Rio de Janeiro, o Largo tem sido retratado por muitos pintores apaixonados por sua arquitetura e charme.

Personalidades expressivas como Manuel Bandeira, Cândido Portinari, Oscar Niemeyer, José Lins do Rego, Tarsila do Amaral, Le Corbusier, Augusto Rodrigues, Burle Marx, Lúcio Costa, Bruno Giorgi, Elizabeth Bishop e Afonso Reidy, Clarice Lispector, entre outros, costumavam visitar os moradores do Largo como Manuel Bandeira, Augusto Rodrigues e a mecenas das artes Magú Leão, que apreciavam receber artistas e intelectuais em suas residências.

Embora de grande importância cultural, muitos dos imóveis estiveram por 20 anos sem nenhuma ação efetiva de manutenção por parte de seus proprietários, inclusive alguns foram sublocados e até invadidos. Os anos de abandono geraram uma deterioração total dos elementos construtivos em muitos deles.

No final de 2019, finalmente um projeto de ocupação do espaço com uma edificação hoteleira foi apresentado, tendo início a recuperação do conjunto. Os trabalhos de restauração e readequação do Largo do Boticário foram finalizados, devolvendo à cidade um conjunto arquitetônico relevante e cheio de história.



Instituto Nacional de Educação de Surdos

Página seguinte:
Instituto Nacional de Educação de Surdos, inaugurado em 1915, localizado na Rua das Laranjeiras.

Criado como uma instituição privada, fundada pelo surdo francês E. Huet, o Colégio Nacional para Surdos-Mudos começou a funcionar em 1º de janeiro de 1856, tendo por finalidade oferecer educação intelectual, moral e religiosa.

Em 1857, o governo imperial passou a conceder subvenção para o colégio, bem como pensões aos alunos surdos pobres. Em 1861, a instituição passou à administração imperial. Em 1867, foi sancionado um regulamento provisório para o colégio, até sua incorporação à Secretaria do Império, para o que foi necessária a aprovação do Poder Legislativo.

Com a República, o Instituto passou para a jurisdição dos Telégrafos. Em 1891, foi transferido para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores, responsável pelas competências relativas ao ensino, que reorganizou a administração pública brasileira.

A criação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, na segunda metade do século XIX, marcou o início do processo de institucionalização da educação para a pessoa surda, que esteve inserido no debate sobre a expansão da escolarização para a população pobre, o que foi acompanhado pelo aumento da quantidade de instituições públicas voltadas para profissionalização dos menores, como o Asilo dos Meninos Desvalidos e o Instituto de Menores Artesãos.



Podemos observar que o ensino se orientava pelos mesmos pressupostos das escolas do Rio de Janeiro, afinado com as teorias e práticas educacionais então experimentadas. O ensino da linguagem articulada e da leitura labial seria ministrado aos alunos que se mostrassem aptos a recebê-lo.

Em 1911, com um novo regimento aprovado, foi introduzida uma importante alteração: a adoção do método oral puro em todas as disciplinas, ficando proibido o uso de sinais na prática educacional.

Em 1925 foi organizado o Departamento Nacional de Ensino, que determinava que o ensino profissional estivesse sob o encargo do Instituto Benjamim Constant, para cegos, do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos e da Escola 15 de Novembro, para menores abandonados do sexo masculino. Logo, o Instituto passava à categoria de estabelecimento profissionalizante, o que reforçava o trabalho já realizado em suas oficinas.

No entanto, apesar das mudanças verificadas nas duas primeiras décadas do século XX, especialmente com a ampliação de suas dependências, a situação ainda estava longe de ser a ideal.

A crise política que teve lugar no final da década de 1920 deflagrou um movimento político-militar que colocou Getúlio Vargas à frente do governo, na chamada Revolução de 1930. Uma das primeiras medidas do novo governo foi uma grande reforma administrativa que criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, para o qual ficava transferido o Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, subordinado ao Departamento Nacional de Ensino.



Instituto João Alves Afonso

Localizado à Rua Ipiranga, dando fundos para a Travessa Pinto da Rocha, funcionou o Colégio Abílio César Borges, fundado pelo Barão de Macaúbas, médico e cirurgião baiano, dono de vários colégios, que revolucionou o ensino no Brasil na segunda metade do século XIX. Em seus colégios, os castigos eram proibidos, o ensino era inovador e de qualidade. Neles estudaram ilustres membros da elite da época, como Castro Alves e Rui Barbosa, no Ginásio de Salvador, e Raul Pompeia, no Colégio Abílio, do Rio de Janeiro. Abílio era uma figura de prestígio, não apenas como educador, mas também por sua participação, anos antes, no esforço da Guerra do Paraguai, ajudando a financiar e arregimentar o corpo de infantaria de voluntários da pátria baianos. O prédio original do colégio Abílio foi demolido, e a escola desativada.

Instituto João Alves Afonso, antiga mansão Augusto Teixeira de Freitas que abrigou o Colégio Abílio.



O casarão hoje existente, construído em 1886, em estilo Neoclássico, tem um desenho contínuo dos vãos, possui dois pavimentos e um porão habitável. Na fachada frontal, apresenta um avarandado metálico com colunas e guarda-corpo bem trabalhados. Pertenceu ao jurista Teixeira de Freitas, depois a José Luís Cardoso de Sales, primeiro Barão de Irapuã. O palacete se situa no centro de um grande terreno com um belo jardim à sua frente. Foi adquirido pela sociedade Amantes da Instrução, serviu como abrigo e educação de meninas órfãs, mais conhecido pelos moradores de Laranjeiras como asilo, e hoje é uma escola para crianças carentes. O imóvel foi tombado em 1972.



Escola Estadual Amaro Cavalcanti

Localizada no Largo do Machado, é uma das escolas conhecidas como “escolas do Imperador” construídas por ordem de D. Pedro II que ainda são utilizadas para a educação pública, das oito originais. O prédio, projetado pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt Silva, foi construído nos anos de 1874 e 1875, tombado em 1990.

A escola foi inaugurada em 10 de abril de 1875, com o nome de Escola da Freguesia de Nossa Senhora da Glória. Mais tarde passou a se chamar Escola José de Alencar e, em 1963, recebeu o nome atual, em homenagem ao prefeito Amaro Cavalcanti Soares de Brito.



Além da atividade escolar, abrigou as “Conferências Populares da Glória”, série de encontros entre intelectuais no Rio de Janeiro entre 1873 e 1888, com discussões sobre temas como educação, papel da mulher, literatura, teatro, história e saúde pública. Em 1929, o prédio foi usado pela então secretária de Educação, Cecília Meireles, para uma exposição de cinema educativo. Entre 1935 e 1939, foi sede da Universidade do Distrito Federal (UDF), criada por Anísio Teixeira, com cursos superiores em Ciências, Educação, Economia, Direito, Filosofia e Artes.

Fachada da Escola Estadual Amaro Cavalcanti, uma das Escolas do Imperador de 1875.

A escola foi ocupada por seus estudantes em 2016 em apoio à greve dos professores e em protesto contra a política educacional vigente e a degradação das condições de ensino e infraestrutura na educação pública estadual.



Escola Municipal Anne Frank

Ao lado do Palácio Guanabara, este prédio tornou-se a Casa de Guarda do então Palácio Presidencial e, posteriormente, um alojamento do Palácio do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é uma escola, que atende crianças da Educação Infantil até o 5º ano de Ensino Fundamental.

A escola foi criada em 6 de março de 1961 pelo então governador Carlos Lacerda, inicialmente com o nome de Anne Frank, para homenagear a menina judia e escritora, mártir de Amsterdã na II Guerra Mundial, e símbolo da luta pela liberdade e o amor à humanidade.



Cenáculo

A congregação de Nossa Senhora do Retiro no Cenáculo nasceu em 1826, em La Louvesc, aldeiazinha da França, no meio de um povo cuja fé fora abalada pela Revolução Francesa. Seus fundadores, padre Estevão Therme e Santa Teresa Couderc, movidos por um amor apaixonado por Jesus Cristo, procuravam os “melhores meios de torná-lo conhecido e amado”.

Em 1828 os acontecimentos os levaram a nomear Madre Teresa como superiora, se bem que tivesse apenas a idade

de 23 anos. Madre Teresa não tardou a perceber que o acolhimento dado a qualquer pessoa que se apresentasse era incompatível com as exigências de uma vida religiosa e um serviço apostólico autênticos. Obteve assim permissão do padre Therme para que se recebessem apenas as peregrinas que aceitassem fazer de sua estada um tempo de oração mais intenso.

No outono de 1829, ao fazer seu próprio retiro, o padre Therme descobria os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. Ficou entusiasmado e quis que as Irmãs também os experimentassem imediatamente. Em seguida ordenou-lhes utilizar, junto às pessoas acolhidas na Casa, essa forma de retiro que unia tão intimamente a experiên-

Fachada da Escola Municipal Anne Frank (detalhe).

Cenáculo, Congregação de Nossa Senhora do Retiro, com localização na Rua Pereira da Silva.



cia de oração e a reflexão sobre os mistérios da fé. A congregação fundada por Madre Teresa Couderc – canonizada por Paulo VI em 1970 – e padre Therme se espalhou pelo mundo. A capela de Nossa Senhora dos Prazeres, que era a capela articular da Chácara do Velasco, hoje está integrada ao Convento do Cenáculo.



Santuário São Judas Tadeu

O Santuário de São Judas Tadeu, com a Igreja Matriz e o Centro Paroquial Monsenhor Bessa, localiza-se na atual Rua Cosme Velho, de frente ao Caminho Férreo para o Cristo Redentor, no Corcovado. Trata-se de um belo conjunto arquitetônico, com importante obra de evangelização no bairro. A Matriz tem estilo moderno e singular. Sua nave é circular e em nível elevado, ladeada pelas demais dependências do templo.

A Paróquia de São Judas Tadeu foi fundada em 1º de janeiro de 1945, quando o Arcebispo do Rio de Janeiro, o então Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, celebrava seu jubileu de prata sacerdotal. Seu território foi desmembrado da Paróquia de Nossa Senhora da Glória, do Largo do Machado. Mesmo já estando criada e tendo como pároco o padre Luís Gonzaga de Campos Góes, a Paróquia não possuía uma sede condigna. Ela começou a funcionar, com celebração de missas, na casa do Dr. João Xavier de Brito, na Rua Schmidt de Vasconcelos, 34.

Depois os cultos passaram a ser celebrados numa pequena capela dedicada a São Lucas, que ficava ao lado do edifício Casa do Médico, na Rua Cosme Velho. O padre Góes incentivou os devotos de São Judas Tadeu de tal forma, que conseguiu arrecadar fundos para a compra da Casa do Médico. O prédio foi demolido, e a Pedra Fundamental lançada e benta pelo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, em 1952.

O projeto, de 1956, é do arquiteto Benedito de Jesus Calisto Neto, o mesmo que projetou a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo. A Igreja foi oficialmente inaugurada em 1968, pelo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara,



Na foto, ao centro, Santuário São Judas Tadeu, localizado no Cosme Velho.

tendo sido sagrada como Santuário em 28 de agosto de 1985 pelo Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales. Ornada com mármore italiano, é local de grande culto popular na festa de 28 de outubro, dia dedicado a São Judas Tadeu.

A Matriz possui um importante relicário com dois fragmentos de osso de São Judas Tadeu. No relicário há uma formação imitando um ostensório, em forma de cruz, na parte superior coberta de vidro.



Museu de Pediatria Brasileira

Este memorial da história da Pediatria no Brasil foi inaugurado em março de 2004, idealizado e organizado pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Com acervo eclético, formado por uma coleção de documentos e objetos pertencentes a pediatras com trajetórias marcantes nessa área, possui também coleções institucionais provenientes de entidades atuantes e doações particulares.

O Museu da Pediatria Brasileira apresenta grande valor turístico, histórico e social, contribuindo para a comunidade local, assim como para a classe estudantil e médica. Tem como missão atuar de forma segura no desenvolvimento das atividades históricas, científicas e culturais, fornecer serviços de qualidade e assim contribuir com a preservação da história da pediatria no Brasil.

Ao longo das suas salas de exposições é possível fazer um passeio pela história dessa especialidade médica e seus principais avanços e eventos relevantes.

Está localizado em uma casa histórica do bairro do Cosme Velho, encravado em um lindo jardim no meio da floresta. Bem próxima à Bica da Rainha, a casa pertenceu a Adherbal de Miranda Pougy, que se mudou em 1937.



Estrada e Estação do Trem do Corcovado

A Ferrovia ou Estrada de Trem do Corcovado foi construída ainda nos últimos tempos do Brasil Imperial, quando o sistema de governo era a chamada Monarquia Parlamentar. A construção foi aprovada pelo Gabinete do Império e pelo próprio Imperador. Assim que ficou pronta, foi inaugurada por Dom Pedro II em 1884.

O trem, então movido a vapor, foi considerado um feito espetacular da engenharia, quase um milagre por sua capacidade de percorrer 3.824 metros de ferrovia em grande declive.

A ferrovia foi construída bem antes do monumento do Cristo Redentor. Foi através dessa mesma ferrovia e usando o mesmo trem que as partes da estátua do Cristo Redentor foram transportadas ao topo da montanha.

O trabalho de construção do monumento durou quatro anos, entre 1927 e 1931. Sem a ferrovia, certamente teria sido muito mais difícil ou até mesmo inviável essa construção.

Os primeiros trens, movidos a vapor, foram substituídos em 1910 por trens elétricos. Essa mudança tecnológica e melhoramentos na ferrovia também representaram um marco na engenharia e na história dos transportes do Brasil, pois essa foi a primeira ferrovia elétrica do país. Seria futuramente modernizada, e novos trens foram comprados da Suíça em 1979.

Embora o cume do Corcovado já fosse um ponto alto e mirante da cidade, já visitado desde os tempos de D. Pedro I através de trilhas rústicas, a Estrada do Trem do Corcovado não foi projetada inicialmente tendo como fim principal levar visitantes ou turistas ao topo do Corcovado.

O motivo principal de sua construção foi proporcionar acesso a um hotel de inspirações europeias, no topo da montanha. Assim sendo, juntamente com a ferrovia, na mesma época, foi construído o Hotel das Paineiras na parte mais alta da ferrovia, inaugurado no mesmo dia.

Renovado e reconstruído muitas vezes ao longo dos anos, o velho hotel foi fechado em 1984. Atualmente existe em andamento um projeto para construção de um novo complexo de edificações no mesmo local.

Pessoas famosas e celebridades se hospedaram lá, como o presidente Washington Luís, Getúlio Vargas, Café Filho e a mundialmente famosa atriz Sarah Bernhardt.



Página seguinte: Estação da Estrada de Ferro do Corcovado, localizada na Rua Cosme Velho.

Na estação existe um pequeno museu temático, com alguns vagões, máquinas e peças antigas em exposição.



Fundação Roberto Marinho

Abaixo e na página seguinte: Fundação Roberto Marinho. Construída em 1939, foi casa de Roberto Irineu Marinho. Hoje abriga um museu com sua belíssima coleção de Arte Brasileira.

Dois passos importantes foram dados por Roberto Marinho em 1939: a construção da casa do Cosme Velho e o início de sua coleção de arte. A casa começou a ser construída pelo engenheiro César Melo Cunha, assistente do famoso arquiteto Joseph Gire, também responsável pelos projetos do Copacabana Palace e do Palácio das Laranjeiras. Localizada ao pé da Floresta da Tijuca, foi inspirada



no antigo Solar Magaípe, icônica fazenda de Pernambuco do século XVII. Os jardins foram projetados por Burle Marx, paisagista renomado que revolucionou o paisagismo do Brasil usando espécies tropicais nativas da Mata Atlântica e desenho modernista.

O projeto preservou a mata do entorno e o Rio Carioca, que passa pela propriedade. Além da casa e dos jardins, o acervo, formado ao longo de 60 anos, é uma importante coleção de Modernismo e Abstracionismo no Brasil. Compõem a coleção obras de artistas como Di Cavalcanti, Pancetti, Alberto da Veiga Guignard, Cândido Portinari, Nery, Segall, Dacosta, Tarsila, Burle Marx, Djanira, Iberê Camargo, Antônio Bandeira, Tomie Ohtake e Manabu Mabe, entre outros.





3



Ruas e praças relevantes

Rua Alice

De acordo com o historiador e jornalista Brasil Gerson, a Rua Alice foi aberta, no último quarto do século XIX, por Eduardo Kinglhofer. O empresário queria construir uma linha de bondes interligando a Zona Sul à Zona Norte, através de um túnel, o Rio Comprido-Laranjeiras. A via foi aberta, e o túnel, o primeiro da cidade, inaugurado em 1887. Porém, nunca nenhuma linha de bonde por ele passou, muito embora tenha se tornado uma alternativa para ir da Zona Norte à Zona Sul de carro, sem passar pelo Centro. Na década de 1940, o traçado sinuoso da Rua Alice, margeando a encosta do Morro dos Prazeres, não comportava mais a demanda de tráfego da cidade, em função do aumento da frota de veículos.

Rua Alice.
Foto de Augusto Malta –
Arquivo Geral da Cidade, RJ.



Rua Ipiranga: vista parcial em direção à Rua das Laranjeiras. 1903. Foto de Augusto Malta – Brasiliana Fotográfica.



Rua das Laranjeiras

As duas ruas mais famosas do bairro de Laranjeiras são a Pinheiro Machado, onde situa-se o Palácio Guanabara, e a Rua das Laranjeiras. Em tempos passados tentou-se mudar o nome da Rua das Laranjeiras, rebatizando-a de Almirante Delamare, mas o esforço foi em vão. O nome já tradicional resistiu à mudança, uma vez que continuava conhecida popularmente como Rua das Laranjeiras. A rua é a principal artéria do bairro e une Laranjeiras ao bairro do Cosme Velho.

Rua das Laranjeiras, 1885. Foto de Augusto Malta – Arquivo Instituto Moreira Salles.



Rua Pinheiro Machado

Um dos moradores de destaque no bairro, ainda no século XIX, foi Domingos Francisco de Araújo Rozo, que possuiu uma grande chácara no local. Chamada de Chácara do Rozo, era considerada a mais bela chácara do local ou talvez do Rio de Janeiro. Situava-se na Rua Guanabara, hoje Pinheiro Machado.

Abertura da Pedreira na Rua Guanabara em 1914, atual Rua Pinheiro Machado.

Esse proprietário chegou a ter uma rua no bairro com seu nome, rua esta que atualmente é chamada Coelho Neto. A antiga Rua Guanabara, atual Pinheiro Machado, foi uma



das primeiras ruas do bairro que tinha começo na Rua das Laranjeiras no sopé da colina chamada de Morro da Graça. Nesta mesma rua está localizado o Palácio Guanabara, antiga residência da Princesa Isabel e do Conde d'Eu. Existia uma pedreira que foi cortada para interligar com a Praia de Botafogo, ao lado da Igreja Imaculada Conceição. Hoje uma importante via de ligação do bairro com o Catumbi, ligação feita através do Túnel Santa Bárbara.

Página anterior: Abertura da Pedreira na Rua Guanabara, atual Rua Pinheiro Machado. Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ.



Rua Coelho Neto

Antiga Rua do Rozo, foi aberta em 1855, muito próxima do Palácio Guanabara, sede do governo. Coelho Neto (1864-1934) foi escritor, político, professor e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Viveu no Hotel Metrópole, que ficava na Rua das Laranjeiras 519 e hoje não mais existe. Em 1905 Coelho Neto alugou uma casa na Rua do Rozo, 79 – atual Rua Coelho Neto – esquina com Pinheiro Machado, na qual viveu até morrer.

Coelho Neto iniciou sua carreira no jornal *Gazeta da Tarde* e prosseguiu-a no diário *Cidade do Rio*, de propriedade de José do Patrocínio (dedicado à pauta antiescravagista) e depois no *Diário de Notícias*, de Rui Barbosa. Formou com mais alguns amigos o grupo da “boemia literária” do Rio de Janeiro, do qual faziam parte Olavo Bilac, Luís



Murat, Guimarães Passos e Paula Ney. A história dessa geração apareceria depois em seus romances *A Conquista* e *Fogo Fátuo*. É considerado o pioneiro a usar a expressão Cidade Maravilhosa. Embora circulem outras versões para o nascimento da expressão, há registros de que ela foi criada mesmo pelo escritor no artigo “Os sertanejos”, publicado no jornal *A Notícia*, de 29 de outubro de 1908, que depois fez parte, em 1928, do seu livro *Cidade Maravilhosa*, com uma série de crônicas sobre a cidade.



Rua Gago Coutinho

Muito conhecida, foi a segunda rua do bairro de Laranjeiras. Com a expansão da cidade, o comerciante Domingos Carvalho de Sá adquiriu uma chácara em 1837, abrindo em parte dela essa via, que antes trazia o nome do comerciante. Resolveu vender lotes e foi um sucesso total. A Rua conserva ainda alguns imóveis do final do século XIX, como uma vila residencial (atual Vila do Largo), junto ao Largo do Machado.

Rua Carvalho de Sá, atual Gago Coutinho. Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ.

A Gago Coutinho hoje dá acesso ao Parque Guinle.



Rua Pereira da Silva

Em torno de 1840, o filho do capitão Antônio Velasco, seguindo o exemplo de Domingos Carvalho de Sá, abriu uma rua na propriedade que herdara de seu pai e vendeu vários lotes, nascendo assim a terceira rua de Laranjeiras, a atual Pereira da Silva. As ruínas da sua grande casa na encosta do morro podiam ser avistadas no final dos noventa e já estavam sendo ocupadas por barracos de gente humilde, nascendo a comunidade conhecida como “Pereirão”.

Foi nessa rua que os moradores de Laranjeiras, Cosme Velho, Glória e Catete se reuniram na casa de Velasco, onde hoje funciona o Convento do Cenáculo, para solicitar ao poder público a criação da Freguesia de São José. Na Pereira da Silva também havia uma outra fábrica, que produzia cerveja, e cujo dono era Luiz Bayer.



Rua e Praça General Glicério

Na área da atual Rua General Glicério e adjacências, como já mencionado, existiu uma grande lavanderia a vapor que posteriormente foi transformada na Companhia de Fiações, Tecidos e Tinturaria Alliança. Essa fábrica fun-

cionou até 1938 e foi uma das mais importantes do ramo no Rio de Janeiro, sendo responsável também por significativas mudanças urbanas. Vilas e outras tipologias de habitação surgiram, alterando as características originais do bairro de chácaras e grandes propriedades. Após desativada, deu origem à implantação de um empreendimento imobiliário com prédios residenciais, chamado Jardim Laranjeiras. Muitos desses prédios resistem até hoje no local. Os prédios em centro de terreno são cercados por jardins bem cuidados e muitas árvores. Depois de cerca de 150 metros, a rua divide-se em dois braços, envolvendo uma pequena praça.

Atualmente essa é uma rua como outra qualquer, residencial e calma. No sábado ela se transforma! A Rua General Glicério abriga uma famosa feira, que começa bem cedo e vende de tudo: peixe, flores, artesanato, drinks, comidinhas como pastel, tapioca e até ostras frescas para comer na hora. O ponto alto começa por volta de meio-dia, quando músicos se juntam para tocar chorinho, e a praça vira um palco de festa musical ao ar livre.



Rua Paissandu

A Rua Paissandu, aberta em 1853, nos terrenos das chácaras de Guedes Pinto e do seu amigo Machado Coelho,



Rua Paissandu com suas famosas palmeiras-imperiais. Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ.

é uma das mais lindas da cidade. Uma parte fica em Laranjeiras e outra parte no Flamengo. A partir do Palácio Guanabara, é possível seguir pela rua admirando as lindas palmeiras imperiais que a acompanham do início ao fim. Uma curiosidade é que as palmeiras imperiais existem graças à Princesa Isabel, que no século XIX mandou plantá-las ao longo de toda a via para que ela pudesse caminhar pela sombra até a Praia do Flamengo. Interessante citar que a Rua Paissandu, com grandes áreas baldias no final do século XIX, abrigou o Rio Cricket Club, assim como o campo de *football* do Flamengo onde eram realizadas algumas partidas. Hoje poucas casas sobreviveram, protegidas por tombamento municipal.

Entre 1950 e 1980 morou ali o intelectual e escritor ilustre Alceu de Amoroso Lima.



Rua Ipiranga

Tem esse nome em homenagem ao Riacho do Ipiranga, localizado na cidade de São Paulo, em cujas margens foi



Rua Ipiranga, crianças brincando na rua, cerca de 1910. Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ.

proclamada a Independência do Brasil pelo príncipe e herdeiro do trono de Portugal, Dom Pedro I. Ipiranga é também a junção de duas palavras em língua tupi, *y* e *piranga*: *Y* significa água ou rio, *piranga* significa vermelho ou vermelha. Juntos significam água vermelha ou rio vermelho. A Rua Ipiranga começa na Rua das Laranjeiras e foi aberta pelos herdeiros de Domingos Rozo em 1856, terminando nas divisas das terras de Guedes Pinto. Esta rua é a que mais preserva a arquitetura do século XIX.

Heitor Villa-Lobos nasceu numa casa nessa rua em 5 de março de 1887, filho de Noêmia Umbelina Santos Monteiro e de Raul Villa-Lobos, funcionário da Biblioteca Nacional e violoncelista amador. Heitor foi o único dos oito filhos do casal em que despertou a vocação para a música. Na rua Ipiranga nasceu também o escritor Lima Barreto. Durante o século XIX abrigou o Colégio Abílio, um dos mais renomados na corte. Foi nele que Raul Pompeia estudou e se inspirou para escrever o romance *O Ateneu*.



Rua Pires de Almeida

A rua fica bem no limite de Laranjeiras com o Cosme Velho. Apesar de não ser muito conhecida pela população em geral, abriga um conjunto de edifícios Art Déco construído nos anos 1920. Os 23 edifícios coloridos, um empreendi-

Prédios do empreendimento imobiliário dos anos 1920 Jardim Sul América, localizado na Rua Pires de Almeida.



mento da Companhia Sul América de Seguros, que dão à rua um charme e um ar bucólico de interior. O objetivo da Companhia era construção de apartamentos para locação e, em 1928, lançou o Projeto com o nome de Jardim Sul América. No final da rua localiza-se uma praça sombreada por amendoeiras e, do lado oposto da pedra, é possível avistar o Cristo, ladeado pelas casinhas coloridas.



Rua Soares Cabral

Por trás do morro rochoso conhecido como Morro da Graça, a rua era chamada popularmente de Beco do Fogueteiro. Ali existiu uma fábrica de fogos de artifício, instalada em 1854. Quando esta indústria foi desativada, a rua tornou-se essencialmente residencial. Na década de 1880, a Rua do Fogueteiro ganhou o nome de Nova Guanabara, e só em 1897 passou a ser conhecida como Rua Soares Cabral. Posteriormente esta rua foi alargada para dar acesso ao viaduto Jardel Filho, teve muitas árvores retiradas e ganhou um volume de trânsito intenso, descaracterizando seu antigo clima bucólico.



Largo do Machado

Originalmente, a região ocupada pelo Largo era uma lagoa, a Lagoa do Suruí, também chamada Lagoa da Carioca ou Sacopiranha, alimentada pelo Rio Carioca. Por sua vez, a lagoa alimentava o Rio Catete. Posteriormente foi aterrada, dando lugar ao Campo das Pitangueiras. Num dado momento, sua denominação mudou para Campo das Laranjeiras. No século XVII, era conhecido como Campo das Boitangas, sendo “boitanga”, um tipo de cobra. No início do século XVIII, passou a ser chamado Campo ou Largo

Largo do Machado, estação do trem, 1906. Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ.

do Machado, em referência ao oleiro André Nogueira Machado, proprietário de terras no local. Por volta de 1810, um açougueiro também de sobrenome Machado instalou-se ali, ilustrando a fachada de seu estabelecimento com um grande machado. Também em 1810, o Largo do Machado passou a constar como logradouro oficial na cidade.

A partir de 1843, passou a chamar-se Largo da Glória, por causa do início da construção da Igreja de Nossa Senhora da Glória, que viria a ser inaugurada em 1872, em frente ao local. Em 1865, o Largo recebeu luz elétrica. Em 1868, foi inaugurada a estação central da primeira linha de bondes da cidade, que ia dali até a Rua dos Latoeiros, atual Rua Gonçalves Dias, no centro.

Em 1869, o Largo foi renomeado Praça Duque de Caxias, em homenagem ao famoso militar brasileiro. Em 1899, foi instalada na praça uma estátua em sua homenagem. A estátua foi transferida para o endereço atual em 1949, e com isso o nome oficial da praça voltou a ser Largo do Machado. Em 8 de dezembro de 1954, foi instalada no centro do Largo a estátua de Nossa Senhora da Conceição, comemorando o centenário do dogma católico da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, doada à cidade por Dom Jaime Câmara. Nessa década, o espaço foi reformado segundo projeto paisagístico de Roberto Burle Marx.

Na década de 1970, com a construção da Estação Largo do Machado, do Metrô do Rio de Janeiro, a praça sofreu outras modificações.



Praça São Salvador

Nessa simpática praça, bem arborizada, está localizada uma das obras francesas de Val d'Osne, o chafariz, um dos mais belos da cidade do Rio de Janeiro. Instalado ali provavelmente em 1903, quando foi construído o jardim em cujo centro a obra fora posicionada. Do conjunto, somente a escultura feminina, datada de 1862, é obra de Louis Sauvageau. As demais são peças sem assinatura, escolhidas do catálogo de Val d'Osne e fundidas sob en-

Praça São Salvador (antigo Largo de São Salvador). Foto de Augusto Malta – Arquivo Geral da Cidade, RJ



Chafariz "A Fonte",
originário das
fundições francesas
Val O'Osne, tomba-
do em 1998.

comenda. Garantindo a preservação do conjunto da Praça São Salvador, o chafariz foi tombado pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural) em 1998, e também pelo município, no ano 2000. No século passado a praça viveu momentos de paz e tranquilidade com a frequência da comunidade local, crianças e idosos. Em 1996 a praça foi reurbanizada e recebeu um parquinho infantil e coreto. Foi ganhando fama pela música e atualmente aos domingos atrai uma multidão por uma feira de artesanato e pela roda de choro.



Praça Ben-Gurion



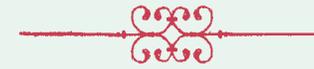
Localizada na esquina da Rua das Laranjeiras com a Rua Cardoso Júnior. Na década de 1880 era o ponto final dos bondes elétricos da linha Laranjeiras, enquanto o bonde Águas Férreas seguia em direção ao Cosme Velho. Hoje conhecida como Praça do Chafariz em forma de concha, do premiado arquiteto Francisco Bolonha, é uma homenagem a Ben-Gurion, um importante político na fundação do Estado de Israel.

Chafariz da Praça
Ben-Gurion, em for-
mato de concha.





4



Travessa Pinto da Rocha

Histórico da ocupação das casas

A Travessa Pinto da Rocha deve ter sido aberta por volta dos anos 1930. É uma travessa sem saída, perpendicular à Rua Pinheiro Machado. Localizada em frente ao estádio do Fluminense Futebol Clube, tem a característica de uma vila. É formada somente de casas do lado direito. Do lado esquerdo se encontra o posto de gasolina, originalmente Posto Esso, cujas garagens e oficinas ocupavam quase todo esse lado. Por relatos de antigos moradores, sabe-se que exatamente nesse lugar do posto estavam antes o pomar e a horta do Asilo, hoje Instituto João Alves Afonso, que tem sua entrada pela Rua Ipiranga.

Na minha infância, Laranjeiras era um bairro essencialmente residencial, principalmente nesse entorno das ruas próximas à Pinheiro Machado. O comércio era mais localizado no Largo do Machado.

O nome da Travessa é homenagem a Artur Pinto da Rocha, que nasceu em 26 de dezembro de 1864 no Rio Grande do Sul e faleceu em 18 de julho de 1930 no Rio de Janeiro. Foi magistrado, político, historiador, jornalista, poeta, dramaturgo e escritor de várias obras.

Filho do português Antônio Joaquim Pinto da Rocha, Visconde de Pinto da Rocha, e da brasileira Constança Pinheiro da Cunha, Artur passou sua infância e juventude em Portugal, onde estudou, experiência de vida que lhe serviu de fonte de inspiração para alguns de



seus poemas e livros. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Coimbra e foi quem requereu *habeas corpus* preventivo a Rui Barbosa – de quem era procurador – por ameaças na campanha presidencial de 1919. Fundador de jornais e diretor da *Gazeta de Notícias*, redator de *A Federação* e do *Jornal do Brasil*, foi autor de obras sobre história da política e de direito internacional. É patrono da cadeira 16 da Academia Rio-Grandense de Letras.

Localização da Travessa Pinto da Rocha, transversal à Rua Pinheiro Machado, onde aparece a sequência das casas.



Relatos afetivos

Homenagem em memória a Rosina e Geninha



As meninas da casa 12

Verinha Pucheu Zhraik

Rosina e Geninha nasceram na Travessa Pinto da Rocha.
Lá cresceram, brincaram, estudaram, dançaram, namoraram.
Lá construíram suas vidas.
Até que suas vidas as afastaram da rua/ berço/ escola.
Rosina se casou com um médico, foi viver no Jardim Botânico.
Geninha se casou com um artista, foi viver em Nova York.

Mas raízes profundas não se abatem. A gente arranca as folhas,
poda os galhos, corta o tronco, mas as raízes permanecem lá nas
profundezas da terra, assim como lembranças em nosso imagi-
nário. Quando menos se espera, as raízes criam frágeis brotos
que voltam a ser galhos tênues, assim como imagens de nossa
infância viram pensamentos, lembranças, sonhos...

Aí surge a ideia de um livro. Um livro jardineiro que rega raízes
e cria relatos de fatos passados, um livro que permite ressuscitar
momentos longínquos, tornando-os presentes, concretos, palpá-
veis. Rosina e Geninha sonharam com esse livro do qual são prota-
gonistas. Imprimiram suas memórias. Torceram para que virassem
matéria textual que a gente lê e relê para depois recordar e sonhar...

Mas eis que novamente suas vidas voltaram a interferir, muda-
ram o rumo e se interromperam, antes mesmo de o sonho se
tornar realidade...

Rosina e Geninha certamente assistirão ao lançamento deste livro
repousando em alguma galáxia do nosso espaço sideral e – quem
sabe graças às “inteligências artificiais” cada vez mais desenvolvi-
das – distribuirão autógrafos a quem porventura solicitar...

Casa 12

Família Dias Fernandes

Construíram a casa na década de 1930, o doutor José Guilherme Dias Fernandes – pai de Geninha e Rosina – e Eugênia Dias Fernandes.

Moravam na casa José Guilherme e a esposa, Olga Dias Fernandes, as filhas Eugênia (Geninha) e Rosina, além da avó paterna, Eugênia.

Rosina e Geninha saíram da casa em 1973, mas a casa permaneceu na família, com Olga, até 1974.



Família Souza Leite

A família Leite comprou a casa de número 12 e se mudou em 1974. Ali residiram o proprietário Fábio de Souza Leite, sua esposa Wanda e os filhos Sônia, Luiz Cláudio, Márcia (Marcinha) e Sandra (Zi). Márcia continua lá, agora com sua família. Fábio morou até falecer.



Nossa casa na Travessa

Eugênia Fernandes de Andrade (Geninha)

Nossa casa tinha dois números – 12 e 12A – porque era como um sobrado com dois apartamentos completos. No primeiro andar, sempre alugado, moraram alemães, albaneses e um guarda-costas do presidente Getúlio Vargas casado com uma professora de acordeon que nos embalava com valsas a tarde toda. Mas o andar térreo e o jardim da casa eram nossos, a garagem também.

Esse domínio territorial era importante porque era ali que eu brincava 12 horas por dia. Na garagem, eu guardava um tesouro: bonecas, panelinhas, um toca-discos de manivela, mas principalmente minhas roupas de princesa feitas com cortinas de chuveiro, de plástico, que eu não deixava minha mãe jogar fora.

Essas brincadeiras tinham uma participação importante, a das filhas da nossa lavadeira, dona Nemésia. Trabalhadora incansável da época do tanque, Nemésia tinha oito filhos, morava na casa de cômodos na Rua Pinheiro Machado, contígua à horta do orfanato. Essa casa de cômodos era uma agência quebra-galho da Travessa Pinto da Rocha. Quando a gente precisava de bombeiro, de encerrador, de eletricista, tinha sempre um naquele endereço.

Todo o mundo se conhecia. Para mim, o melhor de lá eram as filhas da Nemésia. As quatro menores vinham trabalhar com a mãe e eram minhas companheiras. Mui-

tos vizinhos devem ter visto aquele grupo de meninas, sentadas nos degraus da varanda da casa 12, costurando roupinhas de boneca. Passavam no portão, em frente à varanda, a babá do 28 e a dona Nina, babá do André Luiz, que aproveitavam para dar uma olhada na segurança da criançada.

Na Travessa passavam também o peixeiro – com duas cestas de mercadoria penduradas nas pontas de uma trave apoiada no ombro – e o “lig-lig” vendendo confeitos. O “lig-lig”, no vocabulário da Pinto da Rocha, era uma espécie de castanhola que o vendedor usava para avisar que estava chegando. Quando ouvia esse som inconfundível, eu corria para casa e pedia 500 réis para minha mãe para comprar os charutinhos de biscoito. No balaio do “lig-lig” também encontrávamos pirulito de caramelo, drops, chiclete de bola, bala de coco, suspiros e outros.

Falando do jardim da casa 12, não se pode esquecer o senhor Manuel, imigrante português que regava todas as plantas e lavava todos os carros da vizinhança. Na microsociedade da nossa rua, ele era um homem de confiança.

Um dia, enquanto trabalhava no final da rua, roubaram a bicicleta dele no nosso jardim e aí durante semanas ele vinha de Águas Férreas a pé. No Natal, meu pai comprou uma bicicleta nova, nós enfeitamos o presente com laços coloridos de celofane, e quando o senhor Manuel chegou para trabalhar encontrou a surpresa. Ele ficou feliz e nós também.



Que eu me lembre, eu só saía para brincar no meio da rua durante as férias. No asfalto, em frente do portão de casa, tinha uma amarelinha riscada com giz, sempre preparada para a competição. Mais adiante tinha o traçado do jogo “declaração de guerra”, em forma de círculos com o nome dos países. Não tenho mais nenhuma lembrança das regras desse jogo que deixava a criançada da rua toda entusiasmada. Só me lembro da gritaria e da algazarra.

Felizmente, a rua não tinha saída e praticamente só os carros dos moradores entravam nela, sempre com cuidado para não atropelar a meninada.

Falta falar do poste de luz em frente da casa 12. Era daquele modelo antigo, tipo lampião, fincado na calçada da horta do orfanato. Quando eu queria ter sensações perigosas, escalava o poste e, lá de cima, ficava olhando para a plantação do senhor Ramiro, que detestava intrusos na horta dele. A mulher do Ramiro esbravejava e me ameaçava com cabo de vassoura.

Lembro-me dos gatos. Até hoje não sei por que aparecia tanto gato vira-lata naquela rua. Eles viviam no nosso quintal como se fossem da família. Às vezes, pegava um deles deitado na prateleira da minha escrivaninha. Um susto! A gente se conformava com essa bicharada pulguenta no jardim, mas a paciência acabava quando eles entravam na cozinha e comiam o nosso peru de Natal. Foi o que aconteceu uma vez.

As atividades culturais eram criadas pela dona Atir Léllis. Ela escreveu uma peça de teatro para a gente repre-

sentar na sala de jantar, no aniversário do doutor Léllis. No elenco, os filhos e todos nós. Eu devia ser a mais exibida da noite porque apresentei também um número de balé, vestida com o traje caipira que eu tinha em casa, mas a música era uma “gavotte” erudita. Eu devia ter uns nove anos nessa época.

Dois anos depois, o doutor Léllis me socorreu. Meu pai, radiologista, viajou para participar de um congresso em São Paulo e eu tive uma repentina dor na barriga. Alta noite, a dor piorou e minha mãe sozinha em casa pediu ajuda ao doutor Léllis, que diagnosticou logo uma apendicite. Depois de vários telefonemas urgentes, eu saí para o hospital no colo dele que, já na sala de cirurgia, me convenceu a tomar a anestesia dizendo que tinha “cheirinho de coco”.

Nessa infância na Pinto da Rocha teve gente que estava sempre comigo: Celinha e o irmão Luiz Henrique, que moravam no prédio da esquina da Pinheiro Machado; André Luiz, Verinha, Rosa Maria, Roberto, Zé Carlos; Maria Vitória, que era neta do senhor Antonaccio e passava as férias no Rio. E teve gente que nunca estava comigo: Renato e Ana Maria, vizinhos do lado, que não tinham licença para brincar com a gente, o que me dava pena; Eduardo e a irmã – Lourdes (Baby) eram mais velhos e tinham outros amigos. A família inglesa – me lembro bem do Gany – tinha vida à parte.

As meninas do orfanato só apareciam quando saíam em fila indiana pelo portão dos fundos do asilo. Nessas raras ocasiões, quando o portão abria, a gente tinha

alguns poucos minutos para espiar lá dentro e procurar os segredos que a nossa fantasia pensava existirem do outro lado do muro.

A Travessa mudou com a instalação do posto de gasolina. A esquina com a Pinheiro Machado ficou larga, iluminada e movimentada. Enquanto morei na casa 12, o bar do posto era pequeno e eu só ia lá para comprar sorvete. O ambiente não era ponto de encontro. Conforme a vida foi ficando adulta, a rua foi esvaziando, os novos amigos moravam mais longe, e o casarão amarelo de janelas marrons não era mais o centro do mundo.

A morte súbita do meu pai, em 1970, foi decisiva. Em 1974, as casas 12 e 12A foram vendidas. Reformadas, bem mais bonitas, elas estão lá até hoje, mas nunca mais entrei nelas. Minha mãe, com mais de 100 anos, já meio perdida no tempo, costumava me perguntar:

– Você veio de onde?

– De casa.

– Da Pinto da Rocha?

Na memória dela, foi a lembrança que ficou.



Lembranças de nossa casa

Rosina Fernandes de Andrade

Sou nascida e criada no número 12 da Travessa. Saí de lá para casar. Embora se parecesse com as outras casas da rua, a nossa era diferente: um típico sobrado com duas casas superpostas totalmente independentes e que, por isso mesmo, teve inúmeros moradores.

A casa foi construída por meu pai, José Guilherme, e minha avó, dona Eugênia, quando vieram de Pernambuco para meu pai, filho único, começar a vida profissional no Rio (era médico). Meu pai casou-se com minha mãe, Olga, e moraram com minha avó no térreo, onde nasci. Quando minha irmã Eugênia (Geninha) nasceu, papai pediu a casa de cima, então alugada, e nos mudamos para cima para ter mais espaço.



Lembro bem a longa escada de mármore que levava ao segundo andar, reta, com cerca de 20 degraus e que deve ter preocupado muito meus pais, com duas crianças pequenas. Mas nunca ninguém rolou por ela. Na parte de cima havia um portãozinho de madeira que ficava fechado e a gente obedecia.

Como vovó morava embaixo, tínhamos livre trânsito pelas duas casas e pelo jardim onde brincávamos ou do lado de fora, ou dentro da garagem quando chovia! Essa situação se manteve até meus sete anos, quando vovó faleceu. Papai então fez uma reforma na casa de baixo, envidraçando a varanda que até então era aberta, e pas-

samos a morar no térreo, que tinha um cômodo a mais: onde a casa de cima tinha área de serviço, a casa de baixo tinha mais um quarto.

Não identifico mais os vários moradores que por lá passaram. Papai dava sempre preferência a casais sem filhos, com medo do barulho... Só me lembro muito bem de Regina Pimenta de Mello, que foi morar lá com os tios que a criavam pois havia ficado órfã. Regina descia, brincava conosco e até estudava no mesmo colégio, o Sacré-Coeur de Jesus, ali na Rua Pinheiro Machado.

Anos mais tarde, quando minha irmã e eu iniciávamos nossa vida profissional, eu professora e ela jornalista, nova mudança na casa: depois de muita insistência nossa, papai pediu a casa de cima e Geninha e eu nos mudamos para lá para, enfim, termos cada uma o seu quarto! Até então dormíamos no mesmo quarto: eu acordando cedo para dar aula, ela datilografando textos tarde da noite! Uma loucura. A varanda envidraçada recebeu uma emenda, e as duas casas passaram a funcionar como uma casa só pela primeira vez. E foi nesse formato que ela foi vendida depois da morte de papai. Geninha e eu nos casamos, e mamãe veio morar perto de mim, no Jardim Botânico.

As brincadeiras na Travessa

Fomos um grupo de crianças privilegiado: brincamos na rua! Amarelinha, pique-pega, pique-esconde,

garrafão, pique-bandeira, caracol, e sei lá o que mais. Aprendemos a andar de velocípede, patinete, patins, bicicleta, com todos os tombos correspondentes! Durante o ano escolar não tínhamos tempo, o colégio nos tomava o dia todo, de oito às 16 horas, e depois ainda havia o dever de casa, as aulas de piano, de balé etc. Mas, quando as férias chegavam, era a nossa vez de ganhar a liberdade.

Na nossa casa as férias começavam com uma ida ao armazém do Luís, na Pinheiro Machado, para comprar um par de Alpargatas Roda: de lona colorida e sola de corda! Os sapatos de couro eram para sair ou para ir ao colégio. Alpargata no pé, ganhávamos a rua! Supervisionadas por dona Nina – da casa do André Luiz – ou pela babá – da casa de Verinha –, só voltávamos para casa para comer e para o banho no final da tarde, exaustas! Afinal, precisávamos estar limpinhas e arrumadinhas quando papai chegava para o jantar.

Nosso grupo era formado basicamente por nós duas do 12, André Luiz do 22, Verinha do 28, Rosita e seus irmãos Roberto e Zé Carlos do 41. Baby, do 40, já era mocinha, e seu irmão Eduardo, não sei por que, não brincava na rua com a gente. Nossos vizinhos do 18 é que nunca vinham para a rua, pois a mãe, dona Anita, não permitia. Assim, Renato, Roberto e Ana Maria só ficavam no próprio jardim. Claro que, além dos moradores da rua, havia um monte de meninos e meninas da casa de cômodos que ficava do outro lado da horta das freiras – atual terreno do posto de gasolina –, que se incorporavam às nossas brincadeiras e

que tinham habilidades que nós não tínhamos, como subir no poste que ficava em frente à nossa casa, soltar pipa etc.

Se a turma da rua era mista e heterogênea, do nosso portão para dentro as regras de dona Olga eram rígidas: dentro do nosso jardim, só as meninas! Como não tínhamos irmão, essa regra era clara e intransponível. Muitas vezes Andrezinho bem que gostaria de estar conosco, mas mamãe era inflexível. Acho que foi ela a precursora do Clube da Luluzinha: “menino não entra”!

Se para a questão de gênero mamãe era rígida, para a questão de classe social era da maior abertura. Conviemos, Geninha e eu, toda a nossa infância com uma família inteira que morava na tal casa de cômodos. Nemésia, a mãe, veio trabalhar em nossa casa quando nasci, era a lavadeira que lavava minhas fraldas! E com ela foram vindo as filhas: Maria, a mais velha, ficava em casa cuidando dos irmãos enquanto a mãe trabalhava; depois, Helena, Florisbela (Belinha), Hermínia e Claudete foram criadas conosco. Era uma festa, sempre tínhamos companhia para brincar, e era a forma que mamãe tinha de ajudar a família: passavam o dia lá em casa, onde comiam e bebiam antes de voltar para casa, sempre levando algo para os irmãos que estavam em casa... Elas eram as herdeiras de nossas roupas e sapatos, além das bonecas e outros brinquedos. A caçula, Claudete, depois de mocinha trabalhou como empregada para mamãe, e só saiu quando se casou.

E de que se brincava tanto? Fomos a última geração sem tevê. Tínhamos que inventar as brincadeiras, imaginar, improvisar! Claro que num grupo de meninas o brincar de casinha/boneca/comidinha ocupava um grande espaço e começava pela escolha, às vezes acompanhada de briga, dos diferentes apetrechos: onde cada uma vai instalar sua “casa”, com que caminha, carrinho, roupas, panelinhas etc. Lembro que havia uma disputa para montar a casa na garagem, em torno da máquina de lavar que, por ter a abertura na lateral, virava a tevê da casa! E não é que a gente ficava parada vendo a roupa bater e olhando pela tampa de vidro como se fosse uma tevê?

No ano em que Gugu (Hugo Henrique, irmão de Verinha) nasceu, ganhamos um novo brinquedo: um bebê de verdade! Nós duas estávamos com 10/11 anos e resolvemos ir brincar de casinha na varanda do quarto de dona Mary, onde ela deixava Gugu num berço lindo, de bambu, bem fresquinho. Lembro bem esse dia: fazia calor, ele estava só de fraldas, era um bebezão, devia ter por volta de sete meses. Lá pelas tantas, não satisfeitas de brincar com o bebê no berço, resolvemos tirá-lo de lá. Claro que não aguentamos o peso, e Gugu caiu no chão! Na varanda de piso frio! Foi um susto só. Correu todo mundo, dona Mary, a babá, e nós duas ficamos paralisadas! Graças a Deus os bebês têm um anjo da guarda de plantão e nada de mais grave aconteceu, a não ser o susto de todas nós.

As brincadeiras de comidinha aborreciam o senhor Manoel, o jardineiro, pois arreventávamos folhas e flores

para fazer nossos quitutes. Em dias de chuva as atividades deviam ser menos espalhadas, então a garagem ficava povoada: montávamos uma escolinha e ensinávamos de verdade às meninas da casa de cômodos. Acho que descobri aí minha vocação para ensinar..

Mas a grande atividade eram os nossos teatros! Tínhamos uma vitrola manual (a manivela) e nela ouvíamos os discos de 78 rotações dos clássicos: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Cinderela, João e o Pé de Feijão. Pensando bem, eram musicais completos: a gente decorava o texto, cada uma no seu papel (príncipe, madrasta etc.) e na hora das músicas entrava o disco! As roupas eram feitas com velhas cortinas de box, eram plásticas e ficavam bem armadas, Além de tudo que mamãe permitisse que se usasse na brincadeira. As montagens por vezes ficavam tão sofisticadas que mamãe permitia, excepcionalmente, que os meninos entrassem no jardim para assistir! Lembro dona Nina entrando pelo jardim e trazendo a garotada para formar a plateia!

Outro evento teatral importante acontecia no aniversário do doutor Léllis, pai de Rosita, Roberto e Zé Carlos. Ele aniversariava em 30 (ou 31) de dezembro; mal entrávamos em férias, por volta de 15 de dezembro, dona Atir nos chamava para os ensaios. Ela mesma escrevia as peças, já pensando nos atores de que dispunha, de modo que ninguém fosse excluído. Esses ensaios tinham além de tudo o sabor da surpresa, ou seja, teoricamente o aniversariante não sabia de nada, e se ele chegasse de repente, precisávamos disfarçar, como se

nada estivesse acontecendo. Isso dava um nível incrível de adrenalina... alguém ficava no portão para avisar de qualquer chegada inesperada.

Os jogos de tabuleiro, de dados, de cartas tinham algum espaço nos dias de chuva, mas com mamãe o bom mesmo era aprender a costurar! Mamãe costurava muito bem e fazia tudo em casa: dos jalecos de papai para o consultório aos nossos uniformes para o colégio, passando pelos lençóis e cortinas da casa toda! A cada Natal e a cada aniversário ganhávamos um vestido feito por ela, geralmente de modelo igual para nós duas, mas de cores diferentes.

Como brincadeira, mamãe nos ensinou a fazer uma boneca de pano usando um pé de meia furada. Enchíamos com algodão e depois fazíamos roupa para as bonecas. Aliás, essa iniciação à costura foi muito útil para a vida. Foi aí que aprendemos a fazer bainha, pregar botão. Mamãe nos fazia pregá-los nas fronhas porque se ficasse feio ninguém ia ver... Geninha herdou de mamãe o gosto e o dom para a costura, eu aprendi o necessário, mas nunca apreciei.

Se o teatro era uma brincadeira do dia a dia, o cinema era uma experiência de dias de festa! Lembro que os aniversários na casa de Verinha incluíam sessões de cinema! Filmes do Gordo e o Magro, Carlitos etc. projetados na parede da escada que levava ao segundo andar, nós sentávamos nos degraus como numa arquibancada. Perfeito!

A solidariedade entre vizinhos

Dois episódios me vêm à memória quando lembro as situações de ajuda mútua.

O primeiro deles era o pé de laranja da terra que existia no nosso jardim. Acho que nasceu por acaso, de caroço lançado no canteiro. Nunca teve enxerto e nunca deu fruto, mas as folhas eram disputadas pela vizinhança a cada gripe ou resfriado! Era a medicina caseira de todo mundo e, por ser medicina, não tinha horário: às vezes, tarde da noite alguém tocava a campainha pedindo as tais folhas e era sempre atendido!

Outra experiência de solidariedade aconteceu quando mamãe fez uma cirurgia e ficou de repouso por algumas semanas. Nesse tempo, vínhamos do colégio para almoçar em casa, e isso ficou complicado pois era mamãe que cozinhava... Imediatamente dona Atir, mãe de Rosita, nos encampou e passamos a almoçar lá no fim da rua. Na ida ou na volta do almoço, passávamos em casa para ver mamãe, e a refeição estava garantida. Como Proust com suas “madeleines”, lembro até hoje o feijão preto da casa dela!

A alfabetização na Travessa

Aprendi a ler ao brincar com minha avó, dona Eugênia. Cearense, de família tradicional, fora aluna das Salesianas no colégio de Aracati (CE) e tinha a formação literária da época. Nossas brincadeiras sempre

foram em torno das letras. Ela sentava-se na cadeira de balanço de palhinha – que tenho até hoje! – e eu sentava no chão. Ela recitava poemas, pequenos textos, diálogos etc. e eu simplesmente ia decorando! Era pura literatura, e só muito mais tarde tive ideia dos autores abordados, mas naquele momento era pura memorização! Um dos meus preferidos era “Um apólogo”, de Machado de Assis! Trocávamos de papel; ela fazia um personagem e eu outro; eu era a costureira e ela a baronesa, depois eu era a agulha e ela, a linha. E assim passávamos tardes inteiras. Acho que por vezes ela pegava algum livro para rever os textos e eu ia junto. Não sei como, um dia estava lendo!

Anos mais tarde vivi novo processo de alfabetização, dessa vez com Kakaia! Dona Mary me procurou pedindo que alfabetizasse Kakaia, pois estava na hora de entrar para o Sacré-Coeur e, naquela época, havia uma prova de seleção que incluía a leitura e compreensão de textos simples. Aceitei o desafio e as aulas começaram, na minha casa. Logo, logo ela lia e, um dia, fiquei toda satisfeita porque o doutor Alberto me encontrou na rua e confirmou que, enquanto ele lia o jornal, Kakaia ficava do outro lado lendo as manchetes!

Chegou o dia da prova e... Kakaia foi reprovada! Simplesmente não abriu a boca! Não leu, não respondeu nada, acho que não disse nem o próprio nome. Depois me disse em segredo: “eu não queria ir para o colégio”. E ganhou a parada. Ficou mais um ano em casa, e no ano seguinte tudo correu normalmente! Personalidade forte, sabia o que queria!

Sempre gostei de ensinar e sempre quis aprender. Muito cedo fiquei fascinada pela ideia de ir para a escola e tanto insisti que mamãe me matriculou no Externato Coração Eucarístico que ficava na Rua Paissandu. Passei a ter uniforme, lancheira etc. e lá fiquei por dois anos de Jardim de Infância – dos quatro aos seis anos – para poder então entrar no Sacré-Coeur, aos sete.

Nessa minha fase de atração por colégio, uniforme etc. teve grande influência a Baby, do número 40. Ela era do Colégio Jacobina e tinha um uniforme lindo, com saia cinza e uma gravata escocesa! Mamãe contava que eu ia para o meu portão e ficava sentada no degrau só esperando a Baby passar de uniforme. Tanto pedi que acabei ganhando um também!

Além da formação escolar, como a maioria das meninas da época, passamos pela experiência de aprender piano. Tínhamos um piano tipo armário, e nossa professora, dona Márcia, morava no prédio ao lado da nossa casa. Foram tempos difíceis... mamãe nos obrigava a estudar entre uma aula e outra, e a coisa não rendia. Agradeço os conhecimentos de solfejo, toda a nomenclatura musical, leitura de pauta etc. mas a pianista da rua sempre foi Verinha, aluna de Magdalena Taggliaferro!

Proximidade com o Palácio Guanabara

O fato de sermos vizinhos do poder, das autoridades, do governo, em alguns momentos alterou nossa vida. Duas situações me marcaram.

A primeira me tirou a possibilidade de ser bilíngue em alemão! Embora mamãe fosse romena, tinha o alemão como língua materna, e assim, o combinado lá em casa era: papai e vovó falariam com as crianças em português, e mamãe só falaria alemão.

Acontece que nascemos em plena guerra! À medida que o Brasil entrava na guerra com nossos pracinhas lutando contra os alemães na Itália, por aqui todo “gringo” virava “alemão” e, portanto, inimigo! Mamãe tinha um tipo físico que não dava para enganar: loira, alta, e volta e meia era parada na rua pelos guardas do Palácio, que lhe pediam os documentos. Claro que papai já havia providenciado tudo, ela era naturalizada brasileira e tinha toda a documentação em dia, mas, por questão de segurança, nossa iniciação ao alemão foi abortada... podia chamar atenção uma família que falava alemão naquele momento.

A outra situação ocorreu em 1964, por ocasião do golpe militar. Naquele final de março acompanhávamos pelo rádio as notícias de todo o país. As tropas mineiras desciam em direção ao Rio pela BR-40, e o clima era a cada hora mais tenso. Numa tarde, um comandante do Exército bate no nosso portão e pede a papai que os soldados entrem no nosso jardim e usem o nosso muro como trincheira! Por ser a primeira casa da rua, na nossa frente havia o descampado do posto de gasolina, o que dava uma boa visão de quem viesse pela Rua Pinheiro Machado na direção do Palácio. Lembro até hoje aqueles jovens soldados deitados no chão com os fuzis apoiados no nosso muro apontando para fora! Se

houvesse realmente um tiroteio, nossa varanda, que era toda envidraçada, viraria pó!

Nossa alma tricolor

Não sei se posso generalizar, mas, na minha percepção infantil, toda a nossa rua era tricolor. Morávamos ao lado do clube e, mais que isso, ao lado do estádio de futebol onde os jogos aconteciam! Em dias de jogo a Travessa virava um estacionamento, e sempre havia discussão por não respeitarem nossas entradas de garagem. A paixão pelo futebol – que tenho até hoje – nasceu ali: não tendo filho homem para acompanhá-lo, era eu que papai levava para assistir aos jogos diretamente da tribuna!

Já o restante do clube não utilizávamos muito: a piscina nas férias de verão – embora nunca frequentamos as aulas de natação –, o restaurante uma vez ou outra, e me lembro de mamãe utilizando a sauna em alguns períodos. Os grandes frequentadores da rua eram os irmãos de Verinha, sempre vestidos de branco para o tênis; o senhor Maurício, pai de André Luiz do 22, que era juiz cronometrista das provas de natação; e Júlio César, o futuro campeão de saltos ornamentais, que morava com a avó dona Nair, a mãe Gessy e o irmão Lee, no prédio da esquina.



Esta Travessa tem histórias!

Márcia Leite Ortiz (Marcinha)

Já aconteceu de tudo por aqui!

Mas a história mais incrível para mim foi quando, um belo dia, chegando de Petrópolis, estávamos entrando com o carro na garagem de casa quando minha filha Mariana, na época com uns 10 anos, viu uma vaca no fim da rua. Corremos para ver de que se tratava e vimos duas vacas, comendo folhas da mangueira. Ficamos de boca aberta. Mistério... De onde elas teriam saído? Mariana e Diogo correram para levar alfaces e água para as pobres vacas.

Enfim... ligamos para a polícia e os animais foram levados.

Ninguém ficou sabendo de onde vieram. A conclusão mais plausível é de que tenham caído de algum caminhão.



Amizade

Sandra Leite (Zi)

Imagine a alegria de, aos 16 anos, você mudar para morar ao lado de sua melhor amiga!

Passamos a conviver quase que 24 horas por dia! Quando ela não estava lá em casa, eu estava na casa dela. Eu no número 12, ela no 28. E entre nós apenas duas casas, a 18 e a 22.

Estudávamos no mesmo colégio, na mesma turma!

Amigos? Os mesmos!

Festas, viagens, ginástica, inglês, praia, cinema, lanches, provas, dever de casa, aniversários, música e muito mais... tudo juntas! E, juntas, retornávamos todos os dias para as nossas casas na Travessa Pinto da Rocha!

Ela nasceu aí. Eu, nova ali. Recém-chegada, aprendendo o nome dos vizinhos, do pessoal do posto de gasolina, na outra calçada, querendo ser parte de toda a intimidade dela com esse pedacinho de Laranjeiras!

Assim aprendi a ser íntima de lá, daquele asfalto e calçada, dos portões e muros, das janelas, das pessoas, de cada casa, cada uma num estilo diferente... lindas... Os jardins floridos, as flores cheirosas, mangueira e pitangueiras

me alimentavam desse canto do mundo que chamei de meu! Minha Rua, que abriga meu lar! Nossa Rua que abriga nossos lares! As casas de nossos pais! Nosso ninho primeiro!

E, de repente, a adolescência foi embora. Saímos dali para o resto do mundo, cada uma com seu futuro na mão! Família, filhos, novo lar, novas ruas, profissão, trabalho, alegrias e tristezas, perdas e ganhos!

Vivemos, assim, nossas vidas, com saudades desse tempo, desses dias especiais!

Vira e mexe nos falamos, o telefone fazendo a vez da calçada, o chope com aquele gosto de pitanga, o encontro envolto nas flores daqueles jardins! E comemoramos! E celebramos... Os aniversários, as conquistas, as perdas...

Nada abala nossa amizade!

Porque nosso sangue é feito daquele asfalto; nossa força, daquelas pedras que sustentam os alicerces das casas e formam muros sólidos; a fé, do ferro daqueles portões; o amor... o amor vem dos nossos passos, firmes, andando por aquele chão, percorrendo a distância entre nossas casas-corações, certas de que um generoso abraço vai nos dar conforto para seguirmos em frente.





Casa 18

Família Gomes de Oliveira

Dona Ana foi morar nesta casa com os tios quando tinha 12 anos e, depois de casada com Renato Guimarães Domingues Oliveira, continuou na casa até falecer. Tiveram os filhos Renato, Ana Maria e Roberto.



Aventuras e brincadeiras na Travessa

Roberto Gomes de Oliveira

Houve uma época em que éramos os donos da rua. Quase ninguém tinha carro, eram poucas as famílias com veículo próprio. A rua ficava para as crianças, vinha também uma garotada da redondeza jogar bola aqui. O gol ficava em frente à garagem dos Pucheu e mais para a frente, depois do 32, ficava o outro gol, a marcação das traves geralmente feita com chinelos. Algumas vezes, por conta da algazarra da garotada, chamavam a polícia, que vinha com os camburões saber o que estava acontecendo. Aí, quem protegia a meninada era a Mercedes, da casa 22.

Existia o grupo do Mini Rio na rua, equipe de competição de karts. No final da rua, na garagem do número 44, o pessoal se reunia para ajustar as máquinas. Os jovens muitas vezes saíam com os karts para teste pela Pinheiro Machado.

Eu tinha um conjunto de rock na adolescência chamado Blue Angels. Eu, Renato, meu irmão, o Cláudio e o Ricardo que morava na Moura Brasil. Começamos a tocar em 1967, inclusive tocávamos aos domingos, no programa Hoje é Dia de Rock na TV Continental. Chegamos também a tocar na TV Tupi, no prédio da Urca, como tocávamos em festas de 15 anos. Ensaivamos em casa e aos sábados em um espaço ao lado da Barbearia do Posto, autorizado pelo “seo” Pedro, dono do posto de gasolina. Nosso estúdio de ensaios era frequentado por uma turma de amigos, alguns deles moradores da Travessa. Era a nossa boate.

Passamos mais de dois anos nos divertindo com o conjunto, que existiu de 1967 a 1969. O Renato tocava baixo e sempre teve jeito com eletrônica, toda parte de som era resolvida com ele. Quando Renato foi convocado para trabalhar no Panamá, o conjunto ficou fragilizado e resolvemos parar.

Lembro também a época das bicicletas na Rua Pinto da Rocha. A garotada toda ficava andando de bicicleta para baixo e para cima, até à noite.

O posto veio em 1957. Antes do posto havia apenas um terreno baldio que dava para o pomar do educandário. Todo o terreno, inclusive o do posto, pertence até hoje ao educandário. Ao lado do terreno havia uma casa de cômodos bem abandonada que depois foi transformada em um edifício.

Muitas transformações ocorreram, mas tenho as melhores lembranças da minha infância e adolescência nesta Travessa. Até hoje vivo na casa em que nasci e que foi construída pelos meus avós, Afonso e Maria, na década de 1930.





Casa 28

Família Pucheu

O doutor Alberto Pucheu construiu a casa número 28.

O projeto é do escritório de arquitetura MMM Roberto, mais precisamente do arquiteto Marcelo Roberto, escritório muito renomado em projetos modernistas inspirados pela escola de arquitetura Bauhaus.

Alberto e Mary foram para lá em 1932, quando se casaram.

Viviam lá a mãe do doutor Alberto, Maria Clara Pucheu, e a irmã, Jeanne Marie Claire, conhecida como Nani.

E aí foram nascendo os filhos do casal Alberto e Mary: Mário Alberto, Luiz Roberto, Carlos Eduardo, Vera Cristina, Hugo Henrique, Maria Helena, Maria Clara.

A babá, Evangelina de Barros, também morava lá com a família.

Alberto e Mary Pucheu moraram na casa até o fim de suas vidas. O doutor Alberto faleceu em 1995, e Mary, em 1997. Depois, a casa foi vendida.



Crescendo na Pinto da Rocha

Maria Clara Pucheu (Kakaia)

Uma infância feliz!

Muita criança, muita brincadeira!

Minhas melhores amigas: Luciana quando eu ainda pequena e, quando cresci um pouquinho, Bia. Bia e eu ficamos muuuito amigas. Paula, irmã mais velha, era modelo de revista.

Quantas e quantas vezes Luciana foi à nossa casa depois do almoço, na hora do soninho das crianças. Ela fugia da casa da avó Crimilde e ia esperar que eu acordasse. Enquanto isso, ouvia a história do tubarão, contada pela minha mãe. Ela queria ouvir todos os dias a mesma história da menina que desobedecia à mãe em um navio e sentava com as pernas penduradas para fora, até que um dia o tubarão veio e comeu as pernas da pobre criança. Que louco, não? Minha mãe contava isso para a Luciana quando ela era bem pequena. E ela adorava.

A Maria Helena, minha irmã, tinha duas amigas inseparáveis: Ana Maria e Hega, a Hildegard. Dona Ana, mãe da Ana Maria, costurava nossos modelitos para as festinhas.

Outros personagens ilustres da Pinto da Rocha: o senhor Manoel, jardineiro e faxineiro de quase todo

mundo; Gavino, bombeiro hidráulico; Mercedes, que trabalhava para a dona Gilda e tomava conta do que a gente fazia de errado; Marcelina e Olga trabalhavam para dona Crimilde.

E quem se lembra do Pedro Maluco? Não sei se ele era maluco mesmo ou se assustava a gente de brincadeira. O fato é que morriamos de medo e saíamos correndo quando ele aparecia!

E o Frango? Não é que ele tinha cara de frango mesmo?

O senhor Pedro, o dono do posto de gasolina da esquina, sempre fazia promoções para atrair clientes. Como na época o símbolo da Esso era uma gotinha branca, a gente ganhava brindes bem legais com aquela mascote. Depois, quando veio o tigre, “seo” Pedro mandou colocar um tigre gigante lá. Eu amava aquilo.

Brincadeiras eram muitas: roda, passa-anel, amarelinha, queimado, pula elástico, bicicleta, patins, jogos com o pessoal da casa 32 e muita confusão. No queimado a Bia era imbatível. Tão ágil que ninguém conseguia queimar. Um dia organizamos uma festa junina que foi o maior sucesso! A rua foi fechada para carros, tinha barraquinhas de comidas típicas, quadrilha e até balão. Uma das coisas que me vem à mente era a brincadeira de Batman e Robin com a Bia. Quando não tinha uma terceira criança para ser a Mulher Gato, ela era representada por uma falha na parede do muro da garagem, no posto. Lembro direitinho essa falha cor de areia no meio do cinza do grande muro.

A gente gostava muito de brincar na rua e também de boneca dentro de casa, principalmente nos dias de chuva. As estantes das casas viravam os vários andares das casas das bonecas, e dona Yayá costurava roupinhas lindas para elas.

Na Copa do Mundo de 1970 fizemos muita farra saindo pela cidade no capô do fusca da Lourdes. Todo mundo foi para as ruas comemorar.

As crianças ficavam na rua depois do colégio até tarde. E, nos fins de semana, o dia inteiro. Eu fugia da babá quando ela vinha me chamar para tomar banho e jantar. Ah, a babá... Que saudades!

Lembro uma vez que saímos no Jaguar do Eduardo, tio da Bia. Fomos ao Alto da Boa Vista. Ele comprou um balão de gás para cada criança, mas o meu voou pelo teto solar do carro. Fiquei arrasada.

A garagem da casa 44 foi transformada em uma fábrica de karts da Equipe Mini Rio. Eu adorava ver tudo aquilo. Eles eram pilotos que competiam de verdade!

A parte chata era o bulling. Como eu sofria com as rejeições! Foram várias, mas a que mais me marcou foi ser impedida de participar dos encontros no clubinho da casa 50. A turma se reunia numa linda casinha de bambu no meio do jardim. Todo mundo se divertindo e eu sem poder entrar. Até hoje não sei por quê.

Não esqueço uma briga que a Bia teve com a Sylvia, do 36. Elas acabaram jogando sorvete uma na outra. Saíram imundas e pegajosas, direto para o banho. Eu, que era supergulosa, achei um desperdício. E por falar em sorvete, o Ramiro, atendente da lanchonete do posto, fazia uns sundaes maravilhosos, cheios de marshmallow, calda de chocolate e castanhas. Acabei ficando bem gordinha por conta dessa lanchonete.

Lembro que em cima da lanchonete tinha um terraço com um bar e uma barbearia. De vez em quando os rapazes da casa 18, que eram músicos, davam um showzinho para alegrar a rapaziada. E nós, sempre penetrando por ali. No posto ficavam uns papagaios e até um bicho preguiça. O Pelé, funcionário que lavava carros, sempre gritava Kakaiaaaa quando eu passava. O papagaio aprendeu a gritar meu nome e depois disso não tive mais sossego.

Depois chegou a Zi, minha amiga do colégio. O tio Fábio, pai dela, comprou a casa 12. Foi uma alegria para mim. Minha grande amiga do colégio, morando na minha rua! Que demais! Eu ia sempre para lá, acabei me entrosando tanto que até hoje sinto a família dela como sendo a minha. Pessoas mais que especiais, que amo muito.



Resgatando a Pinto da Rocha

Maria Helena Pucheu (Mary)

Quando a Bia me mandou um e-mail sobre o projeto Pinto da Rocha, fiquei superemocionada e minha resposta imediata foi: Tô dentro!

Que gostoso reviver por escrito nossas lembranças de infância e de juventude...

Como minha filha Júlia mora num edifício na Pinheiro Machado, sempre que vou visitar o bairro levo meu netinho Pedro para passear na nossa Travessa, agora um condomínio fechado com barreira e tudo. Nossa casa mudou bastante. A cor, a fachada, assim como outras casas da rua... muito pouco a ver com o passado, e fico pensando nos tempos felizes que passamos por lá... papai e mamãe, nós, sete filhos...

Como sou a penúltima, não tenho muitas recordações dos meus irmãos mais velhos na rua. No meu tempo eles viviam mais no Fluminense, onde jogavam tênis e faziam o social com amigos. Nossa casa era muito animada e alegre. Vivia cheia de amigos. Papai e mamãe tinham uma vida social intensa: reuniões musicais (Mardis), concertos, teatros, cinemas, restaurantes com amigos. Quem tomava conta da Kakaia e de mim era a nossa querida Babá. Quando nasci, vovó Clarinha e minha tia Nani já não moravam mais lá. Foram morar em um apartamento na Pinheiro Machado, mas todas as noites depois do jantar apareciam no 28 para visitar.

Nossa turma da rua era muito concorrida. Passávamos horas andando de patinete, brincando de amarelinha e de pular elástico. As meninas Ana Maria, Hildegard (Hega), irmã do Henry e do Adrian, Paula e Luciana, irmãs da Bia, que moravam em Santa Teresa, mas que preferiam a Pinto da Rocha... Consuelo também emprestada de outra rua, Cláudia, Júnia e Adriana, que moravam na casa grande dos fundos e que de vez em quando apareciam.

Os meninos Renato, Roberto (irmãos da Ana Maria), Mário, Henry (Rêni) e Adrian, mais a turma da oficina do kart, instalada no final da nossa travessa sem saída, ponto de encontro de todos os pilotos da equipe. Lembro que o Adrian corria para a equipe Mini Rio. Eu achava o máximo ver aqueles pilotos chegando de macacão,



capacete na mão, sujos de graxa depois de alguma competição. Eram meus top ídolos. Por ironia do destino, acabei me casando com um deles, Pedro La Rocque, pai de minha filha Júlia.

A música sempre animava nossos encontros. Um dos ritmos da época era o hully gully. Minha irmã mais velha Verinha colocava o som dela na varanda perto do jardim, a gente escolhia um LP e ficávamos nós, as meninas, treinando os passos até cansar. Renato e Roberto começaram uma bandinha e sempre se encontravam para ensaiar. Os shows aconteciam num terraço construído em cima da barbearia do posto e atraíam gente de outras ruas vizinhas como a Álvaro Chaves, a Moura Brasil e a Pinheiro Machado. Os Beatles eram o sucesso. A lancho-nete do posto, com sua imperdível banana split, também.

Nossa rua virou “point”. As meninas desfilavam de vestido tubinho que a dona Ana, mãe da Ana Maria, confeccionava para nós. Quando tinha festinha, Verinha fazia uma touca no meu cabelo, um rolo no meio e o resto do cabelo colado na cabeça com uns grampos. Desse jeito íamos à Praia do Diabo em Ipanema, a praia da moda na época. Abusávamos do sol para ficarmos bronzeadérrimas e mais tarde aparecer na festinha do posto ou no Sorvete Dançante do Fluminense.

Os pais da Hega tinham uma casa em Teresópolis e sempre me convidavam para passar o carnaval lá. Lembro a gente entrando na Kombi deles, que ficava sempre estacionada no final da rua, o cachorro Bob latindo muito com medo de ser esquecido.

Nossa travessa mudou, nós mudamos, o mundo mudou. As crianças de hoje trocaram as brincadeiras de rua por tablets e joguinhos em vídeo, os videogames, um desafio para qualquer educador. Vão à praia vestidas e frequentam creches e maternais. Terão certamente da infância lembranças bem diferentes das nossas...

Mas serão sempre lembranças de um passado gostoso de resgatar.



Lembranças da Pinto da Rocha

Mário Alberto Pucheu

Quantas lembranças da Pinto da Rocha minha memória com 87 anos bem vividos ainda é capaz de armazenar...

Na casa de número 28 nasci e vivi até 1961, ano em que me casei com minha eterna namorada Nairzinha, também nascida em Laranjeiras, na Rua Alice. Após um período em Botafogo, escolhemos voltar a morar no nosso tradicional bairro das Laranjeiras, e por ironia do destino retornamos à própria Rua Alice, onde certamente vamos permanecer infinitamente...

Na verdade, nunca deixei de frequentar nossa Pinto da Rocha onde, já tendo me mudado, sempre passava, ora depois de uma partida de tênis no Fluminense, ora

para encontrar Nairzinha e filhos em visita, ou ainda para participar de algum evento festivo que sempre acontecia em nossa movimentada e concorrida casa mater... festas de aniversário dos numerosos membros da família, as memoráveis noites de Natal, as reuniões musicais...

Lembranças da casa 22, à esquerda da nossa, em estilo normando. Parece que a única a ter permanecido tal e qual até hoje...

Lá moravam o senhor Maurício, também frequentador assíduo do Fluminense, onde atuava como técnico de natação, sua esposa dona Gilda e irmã dona Abigail, o então garoto André Luiz, sua babá (Coloquei em minúsculo pois era a babá e não um nome próprio) Nina e a fiel servidora Mercedes. Dona Nina tinha impressionantes conhecimentos em meteorologia e sempre que precisávamos de alguma informação sobre um mau tempo que viesse a prejudicar nossa vida ao ar livre era ela a pessoa a consultar... Suas previsões nunca falhavam.

Do lado direito, no 32, morava de início a família Goulart, depois substituída pelos Freitas, a quem devo a amizade do Paulo Brissac, meu contemporâneo no Colégio Santo Antônio Maria Zacarias, onde nós três, irmãos Pucheu, estudávamos...

Em direção aos fundos da rua, lembro a estranha casa da dona Brazilides, que de tão escondida por verdadeira selva de vegetação mal conseguíamos vislumbrar...

No número 40 morava a família Rego. Doutor Antônio Rego, ilustre advogado a quem devo minha primeira experiência profissional como estagiário em seu escritório, sua esposa dona Crimilde e filhos: a encantadora Baby, assim chamada quando jovem, mas passando a atender pelo nome de Lourdes mais tarde, e o jovem Eduardo, companheiro de rua do meu irmão Carlinhos. Menção honrosa à inesquecível dona Yayá, cujo sorriso era uma permanente alegria para a nossa Travessa.

Na casa 44, o doutor Léllis e a doutora Atir, sempre prestativos e solícitos, e finalmente a lembrança da casa de número 50, onde residiam o senhor Antonaccio e sua família... Chamava sempre a atenção na rua o caminhar lento e sonhador do Líbero, filho de Antonaccio, acompanhado – a maioria das vezes até arrastado – por algum de seus fiéis cães, esses sempre com passadas bem mais aceleradas do que as do dono...

Uma de nossas distrações prediletas na rua eram as peladas que jogávamos com o pessoal vizinho. Quantas e quantas vezes nosso jogo não foi interrompido quando a bola, chutada com maior arrojo, acabava caindo na Horta do Asilo! Havia um muro relativamente alto que separava um espaço verde, pertencente ao Asilo Ypiranga, da Pinto da Rocha. Após nossa preciosa bola ser isolada na tal área do outro lado do muro que chamávamos de Horta, surgia sempre o problema de quem seria escolhido para resgatá-la. Missão deveras arriscada, já que além do risco da acrobacia em escalar o muro, ainda havia o de um tremendo puxão de orelha por parte do senhor Ramiro, o mal-humorado mas abnegado guardião

da horta propriamente, sempre temeroso de que não só a bola como as chuteiras do invasor viessem a destruir sua valiosa plantação... Mesmo assim, com certeza a questão era sempre resolvida rápida e amigavelmente, tanta era pressa de retomar nossa pelada.

Não me recordo ao certo do ano em que o espaço verde do senhor Ramiro foi ocupado pelo posto de gasolina do senhor Pedro. Apesar de sua inegável utilidade pública, é fato que o posto prejudicou bastante o charme de nossa bucólica travessa. Para festejar a inauguração e proceder ao primeiro abastecimento do bar do posto, um grande caminhão da Coca-Cola surgiu e foi anunciado um concurso para quem conseguisse ingerir a maior quantidade do popular refrigerante. Sem surpresa, nosso caçulinha Gugu recebeu sorridente o título de campeão...

Bem sei que muitos nomes amigos e muitos fatos relevantes foram omitidos... Provavelmente por culpa daquela senhora memória mencionada no início do texto.



Odores, sabores e dissabores

Vera Cristina Pucheu Zraick (Verinha)

A dama-da-noite era uma trepadeira que servia de fachada para o jardim da Pinto da Rocha 18, onde moravam dona Ana e família. Que aroma divino as alvas e lindas flores começavam a exalar no início de verão! A floração acontecia sempre na alegre época das férias quando, livres das provas finais no colégio Sacré-Coeur de Jesus que as meninas da rua frequentavam, podíamos desfrutar por mais horas das amiguinhas na nossa travessa de infância.

Aroma que me leva hoje às brincadeiras com Rosina, Geninha, Rosa Maria. Os meninos – meu irmão Carlinhos, Eduardinho, Alfredinho, Gany (tradução de Gunther) e Adrian – se agrupavam em “privé” de acordo com os costumes da época... A não ser quando surgia algum litígio, como desrespeito à demarcação de territórios ou a outras leis da rua... Sim, porque geralmente as meninas se encontravam no início/meio, e os meninos, no fundo de nossa travessa sem saída, onde funcionava a oficina de kart.

Na primeira casa da rua morava a família Dias Fernandes. O doutor José Guilherme, médico radiologista, pai de Rosina e Geninha, vez ou outra aparecia na janela de seu escritório para examinar o que estávamos fazendo, certamente com menos atenção do que examinava suas chapas contra a luz de neon montada na parede. Dona Olga de quando em quando também supervisionava do portão o

desenrolar de nossas distrações e no final da tarde chamava religiosamente suas meninas de volta à casa.

A mangueira, imponente e majestosa, ficava no final da rua, não me lembro se plantada no jardim dos Léllis ou dos Hullsmeyers. O odor das frutas que de tão maduras caíam no asfalto e acabavam esmagadas pelas rodas de nossas bicicletas, outro aroma que me traz remotas recordações... que me leva à linda cabeleira branca do doutor Rego, à elegância da dona Crimilde, e à adorável simpatia do casal de filhos Lourdes e Eduardinho, todos os residentes no 40, onde moravam também a querida dona Yayá, a vovó de todos, o Tio Ramiro e a cadelinha Diana. Quantas vezes vi passar nossa Baby (Lourdes), pastinha na mão, sempre sorridente e charmosa.

Aromas de mangueira que em seguida me guiam à mansão do senhor Antonaccio, cujo filho Líbero passeava com frequência seu cãozinho pela rua. E logo me vem à mente o sobrado de dona Anita, mãe dos mencionados “meninos” e de um casal de uma geração mais jovem, Henri (Rêni) e Hildegard, a Hega. Dona Anita era professora de inglês e me dava aulas em sua casa.

Aromas de Atir, mãe de Rosita, Roberto e Zé Carlos. Dona Atir era médica e muito criativa. Organizava conosco shows de dança e teatro ora no colégio ora em sua casa, para nos distrair durante as férias. Lembro que os ensaios eram o melhor da festa.

A floresta, um emaranhado de vegetais: touceiras, ficus, lacerdinhas, patas de elefante, um pequeno exemplar de

mata atlântica, um hermético espaço que, protegido por um poderoso portão de ferro sempre trancado à chave, criava um tremendo mistério... Como a proprietária, a viúva dona Brazilina, nunca saía à rua, surgiram entre nós, crianças, histórias esotéricas sobre o que acontecia nessa selva, fábulas envolvendo fadas, duendes, fantasmas, enfim tudo de assustador que uma imaginação infantil pudesse conceber... Realmente, chegando perto da estranha propriedade começávamos a sentir um odor de umidade misturado ao de mofo, que condimentava mais ainda nossas nebulosas crenças.

Vizinho à casa mal-assombrada ficava o lar dos Freitas, uma família muito numerosa, seguindo-se a um casal que partiu sem deixar paradeiro. Casal estranho que possuía um imenso cão chamado Nero e até um jacaré, que às vezes ousava se aproximar da grade do jardim, aterrorizando os passantes. Os Freitas, como os Pucheu, eram uma família muito grande, difícil nomear todos...

Logo após nossa casa, no 22, moravam o casal dona Gilda e o senhor Maurício, junto com tia Abigail, irmã da Gilda. O filho do casal, André Luiz, tinha uma babá, Nina, que como nossa amada babá vivia no portão, ambas sempre atentas e vigilantes a tudo o que acontecia na rua.

O jasmim que o senhor Manoel, jardineiro, plantou no meio do nosso jardim, a pedido da Vovó Clarinha, espalhava um perfume tão delicioso que até quis pendurá-lo usando a mesma espécie no meu jardim provençal. Como eram gostosos os odores que chegavam à varanda,

bastante frequentada por nós, jovens irmãos, amigos, e pelos “mardistas”, um grupo de pessoas que se reunia às terças-feiras na sala de visitas e arredores para saraus de música clássica...

À varanda da sala mamãe preferia sua própria varanda no andar superior, contígua ao quarto do casal Alberto e Mary. Mamãe gostava de se debruçar no muro de sua varanda e de olhar para a horta do asilo Ipiranga que ocupava todo o outro lado da rua. Lembro que ficou triste quando o posto de gasolina da esquina foi inaugurado e com ele surgiu, no lugar da verde horta, um escuro espaço com aspecto de prisão, muro cinza bem alto e pequenas janelas engradadas. Mamãe nunca se conformou com a nefasta substituição...

Os sabores da Pinto da Rocha são inúmeros, impossível reportá-los todos... Perduram além das deliciosas lembranças de infância e continuam através de nossas vidas de adultos.

Idas e vindas ao Fluminense onde praticávamos esportes e curtíamos eventos como o imperdível Disco Dançante dos domingos e a animada Boite Show, sempre com atrações especiais. Festas de dança animadíssimas, com destaque a Uma Noite no Havaí, que Luiz e eu organizamos. Alberto e Mary, temendo pela segurança do piano e dos estofados, mandaram bloquear o salão. Papai cedeu a garagem, que decoramos com guirlandas e colares e onde instalamos o bar e a pista de dança. A festa fez história... Mais tarde, visitas semanais à Pinto da Rocha, agora com os pimpolhos Zraick, quase sempre aos domingos. Lembranças dos petizes subindo ao tabernáculo do Alberto

no terceiro andar, onde, em meio às estantes cobertas de livros e de discos, ouviam as histórias contadas pelo vovô sobre o Jayme, um fantasma que morava no sótão e tinha cara, quando aparecia, de Amigo da Onça...

Os lanches na mesa octogonal Art Déco da sala de jantar, as projeções de slides sempre que Alberto e Mary voltavam de uma viagem à Europa. Festas de aniversário, festas de casamento e as tradicionais noites de Natal, já com a família muito proliferada e numerosa,



eventos tão barulhentos que uma ocasião foram quase interrompidos pela radiopatrulha alertada por um vizinho incomodado.

Por fim, os dissabores...

Relato alguns, os que mais me marcaram...

Um mal terrível no cérebro do nosso Gunther. Um mardista médico passa na rua e nos avisa da morte da vovó Clarinha. Um triste dia, chegando do trabalho, após estacionar o carro em frente de casa, recebo a notícia da partida súbita, inexplicável, de minha sobrinha e afilhadinha Adriana com três aninhos de vida... Um acidente trágico nos leva Eduardinho. Babá, já muito enfraquecida pela idade e sem condições adequadas de permanecer em casa, se muda para um Lar de Idosos. Alberto, Mary e Nani são atropelados no posto da esquina. Por milagre sobreviveram, mas Alberto tem que pagar um preço muito alto e acaba se rendendo. Mary perde a batalha contra um inimigo implacável.

Por fim, com o desaparecimento dos decanos, Pinto da Rocha 28 é vendida. Continua existindo, sim, mas agora com um new look e novos residentes. Soubemos que por coincidência a nova proprietária também se chama Mary. Outras residências tiveram possivelmente o mesmo destino, ficando o legado que nossa Travessa Mágica nos deixou: a lembrança dos odores, sabores e dissabores de uma época que não volta mais.

História da minha gata Cornélia

Uma vez o Luiz trouxe para casa e me deu de presente uma gata angorá lindíssima, branca de olhos azuis, que pertencia ao Sörensen, um arquiteto sueco que trabalhava na TV Rio e ficou amigo do Luiz. Ele viajava muito e não tinha com quem deixar a gata, então deu para Luiz, que me deu.

O nome dela era Cornélia. Era lindíssima e lembro que mamãe, apesar de odiar animais domésticos, não resistia ao charme da Cornélia e reconhecia a elegância com que a gata transitava em cima dos armários do quarto dela.

Como eu ficava muito tempo fora de casa estudando e trabalhando, acabamos dando a Cornélia para um amigo. Felizmente ela conseguiu escapar das vorazes mandíbulas do Mazzola, o que teria realmente sido uma tragédia para mim. Não me lembro de nenhuma outra presa felina com o destino descrito no relato da Marta 32, mas talvez... quem sabe?

Afinal, a Pinto da Rocha era o nosso Lalaland onde reinava sonho, imaginação e felicidade...



Casa 32

Família Freitas

Mudaram-se para lá no ano de 1955 Manuel Freitas Abreu e Maria de Jesus Freitas Abreu.

Tiveram 10 filhos, são eles: Valdemiro Freitas, Nair Freitas, Antenor Freitas, Maria do Carmo Freitas, Elias Freitas, Alberto Freitas, Therezinha de Jesus Freitas, Paulo Brissac de Freitas, Domingos Freitas e Vicência Freitas.

Os proprietários faleceram, mas a casa continua com a família.

Hoje ainda moram na casa Maria do Carmo Freitas Frossard (nome de casada), conhecida como Tia Neném, hoje com 97 anos, e sua filha, Letícia Freitas Frossard.



Minhas memórias da casa 32

Bia Novaes

Sempre foi uma casa cheia e animada, de uma família certamente com vínculos fortes. Pelo portão da frente via sempre os primos correndo e brincando de pegar. Alguns tinham a minha idade, e outros já eram mais velhos, mas sempre estavam presentes nos almoços de domingo da família Freitas, o cheiro gostoso da comida feita com capricho e com tempero caseiro de muito amor. Dava para sentir o prazer que tinham de estar juntos e conviver com os avós, proprietários da casa.

Meu convívio maior eram as brincadeiras com a Valéria, Fafá e Niaze, mais próximos da minha idade. Nem sempre estavam presentes na casa dos avós, mas quando havia alguma festa ou almoço comemorativo, encontrávamos com eles, muito animados e companheiros das bagunças. A família era tão extensa que se bastava, e a criançada muitas vezes brincava entre primos no quintal da casa. Lembro algumas particularidades, como um elevador pequeno e caseiro, coisa rara para a época. Depois soube que já estava na casa e foi colocado pelo proprietário anterior. Entrávamos pela lateral da casa por um corredor estreito para lá chegar e poucas vezes subi por ele, com suas portas pantográficas que sempre demandavam cuidado para não prendermos os dedos. O último andar era um terraço que ficava na laje da casa, mas subi poucas vezes, pois a nossa farra era mesmo a brincadeira de rua, o pique pega, o queimado e a correria com as bicicletas. Havia também as brinca-

deiras da moda como pular elástico, andar de patinete, depois de patins e outras mais. Tínhamos a liberdade de mesmo pequenos permanecermos até tarde na rua. Quando ficávamos cansados e suados das brincadeiras, escolhíamos uma das casas para tomar água, um fresquinho ou simplesmente conversar.

Sem dúvida a Travessa deixou histórias e muitas travesuras, como as contadas por Niaze, e sempre a memória afetiva dos avós, “casa de vô a gente nunca esquece”. Não poderia deixar de agregar os relatos de pessoas da família Freitas e principalmente da atual moradora, Leticia, que até hoje proporciona memórias e experiências parecidas para seus próprios netos.



A vida na Travessa Pinto da Rocha

Marta, Maurício e Maria Gerude

Essa pequena rua, no bairro de Laranjeiras, para toda a família Freitas e descendentes, guarda o perfume dos avós. Para essa antiga casa nossos avós se mudaram no ano de 1955 e ali abrigavam a maior família da rua, com dez filhos e muitos netos. Lá nos reuníamos aos finais de semana, datas festivas, sobretudo cristãs e aniversários.

Uma autêntica casa portuguesa: ali avô Manoel e avó Maria cultivavam as tradições, principalmente na prática religiosa, catecismo e o terço diário à noite, além do bacalhau e o cozido sempre presentes. Nosso avô era o patriarca, o chefe do clã, sempre pronto a estender a mão a quem precisasse. Minha avó sempre com palavras doces, calma, um relicário de virtudes cristãs. Foram anos muito felizes que deixaram lembranças indeléveis.

Embora a rua não fosse uma vila, havia algumas características que lembravam, até mesmo, algum recanto do interior. Na última casa morava o doutor Líbero e sua educada e alegre família. A Cláudia, filha mais velha, se formou em História e acabou sendo ótima professora de inglês. As outras duas irmãs se casaram e foram morar fora do Rio.

Em seguida havia a casa de uma família de ascendência alemã, com quem tínhamos pouco contato. Eles eram bem mais reservados, tínhamos apenas pequenas conversas com o filho mais velho, Gunther (conhecido como Gany), e com a irmã, Hega.

A casa da dona Brasilides era cercada de vegetação, parecia uma floresta e dava uma impressão assustadora para nós, crianças. O casal quase não saía, e o silêncio ali era ensurdecedor. Não havia crianças, contrastava com a ruidosa casa de nossos avós. No nosso imaginário, a senhora Brasilides estava muito próxima de um conto de história de feiticeira. Com frequência brincávamos e a bola caía no terreno atrás da casa. Havia um senhor de nome Leopoldo, talvez o caseiro ou alguém da casa e gritávamos pelo seu nome implorando para devolver a bola, muitas vezes esperávamos muito.

A casa da senhora Mary e do doutor Pucheu, a segunda mais numerosa família, tinha bastante movimento, faziam festas com frequência. Os filhos jogavam tênis no Fluminense e fizeram história, foram campeões brasileiros. O casal era adicto do belo canto e se reunia com os amigos para ouvir óperas. Durante a audição, não ouvíamos um ruído; ao final, como se estivessem em uma sala de concerto, aplaudiam.

Do outro lado da rua ficava o posto de gasolina dos senhores Antônio e Pedro. Ambos muito gentis com a nossa família. Na garagem do posto, havia o senhor Ary, borracheiro e figura simpática, solícita e popular. Ele possuía um cachorro que vigiava a garagem, Mazola. Foi justamente esse cachorro que um dia pegou a gata da Verinha. Foi uma hecatombe! O Ary ficou muito chateado e não sabia o que fazer.

Outra figura popular do posto era o Pelé, sorridente e muito amável, responsável pela troca de óleo e lavagem de todos os carros da família.

Durante décadas os moradores conviveram em harmonia, respeito. Aquela pequena vila deixou muitas saudades em todos. De lá saíram campeões de tênis, arquitetos, professores, engenheiros, advogados, médicos, museóloga, entre tantas outras profissões, que não sou capaz de lembrar. Uma rua e tanto, fizemos história.



Niaze Almeida Gerude Filho (Niazinho)

Na pequena rua, classificada como Travessa, passei momentos muito felizes na Pinto da Rocha, número 32. Como é um costume da boa família portuguesa reunir-se sempre que possível, meu avô geralmente fazia almoços e lanches aos domingos.

Meus avós tiveram e criaram dez filhos e ganharam muitos netos, sendo que a maior parte da família residia no Rio de Janeiro. Os almoços eram animados, com meus avós sempre amorosos, tios carinhosos e muitos primos para brincar até se fartar. Claro que a boa comida não faltava à mesa!

Algumas passagens que vivenciei ainda estão em minha memória. Do que eu mais gostava quando criança era andar pelos telhados das casas da rua. Naquela época não existiam muitos prédios, então eu podia ir longe. Os acessos eram bem criativos, tais como subir pelas básculas da porta da cozinha, até chegar à platibanda, alcançar um muro alto ao lado, andar por cima dele e chegar à varanda do vizinho. De lá eu já tinha acesso ao primeiro telhado. Era muito divertido passar por várias casas, embora muito perigoso também. Gostava que ninguém me visse, como se eu fosse um agente secreto. Devia ter entre 11 e 12 anos na época.

Numa das vezes, com o telhado ainda meio molhado, na casa de meu avô, escorreguei e, por sorte, havia a saída de um tubo de respiração no telhado, onde me segurei. Não fosse isso, não estaria aqui compartilhando essas memórias com vocês.

Aos oito anos, quando brincava de pique com os primos, atravessei por dentro de um pequeno jardim da casa de meu avô, mas a porta da caixa dos correios estava aberta. Não só rasgou a minha blusa nova, como também a minha barriga. Levei alguns pontos! Sorte que eu tinha três tios médicos... Não escapei de uns tapas da minha mãe por ter rasgado a camisa nova, ela não era fácil.

Brincando de polícia e ladrão, numa outra vez, saí da casa de meu avô na maior correria sem olhar para a rua. Acabei embaixo do carro do avô da Bia. Meus pais ficaram apavorados pelos gritos dos primos ao me verem ser atropelado, foi um grande susto para todos.

Contudo, tive poucos arranhões, pois o motorista sabia que lá havia muitas crianças e dirigia sempre com muita prudência. Meus pais ficaram nervosos, mas tudo acabou bem!



Lembrança da casa dos meus avós

Letícia Frossard

Eu não morava na Pinto da Rocha. Vivia em Vitória com minha família, mas nas férias visitávamos nossos avós que moravam na casa 32 da Travessa desde 1955. Minha família, de portugueses antigos, era muito tradicional, bem numerosa, e nós tínhamos muitos primos com quem brincar, dentro de casa ou no quintal. Era uma farra.

Havia uma garagem cheia de caixotes de frutas e legumes que vinham da loja do meu avô, uma lavanderia em um dos dois terraços, cantinhos e mais cantinhos para a gente se esconder, elevador para a gente passear, escadas diversas, enfim, um verdadeiro parque de diversões que até hoje povoa os meus sonhos e ainda faz a festa das novas gerações. Isso sem falar do vovô descascando

fruta com o canivete para dar à galera, matando formiga com Bomba Flitz, a bivó Luiza atrás das crianças para dar bronca e o tio Nico para dar cascudos na gente.

Minha avó, Maria de Jesus Freitas, nos deixou em 1975. Minha mãe, Maria do Carmo, conhecida como Neném, mudou-se para a casa em 1977, quando ficou viúva. Meu avô, Manuel Freitas Abreu, faleceu em 1980 e, dois anos depois, minha mãe, meu ex-marido e eu acabamos comprando a casa, onde moro até hoje com ela.

Depois que me mudei para a Travessa, fiz muita amizade com dona Mary Pucheu, com o doutor Líbero e com dona Lygia, e outras pessoas maravilhosas que conheci nessa vizinhança, que sempre foi a melhor possível. Criei meus dois filhos aqui, Eduardo e André, hoje pais de família. Tenho três netos, Bernardo, Guilherme e Pedro, que estão sempre por aqui aproveitando a casa e a nossa Travessa. Tenho ótimas recordações de infância, não só da casa da Pinto da Rocha, mas também de Laranjeiras como bairro familiar e bucólico. Lembro muito de voltar de bonde da missa na Lapa com minha avó e das idas ao Parque Guinle para rolar na grama do morro com meu irmão, meus primos e toda ameninada da região.

Uma ou duas vezes por ano fazemos a “festa dos primos” quando nos revemos, botamos as notícias em dia, tiramos fotos, comemos, rimos e tentamos trazer os mais jovens para manter esse legado de união e carinho deixado pelos nossos avós e tios, e que agora cobre seis gerações.





Casa 36

Família Bockel

Conhecida pela garotada como a casa misteriosa. Casa do casal Bockel, o proprietário faleceu cedo e a viúva, dona Brasilides, morou na casa por um bom tempo, até falecer.



Família Lucano

Foi a família de Sylvia Carolina Lucano que alugou o imóvel. Moraram ali então o pai de Sylvia, o senhor Germano, músico que trabalhava na Orquestra do Teatro Municipal, sua esposa Beatrice, que todos chamavam de Beth, e a filha adolescente Sylvia.



A casa misteriosa

Bia Novaes

A casa 36 sempre foi motivo de suspense para a criançada da rua. A casa era cercada de uma vegetação densa, muitas árvores sem podas e muitas folhagens, tudo meio escuro, sombrio, motivo de mistério e até um pouco de medo. Quando eu era ainda criança, o senhor Bockel já era falecido, mas a dona Brasilides de vez em quando aparecia andando pelo jardim da frente com seus cabelos compridos e muito grisalhos, em um caminhar lento e compassado. Nós tínhamos no imaginário algum tipo de feiticeira que gostava de cultivar ervas e plantas. Sempre muito calada e cabisbaixa, quase não falava com a criançada. Às vezes ficávamos até com medo de que a bola caísse no quintal e alguém tivesse que ir lá tocar a campainha para pedir a bola de volta.

Muitos anos depois a casa foi ocupada por uma família de italianos. Gostamos muito da mudança, pois com isso o jardim foi podado, a casa ficou mais clara e iluminada, e o melhor, tinha uma criança na família que virou nossa amiga, Sylvinha.

Seu pai era violinista do Teatro Municipal, e a mãe cuidava mais da casa. Sylvinha passou a fazer parte do nosso grupo que brincava na rua, e ainda tínhamos o privilégio de escutar os estudos e práticas de seu pai no violino. Eu me lembro de ficar muito curiosa e querer saber detalhes de como era sua vida na Itália.

Nosso grupo de amigas já estava completo quando chegou a Sylvinha. Kakaia, sempre muito acolhedora, se encarregou de convidar a Sylvia para brincar com o resto dameninada. Lembro nossa curiosidade em relação à Itália e suas raízes e costumes. Sylvinha tinha uma boneca linda que parecia um bebê de verdade. Um dia combinamos de trocar bonecas e levei o bebê da Sylvia para passar o dia e a noite em minha casa. Sua mãe sempre muito gentil e educada com as crianças da rua. Era um convívio bacana de acolhimento. A amizade foi se fortalecendo sobretudo entre Kakaia e Sylvinha, pois moravam na mesma rua e eu estava presente mais nos finais de semana. Confesso que tinha um pouco de ciúme de não poder frequentar a Travessa todos os dias da semana, pois morava em Santa Teresa. Acabou que Sylvinha entrou para a mesma universidade, cursamos a Santa Úrsula, sendo que Kakaia e eu fizemos Arquitetura, e Sylvia fez Psicologia.



A casa na Travessa

Sylvia Carolina Lucano

Ao final dos anos 1960 mudei-me para a Travessa Pinto da Rocha e um dia, espontaneamente, fui convidada pela querida amiga de infância Maria Clara Pucheu – Kakaia – a participar das brincadeiras junto a ela e às outras meninas.

Foram poucos anos de residência, onde fortalecemos uma bonita amizade extensiva à Beatriz Novaes (Bia), Sandra (Zi), Maria Helena Pucheu etc.

Juntas fomos crescendo e descobrindo mais sobre a vida.



Frequentei assiduamente a casa dos Pucheu, onde sempre fui muito bem acolhida por todos. Foram inúmeros almoços e jantares saboreando os quitutes da Luzia, a cozinheira profissional, e seus deliciosos suflês.

São incontáveis lembranças de uma época boa que permanece guardada no íntimo de meu ser.



Casa 40

Família Rego

O doutor Antônio Rego e a dona Crimilde de Vasconcellos Rego se mudaram para lá em 1937. A casa já existia e ficava no larguinho, mais para o final da rua. Moravam na casa, além do casal, os filhos Lourdes Maria e Eduardo Antônio, dona Yayá (mãe de Crimilde), Ramiro (filho de Yayá), Lecy e Zilda, crianças adotadas por Yayá.

Dona Crimilde morou nesta casa até o ano de 2007, quando faleceu com 107 anos. Logo depois a casa foi vendida.



Pequeno Macondo, repleto de magia, felicidade, sonhos e aconchego

Lourdes Maria Martins do Rego Novaes (Baby)

Quando Bia comentou comigo sobre a ideia de criar um projeto que contivesse memórias relatadas por aqueles que viveram ou ainda moram na Pinto da Rocha, achei uma iniciativa muito feliz. Vivi nela desde 1938 e saí para casar-me em 1955. Porém, quase diariamente frequentei a rua até 2007, ano em que minha mãe faleceu e vendemos nossa querida casa.

Aquela rua pequena e sem saída sempre foi para mim uma escola de vida, experiências e sonhos, um porto seguro.

Em 1938 meu pai Antônio comprou a casa de número 40. Lá viveram meu pai, minha mãe Crimilde, minha avó Yayá, Ramiro, meu tio materno, eu e meu irmão Eduardo Antônio, que nasceu em julho de 1940.

Da época em que nos mudamos de Copacabana para a Pinto da Rocha, guardo vagas lembranças. Na ocasião tinha cinco anos de idade e não fiquei muito contente com a mudança, pois na Rua Santa Clara, onde morava desde que nasci, ia à praia diariamente com muitas crianças, primas e primos.

A memória mais antiga que tenho foi de quando alguns soldados do Exército acamparam no final da rua, com armas, tanques e barracas durante a revolução integralista que almejava derrubar Getúlio Vargas, então pre-



sidente do Brasil. A rotina pacata daquela rua foi então interrompida pelos novos habitantes que víamos com muito medo e desconfiança, pois eu tinha um tio integralista que, dias antes, diante da fracassada revolução, havia escondido em nossa casa livros, fardas, distintivos, objetos comprometedores. Ainda bem que a permanência dos soldados durou pouco, porém aquele convívio de modo geral tinha sido muito descontraído, pois todos ofereciam cafezinho, água gelada, e as empregadas lá de casa ficaram entusiasmadas com a possibilidade de novas paqueras. O grande sucesso, entretanto, ficou a cargo de um pássaro, Chico Preto, pertencente à minha avó, que havia sido treinado no Piauí para assoviar o Hino Nacional.

Vizinhos próximos

Nossa casa ficava ladeada por duas outras. Na de número 45 viviam o doutor Alberto Queiroz, sua esposa Lídia e dois sobrinhos já adultos, Otávio e Jorge Oswald. O doutor Alberto e a dona Lídia formavam um casal muito educado, elegante e simpático. Ele exercia o cargo de Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Acho que por isso tinha um carro grande, lindo, que nos encantava. Mais tarde, durante a guerra, com o racionamento de gasolina, o carro foi adaptado para gasogênio e perdeu todo o charme anterior.

No outro lado, na casa 36, vivia dona Brasilides e seu marido, o senhor Bockel. Dona Brasilides era uma pessoa muito excêntrica, misteriosa, com fartos cabelos

muito longos. O casal quase não falava com ninguém. Adorava pequenos animais e plantas. Seu jardim era um emaranhado de espécies que formavam uma pequena floresta. Graças a ela existia um pé de acácia amarela que até hoje derrama suas flores todo verão, alegrando o final da rua.

No final e fechando a rua está até hoje a casa de número 50 do senhor João Antonaccio, a quem chamávamos carinhosamente de Joãozinho, pois alegrava a criançada e a todos da rua distribuindo constantemente balas. Como era italiano de origem e se chamava de fato Giovanni, todos os anos realizava na rua uma linda festa de São João, homenagem a seu santo onomástico, isto é, com seu mesmo nome. Nessa casa também moravam sua mulher Ítala, magrinha e muito elegante, e um casal de filhos, Itália, já mocinha e muito bonita, e Líbero, nove anos mais velho que eu, depois meu grande amigo de toda a vida. O senhor João também tinha um carro, coisa rara naquela rua.

O decorrer dos anos, vivências, vizinhos novos

Quando meu irmão Eduardo nasceu, minha casa ficou mais divertida. Naquela ocasião na rua quase não havia crianças para brincar, sobretudo meninas. Só me lembro de Laurinha, da casa 32, que parecia ser mais velha que eu. Mas logo em seguida se mudou e a casa foi vendida.

Quando me mudei, na casa 28 já eram nascidos Mário, talvez da minha idade, e Verinha, que naquela ocasião

devia ser muito pequena. A casa pertencia a um casal encantador e muito alegre, o doutor Alberto Pucheu e dona Mary. Mais tarde tiveram outros filhos que se tornaram nossos amigos, principalmente, de meu irmão. Com os meninos do 28, já bem mais velha adorava jogar futebol no final da rua. Para tristeza dos vizinhos, pois tinham constantemente vidraças quebradas pelas boladas dos pernas de pau.

Como fui filha única durante sete anos, meus primos – Norma, Dulcinha, Eliana, Horacinho – vinham sempre brincar comigo, e ainda Lecy e Zilda, duas meninas que minha avó e meus pais criaram e que moraram sempre conosco.

Aos sete anos fui para o Colégio Jacobina, para onde ia na companhia de minha mãe. Quando fiquei mais velha, como tinha muitas colegas que moravam perto, passei a ir de bonde para o colégio junto com elas. Pegávamos o bonde na Praça José de Alencar ou na confluência da Rua Farani com a Praia de Botafogo.

Naquela época, o tempo gasto com lazer era diferente. Minha mãe, muito severa com minha educação, me ocupava o dia inteiro, além de que o ensino no meu colégio era muito puxado e eu tinha que tirar sempre boas notas. Tinha aulas particulares de inglês, francês e de piano, que detestava pois não tinha nenhum jeito para o instrumento.

O meu lazer começava aos domingos depois da missa no Palácio Guanabara, na Capela de Santa Terezinha, santa da devoção da minha família e que se tornou minha tam-

bém. Depois da missa, recebia permissão para brincar. Aos sábados, como não tinha aulas no colégio a partir da tarde e meu pai estava de folga em casa, fazíamos visitas em casa de parentes e amigos, que eu adorava. Já com meu irmão a coisa foi mais relaxada, e ele tinha outras liberdades que eu nunca tive por ser mulher. Questões do velho machismo... Alguns sábados ia com meus pais ao Cineac Trianon, na cidade, para assistir a desenhos e noticiários.

Mais tarde, algumas casas foram vendidas, e outros vizinhos apareceram. A casa do doutor Alberto tinha dois andares, e assim o andar de cima foi ocupado por dona Anita, seu marido e filhos Hildegard (a Hega),





Gunther (Gany) e Adrian. O andar de baixo foi ocupado pelo doutor Léllis e pela doutora Atir e três filhos. Os mais velhos eram Rosita e Roberto. Não me lembro mais se havia outra criança.

Minha avó Yayá nessa época teve então um de seus sonhos realizados, isto é, o de poder morar perto de um médico para que ele viesse todos os dias aferir sua

pressão arterial. Em tempo, acho que naquela época ainda não havia um aparelho a pilha para medir a pressão em casa.

A casa 32 também passou a ser ocupada pelo senhor Freitas e sua numerosa família, sendo mais tarde ocupada também por seus netos, das mais diversas idades.

O cotidiano da rua, minha casa

Nossa casa não era muito grande, tinha dois andares e uma varanda em cada andar. Na de baixo era onde brincávamos, e a do andar de cima ficava no quarto de minha mãe. Era lá que meu pai, quando chegava do trabalho, se deitava para descansar na rede, hábito antigo cultivado pelos nordestinos.

Como durante muito tempo não tivemos carro, a garagem da casa, que era bem espaçosa, servia de ateliê para minha avó, que costurava para fora e para toda a família. Lá também rezávamos às seis horas da tarde a Ave Maria e escutávamos as notícias e novelas no rádio sintonizado nas estações Tupi e Nacional. Atrás da nossa casa tinha um pátio com uma enorme cisterna, pois durante muitos anos o Rio de Janeiro sofreu com falta d'água. Quando bem mais tarde minha mãe fechou a varanda, incorporando-a à sala, o balanço em que brincávamos, conversávamos e depois paquerávamos foi levado para o pátio que ficava nos fundos, onde permaneceu alegrando várias gerações até a venda da casa.

Outro vizinho nosso, do outro lado da rua, era o Instituto João Alves Afonso, que denominávamos asilo, pois abrigava meninas órfãs. Tinha e tem até hoje sua entrada principal situada na Rua Ipiranga, sendo que a entrada dos fundos dá para a Pinto da Rocha. Seu terreno atrás chegava até a esquina da Pinheiro Machado.

Na minha época e durante muitos anos não havia o posto de gasolina, que teve parte desse terreno, se não me engano, cedido para a sua construção. Ali havia uma horta e um lindo pomar, onde um jambeiro, durante a floração, deixava no chão um enorme tapete de flores de cor fúcsia. Engraçado, mas acho que aquele muro alto havia sido mais baixo na época em que me mudei.

O asilo marcou muito a minha infância, pois dele só se ouviam vozes e risos que vinham de um local próximo à casa 50, que eu achava ser uma espécie de galpão que servia de lugar de recreação para as internas. Da varanda do segundo andar da minha casa podíamos ver os andares mais altos do casarão, cujas janelas muito altas eram gradeadas. Acho que aí ficavam localizados os dormitórios, porque sempre no final da tarde as internas, creio que as órfãs mais velhas, subiam nas janelas e acenavam e gritavam para nós, pedindo para sair de lá. Logo em seguida vinha alguém que as tirava de lá, fazia-se o silêncio e a luz era apagada.

Aconteceu um fato muito interessante quando minha mãe faleceu e eu esvaziava a casa para ser vendida. Estava na varanda quando vi um carro estacionar em frente a nossa casa. Dele saltou uma moça e perguntou

se a casa estava à venda e se poderia visitá-la. Quando abri a porta ela começou a me contar que ela queria muito entrar naquela casa, pois a mãe dela, ainda viva, ficou órfã muito pequena, tendo sido internada naquele educandário, de onde só saiu quando fez 18 anos. Para a minha tranquilidade, me contou que a mãe sempre diz que fora muito feliz ali, onde aprendeu a ler, escrever, bordar e cozinhar. Só sentia falta de sair para passear e conhecer o mundo lá de fora.

Não poderia deixar de falar do tempo da II Mundial, que trouxe muitas mudanças para a rua e em nossas vidas. Eu adorava ir com minha mãe ou minha avó para as filas levando os cartões de abastecimento. Como não havia quase gasolina, os poucos carros da rua foram transformados para receber o gasogênio. Quando caía a noite, tínhamos que fechar as pesadas cortinas das janelas que davam para fora da casa, a fim de evitar a ameaça de bombardeio por aviões dos inimigos. Como fui sempre muito medrosa, morria de medo. Já meu irmão Eduardo, que adorava brincar de guerra, influenciado pelo clima vigente da época, achava aquilo tudo sensacional. Muitos familiares eram convocados para lutar pela FEB quando o Brasil entrou para o lado dos Aliados. Eu mesma tive um tio médico do Exército que foi e ficou baseado em Monte Castelo. Quando ele retornou da guerra, tornou-se o *pop star* da família, e dávamos tudo para ouvir seus relatos.



Curiosidades e personagens inesquecíveis

Conforme as crianças foram nascendo nas diferentes casas, babás iam surgindo, assim como outras empregadas, para trabalhar nas casas. Lembro muito a que foi ser babá dos filhos do casal Pucheu. Era uma senhora nortista, muito magrinha. Simpática e abnegada, porque acabava tomando conta de muitas outras crianças moradoras da rua que iam brincar na casa da dona Mary. Eu ainda morava lá quando o André Luiz nasceu e, se não me engano, tinha uma babá de nome Nina. A essas personagens se juntavam inúmeras e fiéis trabalhadoras das outras casas, que adoravam se encontrar nos portões para trocar informações sobre os moradores. Sabiam de tudo e fofocavam muito, mas, ao mesmo tempo, prestavam um verdadeiro serviço de segurança para todos.

Havia o senhor Manuel, português, que era jardineiro e também faxineiro em quase todas as casas. Sua mulher, dona Maria, lavava e passava as roupas de alguns moradores. Bem mais tarde Manoel trazia o filho do casal, Luiz, para ajudá-lo, mas que acabava requisitado para se juntar às brincadeiras da meninada.

Naquele tempo nas ruas do Rio de Janeiro era muito comum a presença de vendedores ambulantes que apregoavam alto e, às vezes, de forma bem original, os produtos que vendiam. Alguns frequentavam a Pinto da Rocha.

O Pedro Leite entregava cedinho pela manhã nas nossas portas o leite que vinha nas garrafinhas de vidro da

CCPL. O Turco, mascate, vendia pequenas joias de ouro de baixo quilate que minha avó Yayá adorava ofertar às suas várias netas e sobrinhas. Ele adorava conversar. Quanto mais chorava com saudades do Líbano, sua terra natal, e contava as agruras por que passava como imigrante, mais minha avó se apiedava dele e comprava mais badulaques, além de lhe oferecer almoço e lanche. Todos nós adorávamos imitar a língua que ele falava.

O amolador de faca... O peixeiro, italiano, trazia todos os dias peixe fresco e brincava conosco gritando “peixeiro, camaron, tá podre ma tá bão”.

Os garis mais brincavam com a gente e catavam as soberbas mangas espada da mangueira do final da rua do que a varriam. Essa mangueira que ainda existe e que julgo ser centenária está atualmente bastante combalida, mas continua sujando a rua naquele pedaço com as mangas que caem. Até antes de a Travessa ter sido fechada pelos moradores, atraía muitas pessoas de fora que ali vinham com paus enormes e pedras para tirar as frutas. Para terror dos que estacionavam seus carros naquele trecho da rua. A árvore foi por muito tempo a vedete natural da rua e fazia a alegria de muita gente, principalmente dos frentistas do posto de gasolina da esquina.

Inesquecíveis também foram alguns cachorros de estimação do meu tempo. Diana, minha cadela que ganhei quando nasci. Era mestiça da raça Lulu da Pomerânia, de cor bege. Todos os anos ficava grávida dos cachorros do Líbero, para tristeza da minha avó Yayá e da mamãe.

Líbero naquele tempo tinha três cachorros. Lembro-me de um boxer, um bassê e depois de um lindo e bravo policial alemão, chamado Brutus, que era o seu orgulho. Toda tarde passeávamos com os cachorros até a esquina, e a brincadeira era fazer o Brutus fingir que atacava as pessoas que passavam por ali. Éramos terríveis, ainda bem que minha mãe nem imaginava que isso pudesse acontecer.

Ainda havia os inúmeros papagaios e pássaros que minha avó ganhava de presente dos meus parentes do Piauí. Esses papagaios eram treinados nas fazendas e alguns deles cantavam forró, assoviavam como gente e falavam palavrões. Eram um sucesso...

O Ônibus Número 43 partia da esquina da Rua Coelho Neto e era o ponto de encontro dos que iam para o centro da cidade. Seu trajeto passava pela Rua Paissandu, pela Praia do Flamengo ou Rua do Catete e chegava até o Largo da Carioca, ponto final da viagem. Era usado também pelos que iam a médicos e dentistas, ou ainda fazer compras no centro. Eu adorava andar nele com minha avó para ir tomar lanche na Confeitaria Colombo, linda e igualzinha até os dias de hoje.

Os parentes do Piauí

Meu pai nasceu no Piauí, e veio para o Rio de Janeiro trazido por seu irmão mais velho, Hugo, a fim de trabalhar e terminar os estudos de Direito. No Piauí até hoje tenho inúmeros primos, de várias gerações. Só meu pai

teve 10 irmãos, dos quais descendem vários parentes meus. Durante muitos anos continuamos os recebendo em casa para visitar, estudar e morar. No meu tempo, a maioria veio para estudar e nos fazer boa e alegre companhia, pois como naquele tempo minha mãe não me deixava sair de casa sozinha, eles eram meus grandes companheiros e amigos. Por um bom tempo o irmão mais moço de meu pai, Benedito, morou em nossa casa. Era muito inteligente, culto e poeta. Fazia pesquisas de vários assuntos no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e foi ele o grande influenciador por eu ter seguido a carreira de Museologia e ter até hoje como meu passatempo preferido o hábito da leitura, herança que passei para as minhas filhas.

Outros acontecimentos alegres e/ou tristes

Meus pais costumavam realizar duas festas grandes anuais, além dos festejos menores dos nossos aniversários: Natal e Ano Novo. Na ocasião, vestíamos roupas novas confeccionadas por minha avó Yayá, exímia costureira. As comidas eram quase todas feitas em casa, e ficaram famosas as receitas da Yayá, de bolos, doces, bacalhau, assados. A casa ficava cheia de flores com os bonitos arranjos feitos por minha mãe. Fazíamos muitas brincadeiras na varanda, onde passávamos a maior parte de nosso tempo de lazer.

Existiam noites em que a rua se enchia do som das músicas clássicas vindas da casa dos Pucheu, que organizavam saraus de música, denominados Mardi Musical, aos

quais acorriam melômanos, pianistas e músicos famosos. Era um deleite ouvir aquela maravilhosa música que tanto educou os nossos ouvidos.

Falar no Fluminense Futebol Clube é falar de minha adolescência, de quando resolvi aprender a jogar tênis a fim de socializar, exercitar e, por que não, paquerar. Jogava com colegas de minha classe do colégio, cujos irmãos jogavam muito bem e eram companheiros de meus vizinhos Mário, Luiz, Gugu, Carlinhos, todos campeões de tênis, para orgulho da nossa rua. É relembrar as animadas tardes dançantes aos domingos e os grandes bailes de formatura. Como não podíamos ir sozinhas, minhas colegas, primas e eu tínhamos sempre em minha casa um primo do Piauí, que estava estudando na nossa casa, que nos acompanhava. Uns dançavam bem, como o Hélio, outros só pisavam no pé e não nos deixavam namorar. Naqueles lindos e amplos salões de baile foi comemorado o meu baile de formatura do colégio.

E como não falar aqui dos dias de jogo de futebol no Fluminense, que incomodavam todos nós, com os torcedores entupindo a nossa rua com seus carros, tirando as vagas dos moradores, subindo às calçadas e promovendo muita algazarra.

Lá pelos anos 1950, nossa casa passou a ser palco de muitos casamentos: o primeiro foi da minha prima Norma com Enio Tavares, guarda-marinha que fez um casamento lindo com direito a túnel de espadas, muitas danças, paqueras mil, flores e muitas alegrias. Em segui-

da me casei em 1955, e comemoramos com um almoço muito caprichado para as famílias dos noivos e alguns amigos e padrinhos. Depois houve o casamento da Zilda, muito lindo também. Após muito tempo ter se passado na rua, Artur, meu primo de segunda geração do Piauí, casou-se, para alegria de todos, com a Júnia, filha do Líbero e da Lígia, moradores da casa 50.

Quando me casei fui morar em Ipanema, mas frequentava quase todo dia a rua, pois enquanto não trabalhava passava os dias em casa de meus pais. Quando minhas três filhas – Paula, Luciana e Beatriz – nasceram, voltei a morar próxima à Pinto da Rocha, num prédio da Rua Pinheiro Machado, ao lado do posto de gasolina. Aí voltei praticamente a nossa rua. Mais tarde vim morar em Santa Teresa, mas a Pinto da Rocha continuava meu pit stop. Levava as meninas ao colégio e passava praticamente o dia em casa de minha mãe, onde à tarde, quando meu irmão voltava do trabalho da Marinha, havia um enorme lanche com toda a família junta.

As tristezas

A primeira foi quando meu irmão passou no concurso da Marinha e foi estudar no Colégio Naval, em Angra dos Reis. Só vinha para casa nas folgas, feriados e férias, e todos sentimos muita falta dele.

Anos depois morreu o Gany (Gunther), vizinho nosso e grande amigo de meu irmão, companheiro de aventuras

marítimas, pois, se não me engano, tinham um barco de parceria. Foi uma enorme comoção na rua, pois ele morreu muito jovem.

Mais tarde, em nossa casa morreram meu tio Ramiro, meu irmão, minha avó, meu pai e, em 2007, minha mãe. Vários vizinhos queridos dos tempos antigos depois foram morrendo, outros se mudaram e as casas foram vendidas. E assim a vizinhança foi mudando seu antigo perfil.

Os dias de hoje

Frequento pouco a rua. Antes da pandemia ia mais vezes, principalmente para visitar minha amiga Claudia e os parentes do Piauí, que agora, devido ao casamento da Júnia, filha do Líbero, com o meu primo Artur, passaram a se hospedar na casa 50.

Se fico triste por ver a ruína em que se transformou a casa de meus pais, vítima de uma reforma embargada por vários motivos, e pelo deplorável estado de conservação da casa vizinha, fico também muito alegre em ver o capricho e a conservação dos jardins das diferentes casas, muito bem cuidadas e, agora, com maior segurança devido ao portão fechando a rua.

Mas quase não vejo crianças brincando. Talvez por terem perdido o hábito de brincar numa rua deliciosa como a Pinto da Rocha.



A casa dos meus avós

Bia Novaes

Casa de avós é coisa séria, criança adora! Imagine uma em que, além de avó e avô, ainda moravam minha bisa e meu tio Eduardo. Moravam também a Marcelina e a Olga, que trabalhavam na casa por muitos anos. Marcelina era a quituteira, aprendeu tudo com a minha bisa e fazia todas as guloseimas de que as crianças gostavam. Lembro ainda o cheirinho da comida recém-preparada nos almoços de domingo da família. A Olga, uma pessoa incrível, superdoce, tinha o maior jeito com as crianças.

Ali era meu paraíso, lugar onde passava a maior parte dos meus finais de semana e muitos dias quando estava de férias. Uma travessa que parecia uma vila, pequena, aconchegante, onde todos se conheciam por gerações e as crianças tinham a liberdade de brincarem soltas, sem perigo e sem limite de tempo.

A casa dos meus avós sempre foi um lugar que agregava a família toda. Havia os famosos almoços aos domingos, onde, além dos meus avós e da Yayá, minha bisa, sempre estavam minha mãe, meu tio Eduardo e minhas irmãs. Dependendo da data, se fosse aniversário ou outras comemorações, apareciam também meu pai, minha tia e madrinha Norma, meu padrinho Ênio e meus primos mais próximos Marcelo e Cláudio.

Meu avô era uma pessoa incrível, corretíssimo, generoso e amoroso. Advogado supercompetente e dedicado,



amava o que fazia e trabalhou até seu último dia de vida aos 96 anos. Veio de uma família muito grande e humilde do Piauí. Eram nove irmãos, e ele logo cedo se transferiu para cá para cursar a Faculdade Federal de Direito do Rio de Janeiro. Valorizava muito o trabalho, o esforço, pois isso se refletia no seu estilo de vida, e tudo que conseguiu foi através de muito trabalho e dedicação. Lembro que sempre falava para mim e minhas irmãs

que estudos, profissão e o trabalho eram tudo. Muitos parentes sempre apareciam na casa do vovô Rego para pedir conselhos e tutoria. Tinham uma imensa admiração por ele.

Depois do jantar, assistíamos ao noticiário do Jornal Nacional e depois, enquanto passavam as novelas, ele ficava debruçado nos processos jurídicos, trabalhando até tarde. Os clientes ficavam amigos do meu avô até morrer. Muitos portugueses comerciantes e empresários do Rio eram clientes dele. Não posso esquecer que, quando chegava perto do Natal, ele começava a receber as cestas de presente, e nós crianças ficávamos alucinadas para ver as guloseimas que chegavam. Era como receber um tesouro a cada dia.

As mais concorridas tinham os produtos da Confeitaria Colombo: Biscoito Leque com cheiro de baunilha e tostadinho, docinhos, compotas e outras coisas gostosas. Meu avô tinha escritório de advocacia no Edifício Avenida Central, mas todos os dias fazia questão de almoçar em casa. Fazia sua refeição com minha avó, tirava uma sesta rápida de 30 a 40 minutos e voltava para o trabalho. Eu achava aquela atitude de companheirismo com minha avó muito bacana e amorosa.

Como tinha família no Nordeste, muitos sobrinhos vieram para o Rio de Janeiro fazer universidade e moravam por anos na casa dos meus avós. Depois foi a vez dos sobrinhos netos que vinham fazer pós-graduação ou residência médica. Meus avós abrigavam todos que precisavam com o maior carinho e generosidade.

Foi sempre uma casa supermovimentada com pessoas indo e vindo. Eu mesma, que morava em Santa Teresa e sempre estudei perto de Laranjeiras, fazia da casa dos meus avós a minha durante o dia. Estudava lá, ia para a Cultura Inglesa, jogava meu tênis no Fluminense e, mais tarde, fazia trabalhos em grupo com minhas colegas da Faculdade de Arquitetura Santa Úrsula, que ficava na Pinheiro Machado. O lanchinho gostoso nunca faltava nos fins de tarde.

Ainda lembro o capricho dos waffles que minha bisa fazia para a gente comer com mel, o sanduíche de queijo na chapa, os bolos da Marcelina, principalmente o de maçã com cerveja e canela... e o melhor: o mingau de maisena da minha bisa, demais! Sabores da infância que ficam nas lembranças gustativas.

Minha avó Cri era elegantíssima e a pessoa mais equilibrada que conheci. Era muito respeitada por todos, mas com ela não tinha moleza, as regras eram claras e objetivas. A casa, sempre um brinco na arrumação e nos cuidados de decoração. Amava ficar no quarto dela olhando o baú de fotografias antigas – que sempre foi minha paixão – e ela ia me contando as histórias de cada foto, das pessoas que ali apareciam e dos episódios da vida que ia relembrando. Para mim era uma viagem ao passado dos meus parentes e amigos de família. Amava as histórias da infância dela no forte São João da Urca, onde moravam o tio e primos, da sua juventude em São João del Rei, os saraus e depois a tuberculose. Achava minha avó a pessoa mais resiliente do mundo. Teve tuberculose aos 27 anos, e naquela época você tinha que ir para um

sanatório sem a certeza da cura. Lá ela passou um ano de vida e, como já namorava meu avô, acabou casando-se com ele na capelinha do próprio sanatório. Já imaginou a coragem e ousadia desses jovens apaixonados?

Depois vinham as suas conversas sobre a vida de casados, os concertos no municipal, Copacabana, onde moraram em uma vila na Rua Santa Clara, para onde se mudaram logo antes de minha mãe nascer, e depois a Pinto da Rocha, em 1938.

Outra coisa memorável era sua paixão pelo Natal. Minha avó preparava a casa como ninguém, a festa da família era sempre lá. Ela preparava uma lista de presentes para todas as crianças próximas. Eu amava ir com ela ao Saa-ra para ajudá-la com os presentes, principalmente com os das crianças. Voltávamos para casa com muitos, eu ajudava a embrulhar cada um deles e a colocar as etiquetas de identificação. Depois ia colocando os presentes já embrulhados em cima do armário, que ficava lotado até o teto. A pilha ia crescendo, era sinal de que o Natal se aproximava.

Minha bisa Yayá era a paixão da minha vida e minha protetora mor. Ela era emoção pura, amor, carinho, sensibilidade ao extremo. Chorava com as novelas, gritava quando estava animada, dava gargalhadas e adorava comer bem.

Tinha o temperamento muito diferente do da minha avó, que era supercontrolada e equilibrada. Yayá adorava saber de um romance, não perdia a oportunidade de

aconselhar minhas irmãs e as amigas delas. Uma figura única e com história de vida incrível.

Nasceu na época da escravatura, contava as histórias da fazenda de Campos onde nasceu. Foi criada na maior mordomia, mas aos 18 anos a família perdeu tudo e teve que vir para o Rio de Janeiro para refazer a vida. Passou a trabalhar para fora, costurava como ninguém, alta costura, vestidos de festa e de casamento. Uma guerreira que trabalhava incansavelmente costurando ou fazendo quitutes na casa da minha avó.

Cozinhava maravilhosamente bem e era a tutora da Marcelina, cozinheira da minha avó. Sua especialidade eram os doces. Lembro-me de todas as delícias que fazia: espumona, pudins, bolos, waffles, papos de anjo, compotas e outros. Minha Yayá também era extremamente religiosa e devota do Coração de Jesus, rezava muito para a família toda. Amava as novelas, lembro-me dela ouvindo a Direito de Nascer pelo rádio. Vibrava com os personagens e logicamente com os romances e intrigas. Hora das novelas para ela era sagrada, parava tudo para acompanhar.

Meu tio Eduardo era uma das pessoas mais incríveis e altruístas que conheci. Amava as sobrinhas como filhas, fazia passeios com a gente desde pequenas pela floresta da Tijuca, pela Praia do Pepino – que na época só atravessando trilhas para chegar –, e íamos à Barra da Tijuca com seu fusca, aonde ninguém se aventurava a ir. Era um aventureiro, amava trilhas, passeios de bicicleta, escaladas, em época que poucos faziam isso como amator.

Sempre nos levava, não tinha restrições para que convidássemos nossas amigas.

Adorava carros. Tinha um Jaguar antigo que comprou do meu pai, sua diversão era mexer e consertar o carro nos finais de semana. Quando andava e estava ok, levava a gente para passear com a capota aberta. Era engenheiro mecânico da Marinha e capitão de corveta do porta-aviões Minas Gerais. Em muitos sábados nos levava até onde ficava ancorado, para visitá-lo. Éramos como filhas dele. Acabou falecendo muito jovem em um acidente de carro na estrada Rio-Teresópolis. Foi um baque para a família toda.

Tinha apenas 33 anos, era uma pessoa cheia de vida e energia, ninguém esperava pelo que ocorreu. Estava na casa da minha avó por ocasião da notícia, lembro perfeitamente. O choque geral para todos, pois ele era muito amado. Só ficaram as boas lembranças de nossas aventuras, dos tempos em Teresópolis que ele amava muito e do carinho que tinha por nós, suas meninas. Além de maravilhoso, meu tio era lindo, altíssimo – 1,90 metro – e charmoso. Eu admirava seus uniformes de gala da Marinha com aquela capa branca, parecia um artista de cinema e nós, meninas, tínhamos o maior ciúme dele com as namoradas que ele nos apresentava.

Marcelina, desde que a conheci, era a quituteira oficial da casa da minha avó. Piauiense como o meu avô, superdedicada, cozinhava maravilhosamente bem. Melhor carne assada com batatas que já comi, também os bolinhos

de bacalhau, suflês e empadinhas, camarão empanado etc. Aprendeu muitas coisas com a minha bisa, sempre estava disposta a agradar aos sabores da família, principalmente os do meu tio Eduardo.

Olga era a fiel escudeira da Marcelina. Ajudava nos serviços e na arrumação da casa. Era uma negra muito bonita, alta. Adorava uma farda da Marinha, talvez por conta das influências do meu tio Eduardo. Passava como ninguém as fardas dele.

O local da casa em que eu mais gostava de brincar era no balanço que ficava no pátio dos fundos. Adorava fingir que era meu barco, ali eu imaginava dias de mar tranquilo e também tempestades ou ataques de grandes peixes.

Além do balanço, havia o corredor que dava para a porta lateral da sala, perfeito para pular amarelinha, e a varanda do quarto da minha avó, onde ficava a máquina de costura da Yayá. Em dias de chuva eu adorava ficar costurando com ela para minhas bonecas. Ela me ensinava a fazer as roupinhas e até moldes. Talvez venha daí o meu gosto por moda. Também na varanda havia a rede do meu avô, onde eu adorava me balançar e ler. Ficava em casa quando o tempo estava ruim ou chuvoso. Fora isso, era sempre a rua onde mais brincávamos.



Um cenário de luta armada, da varanda da vovó

Lembro-me de um dia em que a Travessa foi fechada por tanques de guerra. Eu estava passando o final de semana na casa dos meus avós e quando acordei soube pela Marcelina que a Travessa estava fechada por soldados e tanques em posição de combate. Todo o mundo ficou apavorado!

Era o endurecimento da ditadura com o anúncio do AI 5, o Ato Institucional Número 5, em dezembro de 1968. Como a Travessa ficava muito próxima ao Palácio Guanabara, resolveram fechá-la, como também parte da Pinheiro Machado, por precaução. Eu era bem pequena, mas foi motivo de explicação e conversa da família sobre as questões políticas do momento e tudo que poderia acontecer. Tempos de instabilidade política, sobretudo no Brasil. Apesar de a capital federal ter sido transferida em 1960, o Rio de Janeiro ainda tinha um peso político muito forte, e tudo que acontecia se refletia no Palácio Guanabara.

É curiosa essa questão de noções de espaço. Quando pequena, achava o pátio da casa da minha avó bem grande, mas depois, quando meus filhos nasceram e voltava lá para visitar, notava que a noção de espaço das crianças é muito diferente. Aquilo que para mim tinha parecido enorme não era na realidade tão grande. Porém, gigantes são o prazer e a felicidade de ter vivido parte da minha infância nesta Travessa, com a família em volta, os amigos que fiz – muitos de vida toda – e as experiências que vão ficar sempre marcadas em minhas lembranças de criança e no meu coração.

Minhas lembranças

Paula Novaes Fernandes

Sempre fui muito apegada a minha mãe e preferia sempre ficar em Santa Teresa nos finais de semana a dormir na casa dos nossos avós, talvez por ser a filha mais velha. Tinha muita amizade com a família Antonaccio, principalmente com a Júnia, que regulava com a minha idade. Não faltava, porém, aos almoços dos domingos, nem às brincadeiras de rua da garotada.

Uma travessa pequena, protegida, sem saída. Para mim era gigante em muitos outros sentidos! Cheia de alegria, amor e segurança, todos se conheciam, se apoiavam como uma grande família. Quando não estava na casa de meus avós, brincava na casa dos Antonaccio com Cláudia, Júnia e Adriana, ou na rua, quando a turma se juntava para brincadeiras de rodas ou queimados.

Meus avós maternos moravam no final dessa travessa, ao lado de uma mangueira espetacular, muito frondosa, perfumada sobretudo nas noites quentes de verão. Mangueira também generosa, cujos frutos eram disputados pelos moradores da rua. Quantas vezes vimos nossa bisá pedir a alguém para retirar as mangas maduras para fazer doces e compotas.

Brinquei muito ali, tinha aulas de inglês também – com Mrs. Anita, que morava ao lado da casa dos meus avós – e criei meus primeiros vestidos, que dona Ana executava com o maior profissionalismo. Nessa época era comum as famílias terem costura caseira. Escolhíamos os tecidos

em pequenas amostras, selecionávamos os modelos em revistas de moda ou copiávamos de modelos de artistas famosos. Lembro a Rita Pavonne e seu modelito de macacão que foi uma novidade no Brasil. As adolescentes amavam!

Exercitei minha imaginação e ousadia, também passei por momentos históricos marcantes, como o primeiro homem que pisou na lua, a morte do Kennedy – que foi uma comoção geral no mundo – e a Revolução de 1964, vivenciada com muita emoção na Travessa por esta localizar-se muito próxima ao Palácio Guanabara.

Foi um local fundamental na minha formação e referência de família, amigos queridos e tradição. Sempre vai estar presente nas minhas lembranças.



Lembranças da Travessa

Luciana Novaes

A minha primeira lembrança do que anos depois eu entenderia como impermanência foi registrada no limite da Travessa Pinto da Rocha com a Rua Pinheiro Machado. Eu estava no bem bom olhando para o céu, deitada num berço ao ar livre na cobertura de um prédio, quando começou um vento inquieto formando redemoinhos, vento que logo se transformou em vendaval. Eu percebia o berço balançando cada vez com mais intensidade, e em seguida o som de vozes aflitas vindas do andar de baixo e o reboiço de pessoas se movimentando. Quem chegou primeiro à beira do berço foi minha irmã Paula, liderando o resgate do bebê que estava à mercê da tempestade.

Mais tarde se solidificou em mim a percepção calorosa do balanço de uma rede na varanda no início da noite, onde eu me deitava com o meu avô Antônio para ouvir notícias da capital transmitidas pelo rádio na Hora do Brasil. E o que para muitos era considerado o horário mais enfadonho do dia, porque o programa era imposto a todos os cidadãos brasileiros, para mim era uma hora sublime por estar com o meu avô balançando na rede.

Outro hábito que adorava era ir à casa da dona Mary Pucheu depois do almoço para ouvir ela me contar a história de um menino que nadava no mar e era atacado por um tubarão. Eu me deitava na cama dela, viajava naquele mar, ficava aterrorizada com as ondas e com

o ataque do tubarão. Que paciência ela tinha, sempre oferecia a opção de me contar uma outra história, mas eu só queria ouvir a mesma.

Lembro-me claramente das barricadas feitas com sacos de areia e guardas fortemente armados nas proximidades do Palácio Guanabara durante o golpe militar. Eu pedia para as minhas babás me levarem até lá para ver o que estava acontecendo. Nesse trajeto muitas vezes testei os limites do perigo ao desobedecer às ordens das babás e atravessar a Pinheiro Machado me precipitando entre os carros. Na volta eu já sabia, era castigo na certa.

Apaixonei-me por matemática calculando problemas complexos formulados pela minha avó Crimilde durante o nosso café da manhã, enquanto a bisavó Yayá preparava o mingau. E mais tarde, quando já dominava a tabuada, eu passava algumas horas trabalhando de caixa na lanchonete do posto de gasolina da esquina. Meu trabalho era pago com pedaços de pizza.

A Pinto da Rocha era o reino da brincadeira de todas as crianças que moravam na rua e nas proximidades. Uma farrá só: jogávamos amarelinha, queimado, brincávamos de boneca, encenávamos peças de teatro, fazíamos festas de São João e praticamente tínhamos a rua só para brincar. A exceção eram os dias dos jogos de futebol no campo do Fluminense, quando a rua era invadida pelos carros dos torcedores e virava um estacionamento desordenado. As crianças ficavam tristes e entediadas. Encostadas nos carros com as pernas

sempre machucadas de tanto brincar, muitas vezes nos vingávamos esvaziando os pneus. Afinal aquele era o nosso território: a Pinto da Rocha era das crianças!



Casa 50

Família Antonaccio

A casa foi construída na década de 1930 pelo senhor João Antonaccio, italiano da Calábria, chamado carinhosamente pela vizinhança de senhor Joãozinho. Lá moravam o casal e os filhos Líbero e Itália.

Adorado por todos, nas festividades de São João organizava uma festa para toda a vizinhança em homenagem ao santo, seu padroeiro. A rua era fechada para a realização da festa.

Líbero, filho do senhor João, ao se casar com Lígia, continuou morando na casa da família, onde tiveram as filhas Cláudia, Júnia e Adriana. Cláudia mora na casa até os dias de hoje.



Sorte de morar na Pinto da Rocha

Cláudia Antonaccio

Tivemos muita sorte em crescer na Pinto da Rocha, uma travessa sem saída que foi o nosso playground e continua sendo um privilégio para uns poucos como nós.

Não brincávamos nas casas e sim na rua, onde não havia carros estacionados, muito menos algum perigo à vista. Era jogar queimado, andar de bicicleta, de patins, patinete. Conforme fomos crescendo, nossas atividades mudavam. Passávamos a curtir desfiles de miss, a ter nosso próprio roteiro musical. Tínhamos horário para ficar na rua, e na hora do lanche nossas famosas babás nos chamavam.

Lembro sempre o meu avô Joãozinho, que ao entrar na Travessa dava balas para todos nós, do mesmo jeito que patrocinava diversas festas juninas. Lembro o Pelé e seu cachorro Mazola, os brindes que “seo” Pedrinho, dono do posto, nos dava, da babazinha da casa dos Pucheu, tão pequenina mas sempre de olho na gente; mais do que de olho, a babá do André Luiz sabia de tudo o que acontecia.

Tínhamos total liberdade de entrar em casa e sair para a rua e vice-versa, sem nos preocuparmos com nada.



Emoções do passado costurando o presente e o futuro



Este projeto reforça a ideia de que as ruas por onde passamos, vivemos e convivemos, assim como as cidades onde moramos, desempenham um papel muito importante e marcante em nossas vidas. Esta Travessa é um exemplo vivo de famílias que conviveram e guardaram recordações de um tempo que não volta mais, porém são registros sociais e urbanos interessantes para se entender redes e relações com o território da cidade.

Reverendo os relatos, passamos por gerações de famílias com hábitos diferentes, brincadeiras distintas, mas que se integraram, criando laços fortes e trocas de ensinamentos. Chamou-me a atenção quantas origens diferentes existiam naquela simples travessa, e como era boa a convivência saudável de entender olhares e culturas tão diversas. Ali conviviam cariocas, nordestinos, mineiros, portugueses, descendentes de franceses, ingleses, alemães, italianos, todos juntos e misturados como uma grande família. Quem teve a oportunidade de vivenciar a Travessa não vai esquecer, guardando na



memória o carinho e a alegria de uma infância e adolescência no Rio de Janeiro do período do final dos anos 1930 até os dias de hoje.

O projeto foi tomando corpo e, então, como não falar do histórico do bairro onde a Travessa está, das mudanças urbanas que ocorreram no entorno, assim como dos prédios com valor arquitetônico relevante que ficaram preservados. Entender a Travessa inserida no bairro e no contexto do Rio de Janeiro nos ajuda a refletir sobre o crescimento, a transformação e a modernização das cidades.

Cada vez mais precisamos nos informar e nos envolver com as questões urbanas, pois somente dessa forma, exercendo nossa cidadania, podemos contribuir com a qualidade de vida dos nossos bairros, preservando igualmente nosso patrimônio cultural e histórico.





Sobre a autora



Beatriz Novaes é pós-graduada em Planejamento Urbano pela UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e Administração de Empresas pela FGV (Fundação Getúlio Vargas), bacharel em Arquitetura pela Universidade Santa Úrsula.

Seu envolvimento com a cidade e seus desafios se iniciou em 1978, trabalhando no BNH (Banco Nacional de Habitação) em projetos de habitação de baixa renda e urbanização de favelas.

Desde 2009 trabalha com gestão de projetos na área de educação e é voluntária e conselheira da AMOUR (Associação de Moradores da Urca), assim como atua em programas e projetos de ONGs, no setor educacional.

Sua paixão por arte, fotografia e história da evolução das cidades a motivou ainda mais a escrever livros sobre o desenvolvimento urbano de bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Contar a história da cidade e de seus bairros, sob esse ângulo, é sua forma de inspirar os leitores – principalmente os jovens – a refletirem sobre cidadania. E sobre como podem contribuir, e muito, participando da melhoria da qualidade de vida do local onde vivem.

Créditos

EDUARDO RIBAS

Fotos das páginas 68, 70, 71, 75, 77, 78, 80, 82, 85, 87, 89, 91, 92, 93, 97, 98, 99 e fotos de todas as casas da Travessa Pinto da Rocha.

BEATRIZ NOVAES

Foto da página 99

RENNY PEREIRA, BRUNA MARIE

Ilustrações e ícones

FOTO PÁGINA 66 - PALÁCIO DAS LARANJEIRAS

Wikipédia Creative Commons – Donatas Dabravolskas

Referências bibliográficas

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1964.

ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplan/Jorge Zahar Editor, 1987.

ASSIS, Machado de. *Crônicas – vol. 3*. Rio de Janeiro: Jackson, 1937.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia e Prosa – vol. 2*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1958.

BERGER, Paulo. *Dicionário das Ruas do Rio de Janeiro – Da Glória ao Cosme Velho*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1989.

BERTICHEM, Pieter Godfred. *O Rio de Janeiro e seus Arrabaldes, 1856*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1976.

BUENO, Alexei. *Rio Belle Époque – Álbum de Imagens*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2015.

COHEN, Alberto A.; GORBERG Samuel. *Rio de Janeiro – O Cotidiano Carioca no Início do Século XX*. Rio de Janeiro: AA Cohen Editora, 2007.

CORREA, Magalhães. *Terra Carioca – Fontes e Chafarizes*. Coleção Memória do Rio. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939.

COSTA, Nelson. *O Rio de Ontem e de Hoje*. Rio de Janeiro: Leo Editores, 1958.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1978.

DUNLOP, Charles J. *Subsídios para a História do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rio Antigo, 1957.

FERREZ, Gilberto. *Pioneiros da Cultura do Café na Era de Independência – A Iconografia Primitiva do Café*. Rio de Janeiro: IHGB, 1972.

GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal, Secretaria de Educação e Cultura, 1954.

GONÇALVES, Aureliano Restier. *Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – Terras e Fatos*. Coleção Memória Carioca. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

GRAHAM, Maria. *Diário de Uma Viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

LIMA, Alceu Amoroso. *Adeus à Disponibilidade e Outros Adeuses*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

- MEIRELES, Cecília. *O Anjo da Noite*. Rio de Janeiro: Quadrante, 1963.
- MELO, Victor. *Rio Esportivo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.
- MONTEIRO, Tobias. *História do Império – O Primeiro Reinado*. São Paulo: EDUSP, 1982.
- PAMPLONA, Patricia; FAJARDO, Washington. *Transformações Urbanísticas*. Rio de Janeiro: ID Cultural, 2016.
- PARENTE, José Inacio; MONTE-MOR, Patrícia (orgs.). *Rio de Janeiro – Retratos da Cidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interior Produções, 1994.
- POUGY, José. *O Bairro das Águas Férreas*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2009.
- POUGY, José. *Laranjeiras – A Ocupação do Vale do Rio Carioca*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2019.
- SANDRONI, Cícero. *Cosme Velho*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador – Dom Pedro II, um Monarca nos Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Beatriz Coelho; AJUZ, Christine. *Palácio das Laranjeiras*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.
- SPIX, J.B.; MARTIUS, C.P.F. *Viagem pelo Brasil (1817-1820) – vol. 1*. Rio de Janeiro: Lahmeyer/Imprensa Nacional, 1938.



Complementos

Sites

- www.wikipedia.org
- www.amal.org.br
- www.diariodorio.com
- www.bairrodaslaranjeiras.com.br
- www.ines.gov.br
- www.institutocasarobertomarinho.org.br
- www.tremdocorcovado.rio
- www.fluminense.com.br
- www.riopasseiostrilhas.com
- www.multirio.rio.rj.gov.br/index.php/reportagens/14713-laranjeiras,-leito-do-rio-carioca-e-de-muitas-histórias
- www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/23407/laranjeiras-bairro-rural-e-aristocratico
- www.vanesalopez.wordpress.com/pesquisas/laranjeiras-e-cosme-velho



Vídeos

www.youtube.com/watch?v=4VYGJvM3NdU (A Importância do Rio Carioca)

www.youtube.com/watch?v=OERwIh_Tjzk (Carioca - o Rio Sagrado)

www.facebook.com/watch/?v=966774650193356 (Conheça a História do Rio Carioca)

<https://www.youtube.com/watch?v=oiWZ1KZSEQ> (Memorial da Pediatria Brasileira)

Publicações institucionais

ALVES DO CARMO, Gustavo Reinaldo. O Palácio das Laranjeiras e a *Belle Époque* no Rio de Janeiro (1909-1914). In: *XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. Anais*. São Paulo, jul. 2011.

SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venicio; LYRA, Maria de Lourdes Viana (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional - Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

